

# ROSAIS<sup>1</sup>

Artur Lobo

Ao Gustavo Santiago



## I

[214]<sup>2</sup> Quando eu cheguei aos *Rosais* pela primeira e derradeira vez, maio floria.

Carlos, o amigo exemplar, esperava-me à estação; abraçamo-nos comovidos. Depois, defronte de mim, apertando-me ambas as mãos e encarando-me com uma surpresa que me lisonjeou, escapou-lhe esta exclamação:

– Como estás diferente!

– Também tu estás bem diverso! – exclamei por meu turno, sem procurar dissimular a triste impressão que me causou o seu aspecto devastado pela enfermidade.

– Que queres? – inquiriu ele, com um movimento desdenhoso de ombros – Vai-se envelhecendo a gente gloriosamente.

– Continuas a sofrer?

---

<sup>1</sup> LOBO, Arthur. *Rosais*. In:\_. *Seleção (Prosa e verso)*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Letras, 2012 [1899].

<sup>2</sup> Os números entre colchetes correspondem aos números das páginas da referência.

- Resignadamente, bem vês. Mas, partamos; temos que andar.
- Moras longe, então?
- Não muito, verás.

Comovidos e silenciosos, começamos a caminhar; dominados pela mesma emoção, era-nos agradável o silêncio.

Recordo-me distintamente da salubre disposição de espírito em que me achava quando ali cheguei, àquela antiga e severa cidade provinciana, aonde eu ia buscar um repouso benéfico; ela pareceu-me calma, tão calma que toda a vertigem do resto do mundo que ali ecoava através dos despachos telegráficos dir-se-ia intrigas de teatro e convenção, cujo artifício já não mistifica a nossa ingênua credulidade.

Eu levava o propósito de abrir um parêntese de azul aos meus trabalhos e de deixar em férias as minhas faculdades de análise. Procurava restabelecer destarte o equilíbrio da minha vida animal, e cuidei melhor compreendê-la e gozá-la naquela preguiçosa vilegiatura, [215] pondo de parte os desdêns com que encarava tudo o que se não prendesse às nobres funções intelectuais. Naquela tarde inobliterável, em que saltei na gare de seu caminho de ferro, na vizinhança salutar das montanhas, a velha cidade, que repousa na tradição secular de trezentos anos, parecia contemplar-me na sua grande calma provinciana, sobre a qual se recorta a linha azulada de suas montanhas empinadas e o desenho medieval dos seus campanários góticos. Ao transpor a sua ponte vasta, sob a qual um rio ainda mais vasto dir-se-ia adormecido desde o terceiro dia bíblico, experimentei a comoção de quem ressurgue num passado histórico, penetrando uma preciosa crônica sagrada.

Pouco acima, as águas de um afluente se confraternizavam com aquele rio melancólico e sonâmbulo que dir-se-ia extasiar-se para os bocados adoráveis da natureza que das margens se narcisavam nele. Afigurou-se-me primeiro um lugar de fatalidade para o qual meu amigo Carlos houvesse sido exilado, a penitenciar-se no recolhimento espiritual de uma Trapa severa.

Mas, eis que o sol da tarde começou a inflamar as cúspides elevadas, tirando incomparáveis efeitos cenográficos à cadeia de montanhas que se prolongam até a mais alta e a mais longínqua serra, sobre a qual uma ermidinha branca pousa inefavelmente com a brancura pagã e ingênua suavidade de uma pomba!

As cimeiras das árvores deliquesciam em ouro fulvo; as eminências extáticas iam preparar-se para a prece vespéral; o céu estava desenhado de azul e ouro, como nas velhas iluminuras; a água dos rios fuzilava num faiscar apoteótico; e os para-raios e agulhas das igrejas iam-se derreter em sol. Naquela atmosfera, límpida e sonora como uma redoma de vidro, os sinos de uma igreja de repente [216] bimbalharam hosanas tumultuárias e festivas; e toda a cidade angusta, na grande perplexidade de uma tarde, vinha conceder-me uma hospitalidade cavalheiresca, dirigindo-me do alto de onde se debruçam as bocas dos seus campanários palavras retumbantes de boas-vindas.

Nas alturas reboava a sonora hilaridade dos sinos, tomados de vertigens, vibrando dentro do vasto cilindro das torres até a fundação dos alicerces. Parecia que o templo devia cambalear naquela explosão vibrante de desordenada alegria que esfuziar das suas naves, das suas ogivas, das suas cornijas e dos seus zimbórios ensoalhados.

Recordo-me de que Carlos, comovido ainda de abraçar-me, apertava-me o braço e dizia-me alguma coisa; contudo, eu não o escutava nem o via, porque tinha as pupilas frementes de paisagens e um daltonismo de acústica nos ouvidos delirantes. Toda a minha atenção havia se voltado para aquela velha crônica de pedra, tão suntuosa na placidez da sua antiguidade, tão indiferente à sua passada opulência atestada pelas suas pesadas construções coloniais, pela riqueza de seus templos e pelos destroços de uma mineração abandonada, cujos vestígios se viam nas margens dos seus rios calmos. Depois da vertigem do trabalho, da pompa e da grandeza, ela veio a adormecer numa sonolência de muitos anos, profunda e tumular, embora a garridice luminosa das celagens de laca líquida sorrisse a pino sobre a morna beatitude de suas montanhas austeras, ascendendo em manchas formidáveis para os céus.

Acostumado à habitação de cidades modernas, foi esta a profunda impressão, melancólica e agradável, do espetáculo grandioso de uma cidade antiga, distanciada a uma época remota em que se paralisou a sua vida, repousando num fundo de saturação tradicional que lhe dava a meus olhos um particularíssimo encanto. Esta contumácia com que se radicou no seu passado salvou a cidade augusta [217] e estacionária de secularizar-se na elegância banal dos burgos modernos; um grande colapso hipnotizou-a no seu sonho secular e inviolável, alimentando-se exclusivamente da sua epopeia passada. A atmosfera estava cheia de sonhos e de paz... As ruas eram desertas e os dois ou três transeuntes que se nos depararam, errando num passo igual e automático, olharam-nos com a sonâmbula indiferença do sono magnético, como quem tem a vontade extinta e o destino resignado a todas as fatalidades supervenientes. Lembro-me ainda de que tive uma

sugestão mal definida e pálida de um país fantástico de maometanos ou de selenitas, inspirada talvez nalguma página excêntrica de Hoffmann.

A afastada rua que atravessamos era sinuosa e deserta com fachadas de casas silentes e uma constante vegetação de cardos sobre as muralhas de uma velhice maculada e doce. Caminhávamos calados. Nada pôde distrair-me da contemplação do templo, por diante do qual passávamos, e com um movimento, religioso quase, descobri-me diante daquele monumento, cuja fisionomia monacal e sagrada dava-lhe um não sei quê de grandiosa majestade tranquila e indelével. Nunca nos meus estudos de história senti vibrar dentro de mim a ternura pelo passado que inspirou-me aquele templo, envolvido numa religiosa serenidade monástica, desde os pináculos até o pórtico.

A rua terminava, enfim, nos *Rosais*, cujas paredes claras, cujas vidraças arejadas faiscavam no cristal imoto da tarde, dentre a espuma rosada da sua floresta de roseiras. Nada mais luminoso, mais aéreo, mais suave que aquela chácara desabrochando o seu viço primaveral e a sua exuberância da vida no arrabalde extinto. Experimentei a sensação de um salto do passado ao presente, em que duas impressões antitéticas [sic] deliciavam-me pela própria natureza de contraste. [218] E recordo-me bem de que naquela tarde tão memorável, tudo tinha ao redor de mim uma tal transparência fluídica, que eu supunha-me dotado de um sexto sentido, que, completando e quintessenciando todos os outros, dava-me uma faculdade de penetração sobre-humana.

Nunca, porém, a pena pareceu-me instrumento menos perfeito do que o pincel, que quando tentei descrever aquela chácara.

Os Rosais! Quem não desejaria aquele recesso sossegado para o ninho de um amor, exaltado pelos sentidos e elevado às maiores alturas das aspirações afetivas? Quem não adivinharia o egoísmo de um casal feliz, emigrado para aquele jardim feérico, irradiante de felicidade? Como a verdadeira felicidade é sempre tranquila, uma grande calma descia do alto na poeira da atmosfera, suspirando apenas na melopeia do tanque. Um silêncio beatífico havia adormecido na doce opacidade das penumbras; as estrofes pressentiam-se a palpitar nos ninhos; e das viçosas roseiras desabrochavam flores com a espontaneidade e a graça duma rima no final dum verso.

Penetramos no jardim por um largo portão de quinta abrindo para uma aleia de roseiras anãs. O saibro abrasado rangia aos nossos passos. Para as bandas do pomar cigarras chiavam. Transpusemos os degraus de uma escada que subia para um alpendre todo empampanado, em que estavam penduradas as gaiolas dos canários.

Que deliciosa frescura sucedeu à calma de fora! Começamos a percorrer a casa sem encontrar viva alma; na sala de visitas, lavada de fresco, haviam-se colhido os reps dos reposteiros e a luz da tarde atravessava toda a sala, desferindo cores vivas dos cristais do lustre. Já na casa de jantar encontramos a velha Brígida, ainda ocupada no arranjo do meu [219] quarto; era uma espécie de governanta, ama do senhor, considerada quase como pessoa da família. A velha ama solícitamente arranjara o meu quarto junto ao gabinete de trabalho de Carlos, no ângulo mais afastado da casa, de cujas janelas se rasgava uma larga e repousada perspectiva fechada ao longe nas linhas distantes das montanhas.

Afastaram-se as cortinas para arejar o aposento muito largo e claro que as tintas de dois ramalhetes alegravam sobre o mármore lavado do toucador; a cama já feita alvejava ao centro numa brancura fresca e cheirosa de linhos claros, sob as cortinas que caíam numa espumarada de rendas. Na luz que invadia o aposento entrava um ar salubre e reparador em que erravam perfumes tônicos e sutis.

— Onde está a senhora? — perguntou Carlos à criada, que se dispunha a sair.

— A senhora desceu para o pomar com o senhor vigário — respondeu ela, de olhos baixos.

Não sei explicar por que motivo a voz da criada causou-me um sobressalto; era como uma voz familiar, de que eu houvesse conservado uma recordação desagradável. Reparei, então, que era ela uma cabocla de meia idade, robusta; tinha as maçãs do rosto salientes, os olhos pequenos, amortecidos, uma expressão vaga e nebulosa na fisionomia.

A convite de Carlos, já me dispunha a descer ao pomar, quando na varanda veio ao nosso encontro uma graciosa criatura, seguida pela figura sexagenária e suave de um sacerdote.

Estendeu-me a mão, sorrindo, enquanto o padre Ângelo, todo trêmulo, encolhia-se a um canto, como procurando anular-se e elidir-se. Fui apresentado sumariamente, como uma pessoa ausente e querida de regresso à família.

Como mais de uma vez Carlos tivesse me falado de sua mulher, o trabalho preliminar da longa expectativa daquele encontro causou [220] uma profunda impressão à minha imaginação. Flora acolheu-me da maneira a mais expansiva e cordial; sorria, mostrando o esmalte puríssimo dos

dentes, enquanto pousava num dos bancos da varanda o cabaz de frutas, cuja colheita acabava de fazer.

Dois minutos apenas, e pediu permissão para acabar as disposições do jantar.

Pude, então, examinar a figura do Tio-Padre, como o chamavam em casa de Carlos. Já velho, era uma figura suave, simpática; caiu-me em afeição. Tinha as pupilas azuladas de refletir o céu que parecia surgir dos horizontes luminosos do seu olhar numa serenidade clemente e pastoral. Magro e pequeno, corado de sol nas faces saudáveis, frocado de neve na cabeça de linhas tranquilas, a boca sem dentes, cheia de doçura, atingira a essa velhice risonha que mais se assemelha à infância de outra existência, abraçando sem esforço a vida chã e obscura para a qual um instinto humilde o arrastara.

— É extraordinário! — disse-me Carlos — Há muito tempo não tenho um dia tão completo, tão excepcional. Decididamente trazes-me felicidade!

Efetivamente, Carlos se mostrava bem-disposto e excepcionalmente loquaz; a cada instante interpelava-me sobre mil coisas que nos diziam respeito, enquanto que o Tio-Padre tinha sinais de tácita aprovação com a sua cabeça luminosa.

Momentos depois, sentávamo-nos todos à mesa do jantar, servida conforme o uso da província, com uma profusão de iguarias. Ao meu lado, a dona da casa se assentara, cumulando-me de atenções e fazendo tilintar as moedinhas douradas do bracelete que se enroscava no seu alvo punho. Num vaso ao centro da mesa, rosas estadeavam num buquê monumental, que tinha um vivo destaque dentre os reflexos dos cristais e das porcelanas. Toda a sala, de uma decoração sóbria, de uma ordem pautada, irradiava a

felicidade ridente de um interior [221] feliz, arejada por quatro janelas guirlandadas de rosas trepadeiras, que se alavam em espirais flexuosas, enastrando cortinas de verdura.

Eu sentia-me plenamente satisfeito naquele interior plácido, sem ostentações burguesas, que me abria uma tão fraca e cordial hospitalidade, enchendo-me de reconhecimento pelo amigo que tão bem sabia interpretar as doçuras do seu *home* naquele retiro enfeitado de que parecia exalar-se um terno sonho de felicidade.

Sentia-me despreocupado, risonho, uma disposição hilariante a acender-me a alma de luminárias festivas, ao encontrar o sólido apoio daquela amizade antiga que me sorria pelos olhos leais de Carlos.

E Flora aparecia-me na sua sossegada simplicidade de *menagère*, espalhando uma graça alada e casta nos mínimos detalhes do serviço da mesa que ela presidia. A impressão que eu sofria era tal, que falhou a minha agudeza habitual e eu apenas via e compreendia confusamente o que ia se passando em roda de mim.

— Qual a impressão que esta terra lhe causou? — perguntou-me Flora.

— Parece-me um lugar destinado ao recolhimento espiritual; entretanto, o panorama das montanhas é soberbo; nem lhe falta para o aclarar a nota cristalina da água.

Flora declarou que desejava ver o mar, que conhecia apenas através de descrições e pequenos quadros; e prosseguiu:

— Não me refiro ao alto mar, porque se me afigura monótono e insuportável; mas quando leio a narrativa das praias ou vejo pequenos esboços de marinhas, cuido aspirar esse eflúvio acre das marés de que falam

os escritores e os viajantes. Oh! O meu prazer seria viajar à aventura, sem destino determinado, num carro de posta, desses de que falam os romances!

Parou, passando o guardanapo pela boca, e interpelou-me, apertando as pálpebras, o que dava uma extraordinária doçura ao olhar:

— Gosta de viagens?

[222] — Adoro-as — declarei.

— Também eu — afirmou — é como lhe disse; parece-me que, se viajasse, uma série de aventuras e de inesperados acidentes quebrariam a todo instante a monotonia da vida cotidiana. Porém, Carlos é tão avesso às viagens!

E calou-se subitamente, olhando de um modo abstrato para a montanha fronteira. Pela primeira vez vi-lhe aos cantos da boca desenhar-se não sei que linha acerba.

Os canários, despertados então, cantavam doidos de alegria.

Carlos servia-me um vinho delicioso, cujo sabor acre punha-me na boca uma carícia fresca, deliciando-me ao mesmo tempo o olfato.

Como eu admirasse o colorido delicado de uma rosa que entre outras esplendia num vaso fronteiro, Flora perguntou-me:

— Gosta de flores?

— Com restrições; gosto de vê-las na haste. Cortá-las, colhê-las é para mim uma mutilação monstruosa.

Ela acudiu, sorrindo e mostrando o esmalte fino dos dentes:

— Todavia, é por amá-las muito que as colhemos; elas trazem para os nossos interiores a sua frescura e o seu perfume, derramam a tinta da alegria dentro de uma casa, não é exato?

— É como justificamos o nosso egoísmo; demais, é justo que elas retribuam de qualquer forma os cuidados que reclamam.

Carlos discutia não sei que assunto local com o padre Ângelo. Sentada ao meu lado, Flora presidia aquele jantar íntimo e banal — que devia, entretanto, ser o preâmbulo dos extraordinários acontecimentos que iam se desenrolar nos *Rosais*.

Entretanto, minha atenção se voltara para a figura suave do padre Ângelo.

Nada para mim mais simpático e interessante do que aquele tipo inverossímil de velho cura, tão fresco, tão ingênuo, que deixava descortinar-se à primeira vista a máquina simples de sua alma.

[223] Falava com suavidade, o gesto comedido, os olhos sorrindo à flor do rosto. Declarou que, além da *Imitação de Cristo*, de algumas obras históricas e filosóficas, nada mais leu; não obstante, era sentencioso às vezes e revelava uma moral elevada; havia momentos em que parecia claustrar-se numa meditação profunda.

Quase nada sabia do que ia pelo mundo, nada desejava, nada o irritava. Tinha sempre o mesmo gesto brando sublinhando a meiguice das palavras. Eu sentia-me encantado por aquele velhinho tão calmo e tão satisfeito de exercer com humildade o seu ministério. O que me seduzia era justamente o contraste de uma alma simples com minha alma complexa de intelectual; invejava aquela alma direita de evangelizador que seguia resignadamente o seu destino na terra, sem atritos nem sobressaltos, e tão sossegada que parecia não alterar nada na ordem das coisas. E, tomado de curiosidade, comecei a palpar a alma sexagenária daquele velhinho que praticava a ativa simplicidade do seu humilde sacerdócio; falei-lhe de letras, discorri sobre

política, consultei-o sobre a hermenêutica de livros sacros e ele continuava a sacudir a cabeça de algodão em rama com gestos de aprovação indulgente. Para se desculpar daquela ignorância que o não envergonha, confessou:

— Que quer o senhor? Eu nada sei, esquecendo o melhor do que aprendi, já lá vão cinquenta anos. Ignoro o que vai pelo mundo, fechado dentro destes horizontes, onde nasci e onde espero morrer. Desde que me convenci de que os sofrimentos dos homens são incuráveis, não me interessa saber o que vai lá por fora.

E a uma observação redarguiu:

— Misanthropia não exprimiria bem, porque, ao contrário, penaliza-me a sorte dos homens... O que eu sinto é uma profunda compaixão por todos nós.

Receei havê-lo molestado; mas o Tio-Padre continuava a sorrir, simpatizando-se também comigo.

[224] A conversa prosseguiu numa cordialidade animada, e eu, surpreso, reconheci que padre Ângelo admitia sem constrangimento princípios heterodoxos, sem intolerâncias e sem transigências; e ele próprio confessou-me que nunca se lembrara de analisar e discutir matéria de fé, ligando uma importância secundária à questão dos dogmas e das formas. A sua religião era mais tangível e terrestre; cifrava-se na prática da caridade; mesmo o seu lado místico era professado com essa singela poesia das populações rústicas em torno às ermidinhas levantadas sobre as linhas suaves dos campos ou sobre as eminências das montanhas, douradas de crepúsculos e povoadas de andorinhas, à hora religiosa das novenas.

E quando ele partiu, justando para que eu fosse vê-lo ao presbitério, perguntei a Carlos:

— Um santo, será crível?

— Um santo, dizes bem — corroborou Carlos — Pelo menos verificarás que todos aqui o proclamam.

— Uma questão de nomes. A interpretação será sempre a mesma. Gosto dele. Para mim, realiza o tipo ideal de sacerdócio e do filósofo humanitário.

— É isso mesmo — confirmou Carlos.

E contou-me a vida singela daquele homem, filho de lavradores opulentos, que uma paixão infeliz encaminhara para o seminário. Desde então a sua vida fora exclusivamente consagrada à prática da caridade; o seu avultado patrimônio dissipara-se em instituições pias.

— Depois — concluiu Carlos — além dos laços de sangue, sou-lhe profundamente grato, pois o Tio-Padre é também o pai adotivo de Flora.

Anoitecia.

Flora veio convidar-nos para espaiçarmos lá fora. Ela ia guiando o caminho e eu examinava os seus pés pequenos, a sua figura [225] graciosa, a mobilidade quase imperceptível das narinas e as veias azuis do pescoço.

Achei-me de novo extasiado diante dos *Rosais*.

— Não sei como dizer-lhe a impressão que me dá o seu jardim, minha senhora; estes tufos de roseiras são surpreendentes. Há aqui uma atmosfera de um singular encanto, que embriaga, que apaixona, que alucina. Eu esforço-me para achar aqui o símbolo de uma coisa latente, impalpável e extraordinária, que sinto palpitar em torno de nós.

Ela parou para ouvir-me; e na penumbra do maciço os seus olhos dilatados tinham um brilho singular.

— Esta ideia é sua naturalmente e dou-lhe parabéns pela arte admirável deste pequeno canto do mundo. Nada mais suave e mais perfumado! Como que tudo que há de ideal e de fantasia foi transportado para este jardim, para o qual Carlos tão bem soube escolher a graciosa fada.

— Gostas? — perguntou Carlos, que a seguia à pequena distância.

— Se gosto! Louvo-te pelo bom gosto! E como vai bem o nome de tua mulher a este jardim feérico. Flora é a deusa protetora das flores, é a boa fada que protege a vida dos vegetais... Vê tu, Carlos; esta atmosfera acaba de lirismar-me.

E parando diante de uma roseira, exclamei:

— É surpreendente! Como podes tu obter rosas como estas?

— Vê estas rosas-gigante — mostrava Carlos — São as minhas flores prediletas.

Sorri. Eu preferia às rosas gigantes aquelas rosas pálidas, de um matiz dulcíssimo em que se fundiam o leite e a rosa.

— Ah! — comentou Carlos, rindo — As rosas de Flora; teu gosto acorda nisto com o dela.

[226] Voltei-me para a moça; ela continuava imóvel e silenciosa; no fundo do crepúsculo seus olhos dilatados tornaram-se ainda maiores e mais úmidos.

Por que me pareceu *sentir* que ela estremecia?

## II

Na manhã seguinte, quando despertei de um longo sono profundo, invadiu-me de súbito um inexplicável assombro, porque eu não tinha ainda

consciência do lugar em que me achava; presumi, a princípio, que acabava de despertar num *sleeping-car*, cuidando ainda sentir a trepidação do vagão, como sói acontecer após longas viagens nos caminhos de ferro. Esfregava os olhos para dissipar as névoas de um sonho possível, quando os sons dos sinos, que eu ouvira na véspera, vibraram distantes, enviando-me de longe a música argentina dos seus “bons dias”. A voz dos sinos chamou-me à realidade, recordando-me simultaneamente Carlos, Flora, Tio-Padre e os Rosais. Levantei-me de um salto; tinha pressa então de sair, de viver, de gozar. Abri a janela e quedei-me maravilhado.

Naquele instante em que a primeira espiral de fumo escasso alava-se harmoniosamente, num fio ascensional de aspiração elevada, demandando o azul, os Rosais haviam também despertado, as altas persianas abertas sobre um jardim tão fresco e tão florido que dir-se-ia acabar de surgir dos vapores da madrugada, sob o influxo mágico de uma varinha de condões feéricos para a ablução escarlate do sol.

O nome, que a pequena *cottage* devia a um capricho tão romanesco quanto elegante dos seus proprietários, sabia maravilhosamente àquele canto perfumado de arrabalde bucólico, onde a risonha casa de campo, que os voos claros e imaculados das pombas povoavam de [227] arrulhos, floria num jardim plantado de prodigiosas roseiras, desenhando infinita variedade de matizes mais delicadas de uma policromia flamejante.

Branças, como estofos de Damasco; pálidas, como virgens dos vitrôs; escarlates, como toques de clarins; púrpuras, como mantos cesarianos; vermelhas, róseas, cremes, e, como um precioso e raro produto — as rosas verde-amarelas!

Irredutível à palavra a impressão colorida e indelével do conjunto harmonioso daqueles maciços exclusivos de roseiras, em que a tônica do verde dominava o tema fugidio e musical das cores; na tonalidade da verdura, como no desenho imóvel de uma pauta, os tons coloridos vibravam um cromatismo irregular que ascendia como numa escala, até as tintas agudas de uma iluminura; e nas remitências de pausas, que o burburinho do dia não despertara ao todo, um rumor brando acompanhava em surdina o bailado dos insetos, o *scherzo* das aves e a balada melancólica das águas, cantando num tanque em que as rosas de em derredor se narcisavam.

Um aroma intenso evolava-se com o orvalho das folhas e naquele ambiente perfumado, na ondulação aromal do éter, o delírio do olfato requintava a visão das tintas, como quem olha através de um prisma surpreendente, cujo cristal se abrasa, debuxando o relevo de uma linha azul-vermelha de magia. O próprio aroma tomava uma forma bizarra, espiritual, desenvolvendo-se, condensando-se, vibrando ao som, fulgindo à luz, constelando-se numa nebulosa de átomos estrelados.

E, no alto, a concha da madrépora celeste punha uma nota líquida de faiança desbotada sobre aquela quermesse floral.

A chácara floria após as últimas abluções salutares que regaram copiosamente os campos, entre as notas agudas da cor e a limpidez nativa das águas. A tinta do sol jorrava uma sangria de lacre vivo sobre o ouro-gema do nascente.

[228] Naquela atmosfera de filtros maravilhosos boiava alguma coisa de impalpável, de subentendido, como o sonho de um sonho, cuja aspiração ideal vogasse para a nostalgia de uma existência superior num país

fantástico, eternamente florido de festões de rosas, iluminado de um nobre esplendor auroreal, como numa apoteose ardente de céu cristão.

E no meio do jardim, numa imobilidade soturna de faquir abstrato, um cipreste augusto levantava o cone hierático de sua fronde vetusta, pondo um contraste sombrio de viuvez e saudade ao topázio hilariante do céu e um enigmático ponto de admiração à vivacidade das cores circunfusas.

Das suas raízes, uma fonte, como uma clepsidra de burburinhos, ia marcando vagarosa e irrevogavelmente o compasso dos momentos que fugiam, chorando a saudade irremediável das horas mortas e das tardes extintas...

Tão arrebatado me achava, que a princípio não vi Carlos, o qual naquele momento também contemplava o jardim, sem que se saciasse de vê-lo, como se as sensações contínuas e repetidas daquele hábito passivo não lhe tivessem embotado a impressão sempre renovada daquelas cores.

Eu — encantado de haver preferido aquele lugar onde devia espreguiçar alguns meses de ociosa vilegiatura. Tantas vezes eu havia anunciado e prometido aquela visita tão ansiosamente desejada pelo meu melhor amigo!

Ele avistou-me. Descemos juntos daí a instantes; Carlos, contra os seus hábitos taciturnos, sentia-se satisfeito, contente de ver-me, de falar-me. Desde cedo andara de ronda à minha porta, impaciente de encontrar-me; uma onda de sangue animava o seu rosto pálido e anêmico que eu via com pesar devastado pela moléstia.

— Flora! — chamou ele.

**[229]** Uma voz feminina respondeu-lhe e da luz rosada da manhã, dentre os tufos da verdura, pareceu nascer naquele instante a encantadora

criatura que aparava rosas; e como levantasse muito os braços, firmando-se nas pontas dos pés, a linha do busto bem desenhada, a cabeça pendida para trás, as pálpebras meio cerradas pela incisão forte da luz que descia daquela manhã de veranico, parecia idealmente iluminada e prestes a desatar um voo cheio de graça.

Saudou-me sorrindo. O seu *carling-dog* caracolava em torno dela.

Carlos dirigiu-se para ela e, caturrando, muito avaro de suas flores:

— Já recomeças, hein? Torturas-me as plantas. Que crueldade! Pensas que não sentem, por que se submetem, por que não têm voz para traduzir a sua sensibilidade?

Flora soltou um gritinho de terror.

— Que foi?

— Piquei-me nuns espinhos!

— É a planta que se insurge. É justo! — tossia — É justo.

A sua paixão pelas flores rejubilava-se diante da prodigiosa profusão da esmerada cultura; com uma solicitude fraternal andava de ronda às suas plantas, a narina dilatada na aspiração daqueles hábitos penetrantes que se evolavam das corolas abertas, estreladas de gotas de orvalho. Ao aspirá-las, eu também sentia os pulmões dilatados num hausto salubre e àquela sensação hilariante uma aleluia interior ia alargando a minha alma em triunfo, no delírio do olfato, em plena explosão do aroma.

Flora, entretanto, mergulhava no tanque o dedo ferido em que uma gota de sangue tinha o colorido e a transparência de uma baga de romã.

— Não acha que Carlos é injusto? — perguntou-me, dando um jeito à trança que se desprendera ao abaixar-se.

— Tirânico — corroborei.

[230] Neste íterim, o *carling-dog* ameaçava-me, mostrando os dentes hostis.

Flora afagava-o.

— Então, *Mylord*, então?

— Quererá ele desmentir nesta casa as tradições da hospitalidade? Ainda bem; Brígida aí vem dar-lhe uma lição de cortesia.

Efetivamente, a velha ama trazia-me, numa salva café, leite e sanduíches.

Eu aceitei um copo de leite, apenas, e naquele jardim, defronte das montanhas ensoalhadas, a deliciosa bebida sabia-me a não sei que sabor inédito, a não sei que gosto requintado, cheirando a rosas, cheirando a ervas silvestres e flores orvalhadas.

Carlos, diante de mim, lançava-me um olhar carinhoso; sorria, contemplando-me, e o seu sorriso pálido parecia uma tarde de sol iluminando os céus nublados de sua alma doente.

Flora terminara a colheita e ele quis tomar o açafate de flores para o levar; mas tão desastradamente o fez que as rosas que ela guardava no regaço desprenderam-se, rolando pela areia.

Flora teve um gesto desolado de gracioso amuo.

— Que desastrado!

— Deixa, eu as apanharei — respondeu Carlos — Não te incomodes...

Depois de apanhar as flores, namorava-as com um olhar enternecido de floricultor apaixonado.

Entregou-as à Flora.

E, esfregando as mãos, num gesto familiar, disse-me:

— Fizeste bem em vir. Se soubesses quanto isto me alegra!

Flora observou:

— Não era preciso que o dissesse; bem se vê nos teus olhos!

Com efeito, seus olhos haviam animado a face pálida de convalescente; nos horizontes brumosos de sua alma, havia sol agora, como numa manhã de primavera; estava num dos dias raros de efêmera [231] alegria, o espírito arejado, o carrilhão das ideias despertado pela boa nova da minha chegada.

Íamos os três percorrendo o jardim devagar. Carlos, envolto em flanelas, descoberta a cabeça em que os cabelos começavam de rarear, ia percorrendo os maciços numa caçada paciente aos parasitas, cheio de mímicas, dando-me explicações sobre as plantas.

De súbito, nos achamos junto ao cipreste e, sem que eu fizesse o menor reparo, disse-me:

— Achas esquisito, não é? Que queres? Já o encontrei aqui e penaliza-me cortar uma árvore sagrada pela velhice. Lembras-te? No *Ateneu* havia também um cipreste.

O *Ateneu*! Como esta simples palavra nos evocou uma série inteira de recordações amigas, na primeira época da nossa vida comum, quando ainda no colégio começamos a nos sentir ligados por aquela amizade excepcional que se mantivera sem estremecimento até então!

Debaixo do velho cipreste eu o ouvia, silencioso, e a sua voz tinha a mesma toada acalentadora da água que cantava sossegadamente no tanque; e possuía um tal vigor de sugestão, que também eu sentia-me viver com os seus sonhos naquela quadra extinta e sentia-me retroceder ao passado. Carlos continuava a falar. O *Ateneu*!

Da sua memória jamais se apagou aquele velho prédio hospitalar, com uma tabuleta vetusta riscando a lepra da fachada, e janelas de vidros esverdeados abrindo para a rua do arrabalde sonolento, cujo repouso só era interrompido pela trepidação de um bonde pesado e pelos pregões dos mercadores do bairro. Velhas muralhas claustravam os pátios de recreio, no centro dos quais amendoeiras antigas dormiam a sono solto, despindo os sonhos das folhas exangues durante o ano inteiro. Que estranha saudade ele tinha daquelas folhas mortas que iam esfolando melancolias crepusculares! Daquele velho casarão desolado, austero como uma casa pia, datava a nossa amizade, aquela [232] amizade de eleição que mais e mais se radicara, vencendo mais tarde a manifestação da sensualidade e a experiência social, barreiras em que geral sucumbem as amizades da infância.

Ao contrário, a minha experiência social mais me ligou àquele amigo, alguns anos mais velho do que eu, e que tivera para mim rasgos de verdadeira generosidade, ternuras de verdadeiro irmão. Refugiado na sua província, mesmo à distância, Carlos fizera-me sentir os benefícios inesgotáveis do seu afeto.

Profundamente reconhecido, eu o amava não tanto pelos benefícios e pelas inequívocas provas de uma sincera estima que dele eu merecera, mas ainda pelas belas qualidades do seu caráter. Ele exercia sobre mim uma fascinação singular, um prestígio que não sei explicar e que muitas vezes provinha do contraste de qualidades contrárias que eu admirava nele. Sentindo-o assim satisfeito ao meu lado, eu bem via quanto amava aquele amigo, como dantes, como sempre, sendo aquela a única afeição estranha, a mais delicada e a mais completa, que trazia do meu passado e de minha orfandade, numa quadra em que desabrocham os mais belos sonhos da

mocidade, os mais generosos projetos para o futuro, e em que a alma do homem é tão pura ainda, tão virginal, tão aromada como aquelas flores que lá se desatavam tumultuariamente numa faiscação lapidar de tintas inéditas.

— Bom dia — disse com doçura uma voz por detrás de nós. Voltei-me, surpreendido, e vi um bruxo que por um estranho sortilégio surgia a alguns passos. De tal maneira o meu espírito se havia internado no passado, que não reconheci à primeira vista o Tio-Padre.

Estava barbeado, muito fresco e corado, não sei que coisa casta irmanando a sua epiderme às rosas de entorno; como capulhos de algodão, as mechas de cabelos brancos apareciam por debaixo das abas negras do seu chapéu eclesiástico.

— Relevem-me a falta, se sou importuno.

**[233]** Protestei com veemência.

Declarou que já havia celebrado a sua missa às quatro horas da madrugada; fizera a sua ablução, um passeio habitual à montanha, e voltava da sua visita ao hospital, de que era o provedor e o capelão.

— De passagem, vim saudá-lo — acrescentou — Queria saber se ainda se acha bem-disposto.

— Excelentemente, reverendo.

— Não me dê esse tratamento — suplicou ele — Aqui todos me chamam Tio-Padre.

— Pois sim; creia que sinto-me tão bem que, para explicar-lhe o meu estado de alma, eu lhe diria que é como se me houvesse comungado, se não receasse escandalizá-lo com a comparação.

Ele fitou-me seriamente; foi a primeira vez em que o vi revestir-se de gravidade, para declarar-me.

— Meu amigo, rogo-lhe que afeição-se a ver em mim tão somente um secular que exerce por inclinação pessoal o sacerdócio cristão.

E mudando de tom para Carlos:

— Espero que não te descuidarás de levá-lo ao presbitério, a ver-me, mais à minha família.

Carlos explicou-me; a “sua família” era uma colmeia de abelhas que cultivava com esmero.

Padre Ângelo corroborou:

— É exato. Foi D. Viçoso que inventou o remoque.

Todas as vezes que o santo prelado o encontrava, inquiria: “Ângelo, como passam tuas filhas? Ângelo, como vão tuas amigas? Ângelo, como está tua família?”.

E ao contar-me com a maior simplicidade aquele inócuo gracejo, vertido como a língua de fogo mística de uma chalaça divina, pela boca piedosa do santo prelado, Tio-Padre ainda ria-se, desvanecido pela liberdade do gracejo.

[234] Na verdade, segundo Carlos depois explicou-me, padre Ângelo tinha com o bispo de Mariana a mais viva analogia de caráter, de sentimento e de ideias; ligara-os a mais íntima camaradagem; padre Ângelo adorava-o e nessa idolatria ia a admiração ingênua pelas frases do prelado, que repetia frequentemente, sem que ninguém lhes achasse graça, a não ser ele.

— Agora, vou deixá-los — disse-nos ele — Desculpe-me não poder fazer-lhe companhia nas visitas que houver de fazer à paróquia. Carlos me suprirá com vantagem nesse objetivo.

E, consultando o relógio:

— Vou ao asilo. Conto que não deixará de ir ver-me ao presbitério.

Aquele segundo dia de minha passagem pelos Rosais é um dos que deixaram-me mais doces e mais puras recordações.

Ele correra mansamente, familiarizando-me na casa pela aproximação dos caracteres com os quais eu convivía. Todavia, aquela embriaguez surpreendia e começava a amedrontar-me pela intensidade inaudita que ia tomando; era como uma reação ao período sombrio que a precedera. Uma criança apenas a quem se concede a permissão para um passeio longamente desejado poderia sentir o alvoroço que me dominava, rompendo intrepidamente contra todos os meus hábitos; meu espírito era como um vidro fosco que readquire a transparência primitiva; como que um sangue mais puro e mais juvenil começava a circular nas minhas veias. Em certos atos eu achava-me estranho, não me reconhecia; operava-se em mim insensivelmente uma direi quase alienação de mim mesmo.

Recordo-me precisamente daquele estado d'alma, que eu compararei a uma embriaguez lúcida, à míngua de uma expressão que possa traduzir nitidamente numa frase modelar a deliciosa superexcitação que me dominava, requintando a minha sensibilidade, bulindo com a vibração dos meus nervos, acelerando a circulação de tal sorte que a [235] vida tinha uma precipitação desconhecida e a minha alma se alastrava de alvoradas e resplandecências, regurgitava em salmos de ternura e de paz. Os meus sentidos tinham uma acuidade que se afusava a surpreendentes e maravilhosas aberrações. Ao menor contato, uma sensação rápida deliciava-me, pondo-me arrepiadas titilações na epiderme; a minha narina surpreendia no ar correntes de perfume que a exaltavam ao delíquio; as coisas sabiam-me finamente ao paladar coma a fundente frescura de um pedaço de gelo à boca; no ouvido, as mais fugitivas cambiantes do som eram

apreendidas nas rápidas vibrações quase que como num sonômetro; e nos olhos principalmente, nestes órgãos de uma delicadeza complexa, de uma perfeição prodigiosa, é que mais formal e mais nítida a minha exagerada sensibilidade se revelava no estereoscópio da alucinação pupilar. À medida que os sentidos sutilizavam-se, a mesma alvorada interior esplendia em deslumbramentos festivos de impressões fumegantes e imprevistas; uma como vaporação rosada atenuava-me as ideias; o espírito alava-se, floria, iluminava-se; e eu pensava cor-de-rosa, ouvia cor-de-rosa, via cor-de-rosa...

Não sei até que ponto a alegria pode embriagar-nos, tão estólida era em mim a sua explosão; nem sei até onde atinge o poder da subjetividade humana revelando imagens e produzindo fatos correspondentes a um certo estado d'alma. O que é certo é que eu sentia a disposição voluptuosa de alegria mansa, de alucinação beatífica do indivíduo que ingeriu o suco miraculoso do cânhamo da Índia.

Ainda agora vejo aquela tarde surgir na câmara escura da ideia. Era no jardim dos Rosais. Quase noite. Uma toada de *Ângelus* passou no ar. Carlos ria; disse-me qualquer coisa. Voltei-me para Flora.

Ela continuava imóvel e silenciosa; no fundo do crepúsculo seus olhos dilatados eram maiores e mais úmidos; tinham a imaterial força física de um *médium*. Fitavam-me, atraíam-me irresistivelmente.

[236] Eu a contemplava maravilhado; porque parecia-me vê-la penetrada de uma vitalidade superior que se alargava para horizontes mais vastos do que os do seu próprio destino. Havia se refugiado junto de uma roseira, tão junto que eu começava a confundir a sua imagem com a planta que lhe servia de fundo; já não lhes achava a solução de continuidade, como

se elas fossem uma só entidade, imóveis ambas diante de mim, impenetráveis como uma esfinge viva.

Eu via tudo como através de um sonho prismático que deformasse a primor a exatidão das linhas e o rigor das figuras, baralhando-as, sobrepondo-as em desenhos imaginários, bizarros e inverossímeis, com visões de um verdadeiro delírio.

A noite vinha caindo devagar.

A musselina do crepúsculo cercava todas as coisas objetivas de um véu indistinto e prodigioso em que as linhas e os contornos se diluíam e desfiguravam, como iluminados por uma claridade moribunda de sonho; na obscuridade que se condensava, apenas a tinta pálida do ocaso ia murchando em tons arrefecidos de pétalas exangues. Flora continuava tão próxima da roseira, que se confundia nela, consubstanciando-se da sua essência, tomando as linhas gráceis de sua forma. No visionismo fantasista dos meus olhos reflexivamente absortos, devagar, devagar uma imagem bizarra ia se condensando, crescendo, crescendo, numa fluidez espiritual de exotismo pagão, desenhada na tela inanimada de um sonho de chim opiado. E no fundo baço do crepúsculo, a mulher e a roseira haviam se confundido numa forma transcendental de uma beleza mítica indecifrável.

A alucinação concretizava quase a árvore humana, em que o sangue e a seiva rebentavam na frescura transparente das folhas tenras; os braços alavam-se para o céu, sob o toucado rústico da fronde; a tinta azul do loto, negra à sombra, desenhava os olhos e a nota carmesim da rosa ressoava-lhe na boca...

[237] A seus pés a luz moribunda do céu ia se concentrando no círculo absorto do tanque, descendo para o fundo misterioso da água, que bebia

todos os reflexos do poente extinto. Eu senti-me engolfar também na atmosfera pálida e lunar do meu sonho interior.

De súbito, o último clarão, que laivava o céu, apagou-se e a primeira estrela apontou como um diamante abrasado, cujo brilho trêmulo foi irradiando devagar numa faiscação silenciosa, em que se adivinhava uma vibração longínqua, que descia do alto sob a forma resplendente de um feixe de raios luminosos. A princípio tinha uma cor desmaiada de prata fosca; uma gaze fina escasseava o seu brilho inato; as cores mais vivas do prisma foram ferindo-a aos bocados, uma a uma, faceta a faceta, e ela foi se colorindo como uma gema inflamada; readquiriu a sua extrema limpidez, o bocejo da névoa apagou-se e, como um olho que desperta, ela começou a palpitar, a palpitar.

### III

Maio findara.

Então, na carinhosa florescência do *Rosais*, na vizinhança dos campos, na calma balsâmica de uma cidade austera, diante da perspectiva variada das montanhas, eu sentia o espírito largamente repousar; meu organismo se retemperava, renascera a alegria com a saúde. Dir-se-ia que um milagre se operara naquela doce metamorfose, em que o espírito se alevantava, alheio ao passado e fortalecido de nobres energias.

Já não sei precisar bem o que eu sentira na primeira quinzena, nas tardes sombrias que precederam a minha excursão, como se houvera partido de muito longe, de um exílio austero para um país de bênçãos e de redenções.

[238] Consulto o fatal manuscrito em que naquela época diariamente eu traçava as minhas impressões; deficiente e incompleto, sem precisar pormenores que somente mais tarde eu pude colher para a explicação de incidentes e elucidação de fatos então obscuros, o meu manuscrito dá conta das impressões flagrantes dos momentos passados, trabalho em que me impus o dever da máxima fidelidade.

Recordo-me com espanto, recordo-me somente do grande tédio que me invadia, pondo-me num tal estado de nervosa irritação, que deliberei de súbito adotar o convite amigo que me remetia à imbecilização metódica da província, de que eu guardava um secreto rancor. Eu jazera torturado num estado de agonias, de fraquezas, de frenesis e de covardias. Sobre a irritação dos meus desejos pungira-me a garra do ciúme, e após aquele período sombrio de acerbos torturas, sentira-me embrutecido, os nervos exaustos, o coração vazio. Aquela crise de sofrimentos morais passara.

Depois comecei a manter um perfeito equilíbrio salutar nas minhas faculdades, a achar um novo encanto à vida na abundância de insólita alegria que me dava a satisfação do presente, o esquecimento do passado e a esperança do futuro. Com uma sensação de alívio, meu ser se dilatava numa vibração salutar, uma disposição alegre para o movimento, para a ação e para o trabalho, como se à reconstituição física se juntasse uma correspondente recomposição interior.

A atmosfera moral devia operar como um tônico, e o que é bem certo é que a felicidade dos *Rosais* me atingia, e a companhia de Carlos reanimava-me. Carlos continuava a ser para mim o homem exemplar — sofredor, plácido, justo.

Nos seus olhos límpidos como lágrimas de mártires, recolhia-se a calada agonia de uma desesperança cruel, que punha uma tinta de saudade nos círculos de consunção que se abriam em torno às pálpebras transparentes, como túmulos gêmeos de quimeras emigradas; o [239] seu olhar esquecido e longínquo perdia-se com voluptuosidade nos desfalecimentos luminosos dos longos poentes regelados em que a luz vai morrendo e agonizando inefavelmente. Havia elegias impenetráveis, doçuras intraduzíveis, tristezas recolhidas naquele enternecido olhar de tísico que se agarrava à contemplação exterior da natureza com a ânsia suprema das derradeiras despedidas e últimos adeuses de lenços que palpitam e que partem para sempre... Ao olhar aquela pungente e resignada fisionomia tão docemente sofredora, quando a sua imperturbabilidade se traía sob a influência emotiva de uma recordação recôndita, eu julgava ver surgir dos seus olhos, como de dois sepulcros misteriosos, a ronda invisível de suas aspirações apunhaladas, dos seus sonhos malogrados e esperanças defuntas, errando numa procissão de horas mortas, cantando litânias e responsos a finados. Olhos enigmáticos, errantes e absortos, de uma doçura infantil e luminosa, de uma pacífica bondade clemente, cujos sofrimentos dissimulava uma angélica hipocrisia que tentava iludir os que o rodeavam e que o amavam para não transmitir-lhes o contágio da sua tristeza. Mais de uma vez colhi-o de improviso na flagrante revelação dos seus pensamentos dolorosos que punham uma expressão de angustiado pavor na sua face pálida, afilada numa rigidez monacal como um vinco de revolta contra a expiação irrevogável de um iníquo infortúnio.

Era só um momento durante o qual a crispação da dor punha um sarcasmo revoltado naquela face doce de vítima destinada a um sacrifício

fatal; para logo readquiriria os traços da sua fictícia serenidade, recompunha a doçura nazarena da sua fisionomia tranquila. Apesar de todo o seu esforço, generoso pela intenção que o animava, o seu riso vibrava falso na alegria com que procurava reanimar a conversa no seu interior doméstico. E o que mais me impressionava e comovia era a delicada solicitude, o carinho humilde, a idolatria exaltada com [240] que ele falava de sua mulher; a sua voz tinha ainda o acento de um namorado, uma vibração suave e apaixonada. Os seus olhos levantavam-se para ela como para o céu e ia neles uma via láctea de carícias mudas, de afagos silenciosos; tanto mais a vida lhe fugia, quanto mais ele se abraçava à imagem querida que foi o único raio de felicidade que iluminou a noite de sua vida.

Flora era uma amiga encantadora. À primeira vista, receei quase apaixonar-me pela sua bela cabeça feminina, de uma beleza luminosa e casta, de linhas deliciosas sob os seus cabelos quase negros, amplos e fartos com um toucado natural.

No tom quente de sua tez morena havia uma expressão vivaz de velada alegria, um forte colorido de tintas saudáveis que um sangue puro animava na linha curva da face e no desenho fresco da boca sobre a qual pairava fugitivamente uma sombra de inexplicável amargura e de cansaço precoce. No debuxo amplo dos seios que se adivinharam premidos na modalidade elástica do colete, na curva harmoniosa dos quadris, no vigor do busto direito, na gracilidade rítmica dos movimentos, na expressão primaveril da saúde que fulgurava no seu rosto, se revelava a mulher fecunda de onde devera derivar uma fonte salutar de vida. A auréola da Maternidade dar-lhe-ia à cabeça imaculada a expressão mística da Madonas em cujos braços esperneia a travessa impaciência dos bambinos loiros. Eu lia nos seus olhos

misericordiosíssimos a piedade que lhe inspirava, piedade pelas decepções que a sua fantasia exagerava na história romanesca da minha anterior aventura amorosa. E eu tinha a hipocrisia de fazer-me infeliz, porque a comiseração, que me seria insuportável ao orgulho, se partisse de um homem, causava-me um inefável deleite, nascendo da piedade feminina.

Flora seduzia-me; sentia por ela uma afeição fraternal que me era profundamente deleitosa. Era admirável como a enternecida amiga se [241] revelava cheia de graça e de naturalidade, sem o menor artifício, nos mais prosaicos misteres, no arranjo e no conforto da vida doméstica.

E, contemplando o seu gracioso perfil, sentindo o encanto que a presença feminina fazia irradiar no recesso perfumado de um lar fechado aos olhares indiscretos, ficava eu a cismar na abundância de ternura que reservava para a mulher que eu um dia viesse a amar. Minha imaginação se comprazia em criar essa entidade moral — doce, meiga, submissa, fiel, um ser inerente ao meu, um prolongamento de mim mesmo, não importa, mas que fosse capaz de um tal devotamento, que, se um dia eu fosse crucificado no pior dos martírios, na mais infamante expiação, arrostando a ira amotinada e as imprecações odientas, ela fosse levar-me a consolação balsâmica do seu beijo e o indomável tributo do seu afeto, abrindo as minhas pálpebras já frias, como a Mandala do poeta, para consultar às minhas pupilas moribundas se elas levariam para a eternidade da morte, na luz que se afunda e se apaga, a derradeira visão indelével de sua imagem humilde e apaixonada!

E quanto seria doce o gozo supremo de um tal afeto na calma errática de um jardim fechado, como aquele dos *Rosais* em que vibrava a nota tônica

de um só perfume perene e harmonioso ao olfato como um acorde interminável e ressoante ao ouvido!

Os serões nos *Rosais* eram de uma penetrante doçura e de uma discreta cordialidade.

Às sete horas da noite, a visita de padre Ângelo era infalível; vinha curvado, com um enorme guarda-chuva de alpaca e uma lanterna que lhe alumiaava o caminho.

Flora o esperava, sorrindo, e instalava-o numa cadeira de vime, ao lado da mesinha redonda em que jogava a partida cotidiana com Carlos; nisto consistia a única distração do eclesiástico. À força de hábito, Carlos havia contraído o mesmo vício, e à noite era impossível privá-lo da partida de dominó ou de cartas com o sacerdote.

[242] A casa de jantar era ordinariamente o ponto de reunião íntima à noite; as visitas eram raríssimas naquela casa aristocrática de província, tão inacessível era Carlos às relações locais.

Enquanto ele e padre Ângelo se compraziam em baralhar cartas ou colocar pedras à mesa, eu deixava-me ficar na companhia de Flora, inflexível às solicitações ardentes que me disputavam para o jogo. Causava-me horror e não podia compreender por que Carlos consagrasse os seus lazeres àquela distração enfadonha.

— Tanto melhor — declarou Flora — Far-me-á companhia, já que eles se exilam da nossa sociedade.

— Com o maior prazer — assenti eu — Quer que lhe leia os jornais, as revistas, o último romance; que lhe fale das últimas modas; que recite ao piano?

— Conta-lhe histórias da Carochinha — recomendou Carlos, lançando as pedras na mesa — Não é verdade que ela adora as histórias, Tio-Padre?

— Adora a histórias? Pois não. — respondeu o interpelado.

— Proíbo-lhe, porém, que lhe conte histórias fantásticas, que ela tem medo aos duendes.

Flora fez-me sentar ao seu lado, junto à cadeira em que o seu *carling dog* se enroscara.

— Não acredite — disse-me ela — Se quer ser amável, porém, recite-me os seus versos.

— Os meus versos? — inquiri, sem poder conter um gesto de espanto.

— Então? Por que não?

— Porém, eu os recitaria de melhor grado, se porventura eles tivessem direito à sua atenção.

Flora suspendeu o trabalho de tapeçaria que havia encetado, à luz velada do lampião; ficou meditando, o olhar fito em mim, muito grave. Que pensamentos se ocultavam na sua fronte enrugada? Que reserva se impôs à manifestação dos pensamentos?

[243] — Releve-me a insistência; não sei por que alguns dos seus versos não devam merecer a minha atenção; todavia, recite-me alguma coisa de nobre, de delicado e puro.

Não me fiz rogar: eu lembrava-me ainda daquelas estrofes da *Balada estranha*, em que um simbolismo feliz dava ao leitor uma impressão singular e formidável; era a isto que eu sempre atribuí o êxito que aquela poesia obteve e o sucesso alcançado sobre o público.

Comecei a recitar singelamente, quase friamente as primeiras estrofes do poemeto, sem intenção de recorrer a qualquer artifício de elocução, e só

mais tarde compreendi que aquela modalidade fortuita aumentava singularmente a intensidade dos efeitos que se sucediam. Insensivelmente a minha voz subiu de tom, adquiriu inflexões novas, elevou-se com uma rara majestade, ressoou na sala como um instrumento desconhecido. Que latente emoção assim de súbito desfigurou a minha voz ao ponto de eu próprio desconhecê-la, como se uma voz alheia vibrasse pela minha boca? Eu sentia-me avassalado por uma coisa estranha: era como se uma vontade, a *vontade de outrem*, me dominasse. Eu era como um médium traduzindo num automatismo semi-inconsciente os pensamentos e os sentimentos de um ente invisível que se alojara dentro de mim mesmo.

Aquela voz não era a minha própria voz! Nunca, antes ou depois, ela adquiriu tão raro timbre, tamanha extensão, ritmos tão admiráveis e tão suave musicalidade.

Muitas vezes depois daquele caso, eu ensaiei, sem resultado, alcançar os mesmos efeitos, dar-lhe os mesmos valores.

Quando terminei, um silêncio álgido se fez na sala.

Carlos havia suspenso a partida e, com os olhos úmidos de emoção, ele, que era tão vibrátil às emoções estéticas, estava mudo, como hipnotizado.

— É assombroso! É assombroso! — repetia ele.

[244] — Eu confesso — disse o Tio-Padre — que o que me encanta é a música de sua voz. Nem sempre entendi o sentido das palavras; mas o que se sente é a sua música, sobretudo.

A princípio, eu próprio, comovido sem saber por quê, era também como se fizesse parte dos ouvintes; a mesma corrente de emoção se comunicava a todos nós.

Flora estava muito pálida; não teve para mim uma palavra de aplauso e, quando eu provoquei a sua opinião, declarou-me:

— Não sei bem exprimir-me, mas o que impressionou-me não foi tanto a música dos versos, tampouco a significação das palavras, mas o sentido virtual que elas tomam, uma como segunda intenção subentendida e paralela à primeira. Não sei dizer o que penso. É como se houvesse uma corrente subterrânea do pensamento, uma coisa que se sugere e que não se diz.

Foi então que se me revelou a penetração do espírito daquela mulher. Daí em diante estabeleceu-se entre nós um comércio constante, um constante convívio espiritual que cada vez mais nos aproximava e ligava nos laços de uma simpatia crescente. Muitas vezes, Flora forçava-me a repetir o trecho lido, quando lhe agradava, e, com uma graça e um critério que me surpreendiam, bordava comentários lúcidos a respeito do assunto tratado. Eu admirava-lhe a clareza das ideias, a certeza dos conceitos emitidos e os juízos que externava acerca de autores contemporâneos de nota. Surpreendia-me a cultura do seu espírito e descobria nela a cada passo afinidades que aproximavam nossas almas na mesma latitude dos sentimentos e das ideias.

Conservava, entretanto, a maior naturalidade e a maior modéstia, sem artifícios simulados ou pretensões ridículas; e apesar da nossa intimidade, guardava um recato simples e delicado que tornava-a inacessível às confissões perigosas.

[245] Sentia-me ao seu lado tomado de um profundo acatamento por ela; não sei que delicioso torpor me invadia; como que do fundo do meu ser subia a vibração inusitada de um canto profundo e suavíssimo... E as horas

corriam, sem que eu desse acordo da marcha célere do tempo. Às oito horas, servia-se o chá.

Padre Ângelo ainda conversava durante alguns instantes; abafava-se no seu enorme sobretudo; acendia a lanterna; e partia. Carlos acompanhava-o até o portão e eu via a luz vacilante da lanterna projetar claridades rápidas nos maciços de roseiras que bordavam a rua principal do jardim.

À luz do lampião, velada pelo abajur, eu continuava a disreter com Flora, vendo o seu perfil difusamente iluminado por aquela claridade leitosa que lhe dava uma cor enluzada e sobrenatural, até que o relógio anunciasse mais uma hora e eu ouvisse de sua boca a música suave da *boa noite*.

#### IV

Os *Rosais* atravessavam uma das suas quadras prefulgentes, em que o raio de alegria que poetizava o interior da chácara casava-se com a grande calma luminosa e errática dos céus.

As últimas cigarras estridulavam à hora abrasada dos meios-dias estivais e as numerosas roseiras estavam consteladas de flores; na apoteose flamante do sol as suas cores esplendiam com o colorido vibrante de um cromo. A fachada rústica do prédio parecia ressoar uma risonha suavidade de ode anacreônica, enfeitada de rosas cujas guirlandas entrelaçavam, entre as janelas e a cornija, os seus ramos aéreos num voo de trepadeiras.

A rústica vivenda repousava num desses momentos ilusórios, em que a perspectiva da vida toma o contorno sedutor e ideal de uma [246]

miragem. A realidade perdia a sua forma grosseira e cruel e espiritualizava-se no relevo gracioso e pictural do sonho.

Uma serenidade jucunda flacidamente florejava e fluía na vivenda em que o toque-toque dos tacões de Flora punham o ritmo jovial de uma música inusitada.

Os primeiros dias de uma intimidade nova escoavam-se em longas conversas na atmosfera familiar de um gabinete, ao canto da varanda aberta ou sob a cúpula frondejada do caramanchão rústico, em horas reservadas de alegrias serenas e inesgotáveis confidências.

Mas a pouco e pouco o alvoroço da casa ia se extinguindo: a chácara voltava aos antigos hábitos, fechando o parêntese de ruídos inusitados, de lazeres sem conta e de serões que se prolongavam pela noite adiante, espalhando claridades festivas pelas janelas. E o que a vida perdera em alvoroço ganhara na intimidade plácida, na mansa quietação beatífica dos afetos, na aproximação familiar, no simpático convívio dos caracteres, no religioso silêncio, na hospitalidade quase monástica da chácara. As horas escoavam-se doces e devagar na indolência repousada dos dias vazios de preocupações mesquinhas; as tardes sucediam-se muito tépidas e luminosas, cheias de cantos d'aves e de estridulências de cigarras; o interior da casa convidava e atraía como um abrigado retiro de sombra e de absoluto sossego; e nas pausas lentas das conversas tudo lá fora silenciava, como calado repouso dum êxtase.

Mas o silêncio era cheio de voluptuosidade e de encanto; repousava, acariciava, sorria; convidava à meditação, ao recolhimento e ao mesmo tempo às voluptuosidades mansas, às elevadas cismas idealistas...

E era assim que eu sentia derivar-me a vida em férias naquela hospedagem amiga e desvanecida; e nunca ela me afigurou nem mais doce, nem menos inocente, repontando assim entre dois destinos [247] plácidos e regulares como paralelas traçadas para o mesmo arcano do futuro: eu era cândido, espontâneo, confiante; nenhuma preocupação molesta; nenhum receio às ciladas do acaso. Arrependia-me de não ter ido de mais tempo gozar o quinhão de conforto e paz que me fora tanta vez oferecido no instante apelo de uma liberalidade amiga; a esta solicitação feita com uma cobiça sôfrega eu regateara, entretanto, a minha adesão, que depois arrependia-me de haver procrastinado. Como era doce, então, viver! No íntimo de meu coração, palpitava algo de terno, de doce, de elevado que me fazia olhar com alegria para a Vida e que era como uma primavera e como que um renascimento. Assinalando estes sintomas, observando os pródromos que anunciavam um Natal, nem por isto eu pudera apreender senão o latejo delicioso de uma semente que germina, que vai rebentar e florir...

Pressentia apenas que a luz zodiacal da minha vida emanava de uma nova estação e vinha embalsamada de eflúvios primaverais.

Apenas um pesar, e este mesmo adoçado de ternura e de simpatia, vinha anuviar os meus dias; e era — a profunda, a sinistra, a implacável melancolia do amigo que escabujava de novo num grande desalento, sintoma assustador de grave enfermidade, tal era a sua inerte transigência, a sua covarde capitulação com o sofrimento.

E ainda aqui antolhou-se-me um traço simpático do caráter de Carlos, que levava a delicadeza ao extremo de dissimular-me os seus sofrimentos

para que mesmo este pesar não fosse empanar minha despreocupada beatitude.

Era-lhe um penoso sacrifício aquela dissimulação para com um amigo que sempre fora o confidente dos seus segredos e das suas cogitações; bem certo estava de que encontraria um eco de simpatia na ternura amiga, quando me abrisse a sua alma coroada de espinhos; a confissão trar-lhe-ia talvez uma certa satisfação pelo desabafo das tristezas que o oprimiam. Para que, porém, surpreender-me em [248] pleno sonho para vazar-me na alma o vírus ácido dos seus desalentos? Isolava-se, fugia para o silêncio do seu gabinete; constrangia-se; afivelava sorrisos à máscara da face, inventava mil estratagemas e artifícios, para iludir-me, como iludia à Flora.

Mas involuntariamente traía-se; deixava-se ficar abstrato a meio diálogo; uma ponta de tristeza vinha esbater-se na fisionomia desarmada; e o seu sorriso, mesmo contrafeito, forçado, esboçava-se palidamente como um olho de sol repontando num nevoeiro de lágrimas. Eu era um observador bastante sagaz para que me escapassem as sugestões dos imperceptíveis detalhes fisionômicos; porém, tinha escrúpulos de inquiri-lo, respeitando os motivos, decerto delicados, que presidiam à reserva de Carlos.

A este respeito, perdia-me em conjecturas, indagando se somente os sofrimentos físicos podiam provocar aqueles profundos desalentos; ou se causas delicadas, presas a melindrosos desgostos domésticos, à desinteligência conjugal, seriam a chave daquele obstinado silêncio, embora todas as aparências desmentissem em absoluto esta hipótese que Carlos acabou de desfazer no acaso de uma conversa de que a felicidade constituía o assunto.

Carlos falou-me de Flora com um reconhecimento profundo; amava-a com uma ternura que não se desfazia; referia-se a ela quase que como a um objeto de devoção e de culto, com um plácido enternecimento de irmão mais velho por uma irmã adorada, e era todo carinhos e afagos pela bondosa criatura que iluminava-lhe a desbotada existência no raio quente do seu olhar.

Enquanto falava, eu li-lhe nos olhos uma profunda sinceridade.

E a rir palidamente, Carlos concluiu:

— No quinhão de felicidade que a sorte me distribuiu, foi este o único que me coube. Ainda bem, pois foi o melhor que podia tocar-me para atenuar os outros, os maus que me foram destinados.

**[249]** E ao cabo de uma pausa:

— Não fora isto e a vida ser-me-ia absurda e inútil.

Nesta frase, vi eu resumido todo pensamento de Carlos. O mais substancioso discurso não valia esta simples frase, emitida tranquilamente num laconismo que condensava toda a história da felicidade conjugal. De fato, pensava eu, não quer isto dizer que ele tem em Flora toda a razão de ser de sua existência e de seu futuro? Não constitui ela, portanto, o maior bem que lhe é dado gozar, aquele mesmo que mais desejavam as suas mais ardentes aspirações? Perdê-la será perder a luz dos olhos, tatear na loucura, despenhar-se nas trevas, cortar todas as amarras presas à vida, submergir-se num pego de incertezas, agonizar na pior das torturas, inteiriçar-se em epiléticos delírios, crucificar-se no calvário da desesperança, endoidecer, aniquilar-se, morrer!

Assim, por uma feição especial do meu temperamento, punha-me a explicar, a exagerar o pensamento do amigo. Mas por que sofria ele, então?

No gabinete de trabalho, parlávamos serenamente. Era uma peça vasta, amplamente iluminada pela luz de duas largas janelas, sobriamente mobiliada com algumas cadeiras, uma larga mesa carregada de papéis e livros e um alto armário, servindo de biblioteca. Na disposição simples dos móveis, o olhar exercitado descobria uma grave preocupação de vida meditativa, de cismas solitárias, de trabalhos serenos, denunciando os hábitos de um espírito estudioso e refletido, sujeito a emoções puras e severas.

Naquele retiro afastado, o silêncio favorecia os trabalhos intelectuais e as confabulações íntimas, ao canto do aposento, junto às janelas abertas, e dava-lhe a severidade monástica de um retiro espiritual. Era ali que Carlos trabalhava, quando não me levava para o gabinete, passando comigo horas de uma penetrante doçura e discreta melancolia.

[250] Anoitecia. E ao canto do salão, naquela hora crepuscular que Carlos tanto amava, ficamos nós três contemplando pela janela aberta a agonia maviosa da tarde, empalidecendo devagar sob a invasão compassada das sombras da noite que desciam das manchas ásperas das montanhas.

O céu descorava, a linha do horizonte ia aos poucos se apagando e apenas para as bandas do poente uma linha pálida e obstinada persistia, corada, invencível, imóvel, diluindo-se numa liquefação rala de rosas moribundas.

— Como é lindo! — exclamei.

— Como é suave! — aventurou Flora.

— Como é triste! — suspirou Carlos.

Na sua voz, havia um tremor imperceptível quase e, voltando-me para ele, vi na sua face pálida passar a sombra de um profundo desalento que lhe

pesava na alma, torcendo a linha amarga da boca numa explosão sufocada de sarcasmos. Seus olhos voltavam-se para a palpação luminosa do poente, onde uma pincelada cor-de-rosa se debatia ainda na ânsia extrema de uma vida que se apaga; os últimos burburinhos morriam também; e da grande calma sideral descia um silêncio furtivo, cheio de sombras e de reticências, calando o gorjeio dos ninhos e cerrando os cílios aromais das flores. Os contornos das montanhas confundiam-se em manchas negras, no destaque vivo dos céus; para longe, com uma precisão litográfica, desenhavam-se as linhas góticas dos campanários.

Um corvo riscou um voo lento e elíptico pelo céu, sumindo, desaparecendo para os longes luminosos e tranquilos.

E de súbito, uma toada de *Ângelus*, dolente, musical, suavíssima, ficou vibrando no recolhimento extático da luz moribunda.

Flora retirou-se e, quando de novo encarei o meu amigo, a sua face traía toda a comoção interior que abalava a sua alma; lágrimas [251] esboçavam-se nos seus olhos dolorosamente encovados, sombrios, apaixonados, sofredores.

Senti-me dominado por aquela dor muda e calada que se debatia na mordaça de um sofrimento silencioso. E inquiri-o, cheio de solicitude, com a carinhosa meiguice de uma alma irmã:

— Sofres, meu amigo?

Debrucei-me sobre Carlos, abraçando-o pelos ombros, enternecido e inquieto.

E a confissão, provocada, jorrou finalmente numa triste confiança de revelações doentias, em que se reconstituía toda a história de um sofrimento moral que mais se requintava por uma sensibilidade exagerada.

E a sua vida desfiou sob um véu de lágrimas, cortada de dissabores, cheia de sobressaltos, diante de uma ameaça que lhe roubava o repouso de todos os momentos e a satisfação do prazer mais inocente. Para diante dos seus olhos, abria-se um horizonte sem perspectivas, monótono e acabrunhador como a linha ilimitada da imensidade do oceano.

Todos os seus sonhos extintos, todo o seu destino aniquilado, apagadas todas as nobres energias, uma existência vazia e inútil. Saíra para a vida, armado para o combate, e não resistira às primeiras escaramuças, ferido de morte, inutilizado para sempre. Sabia compreender a lei irrevogável da Luta pela Vida e sabia-se um condenado que trazia desde a origem a fatalidade absurda da Degenerescência. Era contra esta disposição tirânica que se revoltava o seu espírito, que se debatia na ânsia de apreender a síntese suprema que lhe trouxesse a consolação espiritual de uma condição cruel. Fazia a análise de sua alma; narrava os seus estados doloridos; retalhava-a devagar com uma satisfação atroz. E eu compreendi as tempestades secretas que se levantaram no fundo daquele coração martirizado que sangrava ainda na palpitação fremente das dores irremediáveis.

[252] — Perdoa-me, se te atormento. Que queres? Tenho nervos femininos, doentes, excepcionalmente irritáveis. Aquele frígido poente tem para mim sugestões terríveis; era preciso conhecer o meu estado de alma para compreendê-las. Depois, imagina a minha tortura; preciso dissimular-me, calar-me. Bem vêes que és o único a quem confio os segredos destes tormentos.

E, lentamente desabafando uma agonia de há muito calcada, ia descortinando os horizontes profundos de sua alma, cansada de percorrer

a via da amargura a caminho de um calvário sobre o qual se desenhava o traço de uma cruz de martírios. Uma aspiração, entretanto, sobrelevava as outras que deviam se dispersar como as pétalas de uma flor fanada.

E ao esboçar seu projeto nunca revelado, seus olhos animavam-se no ardor de um apóstolo que viesse de novo pregar o sermão da montanha diante de um concurso piedoso de conversos, ou evangelizar, sob uma forma simples de confabulação íntima, à boca da cisterna, diante dos olhos extáticos da Samaritana e da tristeza vespéral dos olivais bíblicos. Seria uma obra de fé por que atravessasse um sopro fecundo de moral elevada, simples, sugestiva e profunda, cristalizada na forma lapidar de uma Odisseia e de uma Bíblia, um evangelho moderno, destinado a aplacar a angústia de todos os que sofrem, todos os que palpitam sob o aguilhão das dores.

À evocação desta ideia tanta vez acariciada, a sua face reanimava-se, abrasava-se ao calor da missão evangelizadora que se fosse levantando por entre homens, entre bênçãos plácidas, ressoando em hinos de paz, resplandecendo numa aleluia de redenções, como quando o Rabbi penetrou as portas da cidade bíblica, cavalgando um jumentinho cândido. E seus olhos abismaram-se nas sombras do crepúsculo, enlevados no prestígio daquele apostolado; súbito, uma imagem cruel dispersou o seu elevado encanto, enchendo-o de inquietação e [253] desalentos. No jardim, que a noite reduzira a um maciço disforme de sombras, caótico e ameaçador, somente o cipreste tinha uma forma nítida, de uma realidade flagrante e esmagadora.

— Porque, meu amigo, o que mais perturba a nossa época tão diversa das que a precederam, avançando entre tradições mortas e religiões extintas, oscilando entre as correntes de um misticismo deficiente e as filosofias cétricas, é um princípio diretor da vida.

“Nós sofremos hoje moléstias não classificadas, lesões desconhecidas, uma sensibilidade incompleta ou exagerada, as degenerescências da liquidação de uma raça ou de uma civilização avançada, complexidades modernas do sentimento, aberrações morais, mil torturas que são outros tantos problemas inquietantes de uma atualidade nova e palpitante. Os últimos exemplares das almas sãs e tranquilas vão se esgotando nas nossas gerações decadentes, em que se apagaram os impulsos espontâneos e as virtudes másculas das gerações simples. Tu, por exemplo, és talvez o homem normal, a edição perfeita para a qual colaborou um concurso de admiráveis fatores. Fisiologicamente, tu és o animal são, harmonioso, movendo-se com a precisão de uma máquina, tal a regularidade de todas as funções, tão exato é o jogo de todos os órgãos. Atingiste a idade em que o homem está na plenitude de suas forças e da saúde; a anatomia do teu corpo não se ressentido do menor defeito; a riqueza da musculatura atesta o teu vigor; o mesmo equilíbrio preside às tuas faculdades; tu és, enfim, antropologicamente, um ser superior. No desenho da tua cabeça, se traduz o intelectual. Pois bem; apesar de tudo isto, tu poderás ser um epileptoide, isto é, uma forma delicada das enfermidades do homem de gênio; o trabalho mental poderá haver-te produzido um excesso de sensibilidade, uma destas mil enfermidades dos nervos, patogênese de graves desarranjos, muitas vezes. Eis aí ao que chegou a vida moderna. Cada indivíduo é um doente; já não falo de mim, porque em cada degenerado eu sinto um [254] cúmplice e um irmão e tenho por ele uma aguda simpatia. E aqui onde me vês, sob uma aparência de completa tranquilidade, sou um dos doentes desses males que te aponteí, sem encontrar para eles um corretivo. E compreenderás agora a sanha ululante dos revoltados, explodindo na apóstrofe incandescente da

dinamite, quando vêm disputar o quinhão de prazer na terra, desiludidos de uma recompensa futura pelos males que os afligem. E era este pensamento de redenções que inspirava a impassibilidade sobrenatural dos primeiros mártires cristãos no suplício das fogueiras.”

E, depois de uma pausa, continuou lentamente:

— Eu descortinei aos teus olhos meus sofrimentos. Pois bem! Além deles, eu sofro uma estranha moléstia que não sei como deva classificar; nem sei mesmo como estabelecer esta verdade d’alma e se devo remontar suas causas à hereditariedade, a um defeito provável de educação ou à complexidade da nossa natureza ao mesmo tempo intelectual e sentimental. Tu conheces com que paixão eu emprego as minhas faculdades de análise à investigação da vida interior; nada tem para mim maior interesse do que desvendar os lugares recônditos da alma e constatar a natureza múltipla de minhas impressões; o meu amor à observação exaltou-se tanto, que sinto dentro em mim como o desdobramento de dois seres — um que age, outro que analisa. Resulta daqui a vantagem de notar as mais fugitivas nuances de um estado de alma a par de gravíssimos inconvenientes... Não sei se a iniciação de todos os homens no amor é seguida de um invencível asco pela mulher que pela primeira vez os possuía.

“Quanto a mim, a náusea foi tão profunda, que votei-lhe um invencível horror, exaltando-me, todavia, pelo amor idealista e imaterial; e nunca mais pude retribuir à ternura da mulher amada, sem uma certa frieza, reconhecendo-me incapaz de entregar-me aos profundos transportes da paixão, surpreendendo-me a analisar glacialmente a [255] voluptuosidade do momento. Por mais que procure reagir, o poder da vontade é incapaz de insurgir-se contra esta anomalia instinto-sexual, esta impotência de amar

tal como a maioria dos homens. Parece que a minha energia se dispersa em desperdícios de forças nervosas, em desviações do senso genésico, como se eu fosse uma vítima de um abuso da sexualidade; de onde me sobrevém uma fadiga anômala, um esgotamento inexplicável. O sistema muscular, como vês, se ressenteste desta estranha moléstia que torna incompletas e irregulares as sensações físicas do amor sem extingui-las de todo e sem tirar-lhes o caráter puramente sentimental. E sobrevêm-me tristezas profundas, um abatimento moral, uma depressão nervosa. Como explicar esta incapacidade da sensibilidade amorosa quanto sinto todas as ternuras da paixão, tal como as descrevem os fisiologistas e os poetas? Amar sem prazer, que tristíssima coisa, quando sentimos todos os nobres impulsos do coração, todos os frêmitos da carne e um véu tenuíssimo põe um frio glacial nos nossos transportes. E assim mais uma decepção cruel se ajunta aos meus sofrimentos, a estes sofrimentos que só sabem compreender as almas doentes, os seres complexos que se voltam para a observação do mundo interior. Tudo isso provoca-me um profundo desprezo pela vida, pela existência e pelo mundo; incapaz de o dominar, sinto-me aniquilado, refugiando-me na minha melancolia e procurando apenas conseguir o meu aperfeiçoamento moral. A piedade que sinto pelos outros origina-se da piedade que sinto por mim mesmo, pelas minhas fraquezas, pelas minhas agonias e pela minha miséria. E encarando a natureza, o céu, a terra, o mar, tudo isto se me figura a forma material de uma vastíssima quimera, o símbolo apenas da Vida. Involuntariamente, volto-me para o misticismo, arrastado por uma necessidade de paz e de ventura, de beatitude e de repouso. Tu vês: os Rosais são um refúgio inviolado, um retiro em que voluntariamente me sepulstei, sentindo-me incapaz de produzir [256] uma

obra duradoura e genial de redenção que fosse derramando pelos homens as novas tábuas da lei, as doutrinas regeneradoras do Bem, uma vasta concepção filosófica que pudesse satisfazer a ansiedade dos que se debatem na nevrose cruel deste desolado final de século!”

E como fatigado, Carlos deixou-se cair na cadeira numa atitude sucumbida de inerte e inconsolável melancolia.

Eu escutava-o compassivamente, doído de sua desventura, sem encontrar, porém, na ternura de minha amizade, uma só palavra animadora que se não confundisse na frivolidade das consolações banais e que pudesse alevantar aquele espírito da sua prostração, o seu verdadeiro e pior mal. Tinha uma piedade fraternal pela vítima resignada à impotência, que ali estava imóvel e silenciosa então, recolhida de novo a um doloroso mutismo de condenado à morte.

O crepúsculo ia-se apagando; da janela, entrava um clarão violáceo, muito esmaecido e doce, como uma grande alma que se exalasse nas sombras... À medida que estas se condensavam, os olhos de Carlos cresciam, iluminados pela chama interior dos pensamentos; o rosto afilava-se, as linhas aguçavam a violência da face e do queixo; e, dentre a palidez marmorizada da cútis, surgia, inquieta, uma caveira cujo olhar sobrenatural devorava a solidão circunfusa.

E a sua voz (uma voz que não parecia humana e que vinha gemendo através dos túmulos), sua voz murmurou desoladamente:

— E eis-me reduzido à inércia e à morte. A minha passagem pela vida não se cristalizou em nenhuma obra meritória e benéfica. Ali, nos raios da estante, encontrarás, entretanto, os vestígios das minhas baldadas investigações e inúteis pesquisas, porque as vigílias se consumiram vãmente

em noites que poderiam ser aproveitadas como essas que padre Ângelo consagra à prática fecunda de uma ativa caridade. Os livros não responderam à inquieta interrogação do meu espírito e eu, louco, acreditei que a minha boa vontade poderia talvez [257] chegar mais longe do que o esforço de todos os homens. Comecei pela sociologia; mas em breve verifiquei que qualquer reforma social poderá trazer incomparáveis benefícios, mas não resolverá o problema das crises morais do sofrimento. Daí em diante, foi uma batida sem termos pelos domínios das ciências que podiam projetar uma pouca de luz sobre o meu enigma; e até às cavernas fantásticas das ciências ocultas fui bater o meu cajado de peregrino... Ah! Não sei se te recordas ainda, era esta uma preocupação comum; o fantástico, o extraordinário, o inédito nos atraíam irresistivelmente; e ensaiei contigo algumas experiências, lembra-te?

— Sim, — confirmei — mas sempre frustradas.

— Ah! Decerto. — retrucou ele pensativo — Nem por isto elas são menos admiráveis nem os seus resultados dia a dia deixam de descortinar um recanto de mistérios que nos fascinam e assombram.

— Chegaste, pois, a um resultado definitivo?

Carlos respondeu com desalento:

— Não; para o objeto de minhas indagações, nenhum resultado decisivo.

Eu sorri.

E apertando de súbito o meu braço:

— Não zombes, porque não tens direito de pôr em dúvida a realidade objetiva dos fenômenos físicos que venceram a resistência contumaz das academias, adquiriram foros de ciência e dispõem da colaboração e do

testemunho de nomes os mais respeitáveis da ciência oficial. Tu bem conheces esses elementares fenômenos espíritas, tão elementares quanto irrefutáveis. Ah! A força psíquica! Eis aí onde eu encontraria a chave do segredo que em vão procurei decifrar! Outros o desvendarão no dia em que aquela força puder ser estudada, medida, pesada, como as forças psíquicas da natureza. Então, a alma humana será retalhada nos anfiteatros de anatomia e será analisada [258] como um músculo através de um microscópio, entrará para as retortas, passará pelos cadinhos da química, cristalizar-se-á em sais, exalar-se-á em vapores! E então, quando os segredos da alma humana estiverem devassados, quando a investigação penetrar as brenhas em que rugem os instintos, as cavernas em que se abismam as paixões, quando as suas zonas mais longínquas e continentes mais inóspitos estiverem descobertos, por certo há de haver algures o remédio para todas as psiquiatrias, o antídoto para combater todos os tóxicos que nos envenenam de desclassificados sofrimentos morais!

Eu estava interdito; a voz do meu amigo era tão estranha, o gesto, tão desordenado! Desvairaria ele?

Carlos, esgazeando os olhos pela alcova, baixou a voz, que pareceu velada por abafadores:

— Ouve. Durante as minhas experiências, descobri em mim uma prodigiosa faculdade que é ainda hoje para todos um mistério. Sim, sou dotado de uma das mais raras mediunidades — a de materialização de pessoas. Tu conheces as narrações dos fenômenos singulares que acompanham as experiências dos mágicos de todos os países, dos faquires, dos dervixes, dos teósofos, dos médiuns, toda a espécie de investigadores de esoterismo. A mediunidade materializante de que sou dotado não difere

de alguns fenômenos observados, porque eu materializo a qualquer espírito, tomando a imagem evocada a forma espectral, mas de *forma palpável*, compreendes?

Não pude deixar de sorrir.

— Duvidas? E posso até descrever-te o estado extraordinário em que me sinto durante esta rara e singular operação... Por que pões em dúvida, quando a telepatia constata este fenômeno estranho da evocação dos mortos, reproduzindo por meio do *médium* a imagem exata da pessoa evocada, sob uma forma luminosa, pálida, lunar, mas rigorosamente idêntica e palpável?

**[259]** Eu emendei docemente:

— Mas nem eu ponho em dúvida o fenômeno. Apenas, além de testemunhos alheios, eu desejava ver...

Carlos esteve um momento silencioso; seus olhos enormes, luminosos e profundos fitavam-me, com um poder de penetração intolerável.

O rosto, esbatido de sombras, era espectral; e de súbito, cravando-me de perto os olhos, disse-me com uma rude violência:

— Lamento que não possa satisfazer-te agora; mas dou-te minha palavra de honra de que hei de fornecer-te a prova irrefragável *até mesmo depois da morte!*

O acento com que falou era tão singular, que eu tive um desfalecimento pálido; e os olhos fulminantes daquele amigo, que estava tão próximo da loucura, vencendo a minha compaixão, causavam-me uma sensação incômoda, aflitiva, magnética, de repulsivo pavor.

Sua voz fez frio no aposento.

Flora entrava com as luzes.

— Chut! — fez Carlos para mim, designando-a com um gesto.

E eu vi-o de novo reassumir a sua atitude calma, ligeiramente irônica, sob a qual dissimulava a sua angústia aos olhos de Flora, para que ela não sofresse e continuasse a viver numa ignorância despreocupada e feliz.

Ela veio sorrindo para mim.

— Por que não entram? Está tão sombrio aqui! Eu farei um pouco de música, se quiserem.

E a um gesto de aprovação, fomos sentar junto ao piano, enquanto Carlos deixava-se ficar exilado no silêncio da sombra.

O primeiro acorde ressoou.

Eu, sentado ao lado de Flora, via-a de perfil, muito luminosa, muito clara, a cabeça ligeiramente inclinada para diante. Os cílios [260] longos punham uma sombra nos olhos que se apertavam sobre as pautas da música.

Sem transição, eu senti despolarizar-me do estado de alma em que deixaram-me as impressões daquela visita espiritual feita à alma de Carlos que se abriu, como um tabernáculo, para revelar-me todos os seus segredos; as últimas revelações sintomatizando para mim um desarranjo mental, uma obscura psicopatia, encheram-me de presságios, de terror mesmo pela tinta fantástica de suas últimas palavras. Pois, de súbito, deixando as trevas do seu gabinete na projeção luminosa da sala, eu esqueci-o imediatamente mais as suas aberrações e desalentos.

Era como se uma manhã luminosa e cândida dissipasse uma noite de torvos pesadelos; ainda assim, o seu veneno devia remanescer no fundo de minhas ulteriores impressões numa outra ordem de sentimentos e ideias. A luz varreu-me do espírito as desagradáveis emoções; a presença de Flora comunicava-me um certo deleite e bem-estar.

Fui-me deixando embalar ao ritmo da música que alvoroçava o aposento. E, absorto, comecei a experimentar as primeiras impressões do trecho musical executado, impressões que exprimiam um estado de alma indefinido que não era o meu e que eu me esforçava para compreender e penetrar na linguagem vaga e fugidia com que a música traduz o sentimento.

De minha memória, começou a surgir uma lembrança indefinível, que eu não sabia precisar, evocada por aquela música que me não era estranha e que recordava qualquer coisa intangível que fugia como um proteu num nevoeiro de recordações longínquas.

E de súbito, um título corrido sobre a estante por um golpe de luz decisiva na minha memória, *Sonata de Kreutzer*, de Beethoven.

Recordei-me imediatamente não da impressão que a música me causava, mas da influência que exerceu sobre a alma atribulada [261] daquele singular Posdnicheff, de Tolstoi, que eu evocava com gestos desordenados, arrastando passos maníacos num vagão de caminho de ferro moscovita, narrando o trágico episódio conjugal, cuja cena de sangue reconstituía-se na minha memória com uma intensidade dolorosa que me dava arrepios de pavor, quando o violinista Troukastewesky, num pânico covarde, abandona a amante, que o defende, à fúria homicida do marido ultrajado.

E sem saber por quê, esta lembrança começou a pesar-me como uma obsessão, a fazer-me mal, pela aproximação do drama doloroso, como se eu próprio fora um dos seus protagonistas. Verificava nele o fundo amargo e pungente do adultério, desenrolando-se em catástrofes terríveis. Na minha consciência, começava a instilar-se o veneno de uma culpa não cometida.

Entretanto, de novo experimentava aquela beatitude e perturbação desconhecidas ao respirar a atmosfera que se fazia em torno de Flora; tinha por ela como que uma devoção enternecida e submissa, sentindo o encantamento inexplicável que me dominava todas as vezes que me aproximava daquela criatura, que eu visitara na parte mais nobre do seu espírito, compartilhando dos mesmos gostos, participando das suas predileções, associando-me aos mesmos sonhos e comungando nos mesmos ideais.

Tanto mais intimamente nossas almas se comunicavam quanto mais avultado se me afigurava o seu raro cabedal de observações penetrantes, revelando-me a delicadeza de sua educação e de sua sensibilidade.

Amo-a? Eu me interrogava, cheio de perplexidade.

— Em que pensa? — perguntou-me ela, de súbito.

Senti-me despertar. O piano havia silenciado. Flora tinha colocado sobre o meu ombro a sua pequena mão e este simples contato causava-me uma sensação intraduzível; a sua ligeira pressão enchia-me de [262] orgulho, como se fora uma promessa, e de reconhecimento, como se fora uma mercê.

Flora havia se inclinado para o meu lado, de modo que apenas uma pequena distância separava as nossas cabeças, e olhava-me tão de perto, que cuidei tivesse a intenção de sondar a minha alma através de minhas pupilas.

— Em que pensa? — repetiu com uma insistência familiar.

Não sei por que o pensamento que eu desejava dissimular traiu-me nesta frase:

— Penso em nós ambos...

Seus cílios palpitaram; ela retirou lentamente a mão que ainda se fixava no seu ombro.

A luz agitava-se no candelabro, iluminando a sala silenciosa. Pela janela aberta uma aragem suave trazia emanações embalsamadas do jardim. Uma estrela tuxiava o céu, como um brilhante enorme.

— E que pensava a meu respeito? — inquiriu Flora, fitando-me de novo.

— Não sei dizer precisamente. Todavia, cuido descobrir na sua boca não sei que vaga expressão de tristeza. Será verdade?

Ela riu-se. Por quê?

— Eu é que o vejo triste, esta noite. Por que razão?

Eu não ousei responder; fitei-a com uma tal expressão que ela desviou os olhos, baixando lentamente a cabeça, sem dissimular a perturbação que a invadiu. Não sei que singular excitação sentimental dominou-me naquele instante; a humildade de Flora enchia-me de alvoroço, a sua perturbação causava-me íntima alegria.

Ama-me! Ama-me!, pensava eu, e este pensamento encheu-me o coração de um esto de ternura. As palavras, entretanto, não me acudiam à boca e eu não ousava fazer uma declaração formal de amor.

Houve um momento, porém, em que receei havê-la ofendido: parece-me notar-lhe um gesto reprimido de desdém ou de repulsa.

[263] Apoderei-me da sua mão e apertei-a nas minhas com transporte, voltando-me para ela.

— Perdoe-me — supliquei numa voz submissa que decerto a comoveu — Perdoe-me!

Ela nada disse, mas abandonou-me a sua mão inerte e flácida que eu apertava docemente, incitando-a ao perdão. Flora tornou-se muito pálida, evitando encontrar o meu olhar.

Um silêncio perigoso criou para nós ambos naquele rápido instante uma situação artificial, intolerável.

Flora calava-se. Eu via-a durante momentos pálida e silenciosa, com uma palpitação que lhe fazia arfar o seio, como se ela esperasse ou receasse ainda uma declaração ou uma palavra indiscreta ou enfim um perigo qualquer que não podia prever.

Depois que os nossos olhos se encontraram ainda por um movimento absolutamente involuntário e casual, eu tinha receios de fitá-la ou de falar-lhe; parecia-me que, se ousasse proferir uma palavra, a minha voz deveria ter uma ressonância anômala naquela sala em que o piano silenciara.

Foi Flora mesma quem cortou o embaraço, dirigindo-se para a porta do gabinete. E a sua voz clara, ligeiramente nervosa, chamou:

— Carlos, Carlos!

Eu estremei.

## V

Naquele momento, uma revelação definitiva se fez na minha consciência com um esplendor estridente de verdade. Sem o desejar, surpreendia-me pensando em Flora com voluptuosidade; a sua imagem luminosa não se apagava do meu espírito; fechava os olhos [264] e continuava a vê-la; tinha nos ouvidos o timbre de sua voz; cuidava sentir ainda o contato de sua mão ardente, comunicando-me a febre de um desejo;

afligia-me quando a sua ausência abria um vácuo diante de mim. Era uma obsessão mais forte do que a minha vontade.

Insurgia-me embalde contra a hipótese irritante de uma paixão inconfessável, mas, diante da perfeita lucidez do meu espírito, ficou bem patente a dolorosa verdade! Para quê tentar iludir-me, prolongando uma situação falsa e insustentável, quando não me sentia com forças para interpor a muralha chinesa de uma obstinação inexpugnável entre a satisfação de uma paixão monstruosa e o sacrifício, que me impunham o dever, a amizade e a honra?

Fosse como fosse, não podia subsistir a menor dúvida sobre a natureza daquela afeição, com que brinquei como uma criança joga com um veneno. Todo o seu lado romanesco e espiritual, que eu confundi com uma simples afeição fraternal, não era nada mais do que o verniz sedutor e capcioso que toma toda paixão amorosa no seu período platônico.

Se, ao menos, tivesse a felicidade de não ser correspondido, ainda bem; mas eu sabia, eu adivinhava que Flora não me era indiferente. Ela não devia ter compreendido ainda a perigosa aventura a que se arriscava e não havia chegado talvez, como eu, àquele resultado, para mim tão exato como uma operação algébrica.

Do que nela se ia operando tinha uma absoluta certeza; mil pormenores, que não me escaparam, a maneira por que me falava, a expressão do olhar, frases ingênuas, mil coisas subentendidas e não articuladas, um gesto, uma atitude, e principalmente esta como corrente elétrica que se estabelece nos sorrisos, levaram-me a uma completa evidência. E ficava a cismar se, nas circunstâncias especiais em que o acaso me envolvia, eu traísse a amizade, sacrificasse aquela paz doméstica,

perturbasse duas almas confiantes, iludisse aquela [265] lealdade sem limites, salpicasse a minha alma no lodo de um incesto quase, que palavra deveria encerrar e traduzir o sentido daquela inqualificável infâmia?!

Assim como às pessoas de uma sensibilidade particularmente delicada a simples imagem do sabor de uma coisa repugnante provoca vômitos antes mesmo de serem coagidas a levá-la à boca, assim a imagem da traição que eu ia praticar foi tão enérgica e precisa que eu tive a sensação de desgosto e acabrunhamento que ela deveria causar-me mais tarde, e que era como se me despenhasse num poço de lama deletéria.

Não obstante, ao mesmo tempo a esperança da posse do objeto amado, o antegozo da sua conquista enchiam-me de alegria, estimulavam os meus apetites bestiais.

Eu tinha plena consciência do desdobramento do meu eu, da presença simultânea de dois centros de ação, de duas séries paralelas de desejos contrários, da coexistência de duas pessoas morais distintas e justapostas no meu cérebro.

Outros veriam talvez no meu caso um inocente flerte elegante, julgando ridículas e doentias as minhas apreensões; contudo, compreendi a extensão do meu sentimento, para não receá-lo. Eu só tinha uma solução — retirar-me, porque não acreditava que aquela paixão insensata pudesse crescer e desenvolver-se à distância; seria, além de um ato de proibidade, um meio de subtrair-me à sua influência nefasta; e, se naquilo porventura houvesse uma abnegação, sentiria um nobre desvanecimento em praticá-la.

Desde que a vi pela primeira vez, uma secreta perturbação revelou-me que eu a amaria talvez e que Flora exerceria sobre mim uma influência

como ninguém jamais exercera; era ela a mulher tal como eu desejava e tal como sonhei.

Uma curiosidade me retinha ainda: por que Flora não amava a Carlos? Se o amava, por que esta singular conduta que lhe notei? Ele [266] era bom, terno, carinhoso. Comparava-me com ele e achava-o muito mais digno da afeição daquela mulher.

Haveria uma razão fisiológica, porventura, que aclarasse tudo aquilo? Eis as questões que involuntariamente me acudiam, enchendo-me de dúvidas.

Somente muito mais tarde eu pude saber apenas, sem conseguir devassar todos os mistérios de sua alma, o motivo pelo qual alguns dos seus dias se escoavam para Flora interminavelmente, sob a obscura palpitação de um opaco anseio, claustrados em crepúsculos de indefiníveis pesares.

Sob os pretextos invocados, certo o motivo verdadeiro e impalpável remontava à esterilidade do seu casamento, lastimável aliança improfícua sobre a qual não descera a benção da natureza por um desses vínculos de sangue que constituem quase sempre o indissolúvel traço de união de dois destinos. Um filho seria para ela uma graça e uma mercê do céu e nada podia ser equiparado àquele instinto de Maternidade que se incubava no íntimo de sua carne. Não era a aspiração elevada de eternizar-se no prolongamento indefinido das gerações sucessivas; ao contrário, o estratagema da natureza consistia em inculcar-lhe o desejo egoísta de sentir-se premiada pela maternidade, antecipando o gozo dolorido de todos os frêmitos sagrados que devem palpitar num coração de mãe. Que delicioso seria jorrar um leite saudável sobre a boquinha famélica de um ser ávido e frágil, cuja alma cândida desabotoa na floração rosada de uma carne loura, perfumosa e

imponderável como a de um querubim! A perspectiva das insônias ao pé do berço, dos trabalhos de enfermeira, dos pequeninos e constantes cuidados, tudo isto exaltar-lhe-ia até o amor pelo rebento tenro de sua alma que viesse florir na atmosfera do seu lar.

A decepção deste desejo malogrado acordava das origens remotas da sua existência aspirações instintivas e anelos singulares... Queria [267] levar uma vida nômade por paragens distantes que parecia-lhe ter viajado outrora num carro de indecifráveis aventuras. Então, vinham-lhe lágrimas extravagantes, que Carlos, perplexo, afogava entre beijos, atônito diante destas aberrações do coração feminino; e nunca ele pôde explicar aquela desigualdade de humor de Flora que às vezes nas crises de riso terminava entre lágrimas, sufocada entre dois sentimentos opostos.

Eis o que eu não havia podido ainda aprofundar, sentindo que, no fundo do enigma, em qualquer hipótese havia qualquer coisa de acerbo e de doloroso que me apertava e constringia o coração...

O que mais me penalizava, entretanto, naquele drama obscuro e passionário, não era Carlos que não suspeitava coisa alguma; a vítima que eu mais lastimava era Flora, era a mulher pela qual uma simpatia aguda me sugeria uma profunda comiseração pelo seu infortúnio.

E a mulher — pobres criaturas! — em todos esses obscuros dramas domésticos, é a que mais sofre pela inferioridade estabelecida para a condição feminina as mais das vezes com uma resignação e com uma doçura que bem demonstram o quanto ela continua a ser superior ao homem na esfera moral do sentimento e do afeto. A minha piedade por elas não deriva somente da sua condição subalterna e dependente da vontade do homem, como um prolongamento deste; eu quereria a sua emancipação ainda pelas

altas aspirações idealistas do amor que as perturbam e amarguram na violação dos seus mais íntimos sentimentos e de sua própria carne, no servilismo de sua submissão incondicional em que mesmo a satisfação da maternidade paga um tributo de lágrimas e de sofrimentos à natureza. Pelas condições excepcionais da educação, elas conservam o prestígio e a beleza da castidade, que os homens perdem na adolescência, e respiram uma atmosfera mais pura, que as torna tanto mais superiores para o exercício da virtude e para a pureza dos sentimentos, quanto fracas e imperfeitas para a existência atual.

[268] Pouco antes daquele momento, sentia renascer-me numa atmosfera tão pura, que tinha a satisfação de mim mesmo e achava um sabor agradável à vida, tão simples era minha alma e tão dourada a ilusão de um renascimento para todos os sentimentos generosos e para todas as nobres e desinteressadas ambições humanas. Parecia-me haver retrocedido à quadra perfumada dos meus primeiros anos e alguma coisa de infantil esparzia-me no coração um incomparável eflúvio de bondade. A pouco e pouco, uma suspeita foi me instilando um veneno sutil na tranquilidade em que adormeceram todos os meus sofrimentos; tinha receio de apurar a verdade, tão fulminante deveria ser o seu efeito; mas havia uma voz que me gritava: “Desce ao fundo da tua consciência, se é que tens coragem. Examina atentamente a natureza de tua amizade à mulher do teu melhor amigo e dize se ela é bem uma inocente simpatia fraternal, ou se não dissimulas sob essa aparência uma inconfessável e monstruosa paixão por Flora”. A princípio, eu ainda quis reagir contra a insinuação perversa que me molestava profundamente; persuadia-me de que estava a fantasiar situações dolorosas e acerbadas; cheguei a insurgir-me contra um inquietante pensamento mau e

aflitivo que me irritava como a sensação de uma palha áspera passada entre os dentes. Foi, porém, com uma perfeita lucidez que arrisquei-me ao exame de que resultava uma verdade terrível e irrevogável.

Por que a natureza se compraz em torturar-nos, fazendo subir dos baixos-fundos do nosso ser sentimentos absurdos, aí dissimulados nas camadas misteriosas em que o segredo da vida interior se sepulta? *Se Carlos morresse!* Era em vão que repelia este pensamento iníquo! *Se Carlos morresse!*

O espetáculo daquela aberração moral, em vez de encher-me de desespero ou de horror por toda a espécie humana, dava-me ímpetos de revolta improficua contra as leis impassíveis de uma hipótese inescrutável e imensa na qual repousa todo o problema da vida.

[269] Quem deixaria de sentir uma cristianíssima e inconsolável piedade por todos os que vivem, por todos os que se debatem, arrastados, como folhas dispersas, por um furacão de fatalidades obscuras? *Se Carlos morresse!* Por mais frio, por mais calculado, por mais egoísta que seja o investigador que se compraz na dissecação da alma humana, sob o escalpelo indiferente da análise, como deixar de comover-se, quando a solidariedade latente da espécie acorda nele um eco de ternura pela dor, como a vibração de uma corda desperta a vibração simpática de outra corda afinada pelo mesmo diapasão? *Se Carlos morresse!...*

E como os encargos de sua profissão tivessem obrigado Carlos a ausentar-se durante alguns dias, eu arrependia-me de não ter sido o primeiro a tomar mais cedo a resolução de deixar os Rosais, furtando-me a uma inquietante opressão moral, porque as minhas previsões iam-se

realizando no declive fatal de uma situação, cujo funesto desenlace ameaçava-me com uma perspectiva sinistra de pesadelos e de expiações.

Tinha ímpetos de tardia revolta, por não haver oposto uma recusa decisiva e categórica a todas as solicitações que violentavam os meus propósitos e desígnios. E minha inquietação crescia ainda porque a ausência de Carlos punha um invencível constrangimento à minha presença na chácara, cuja imensa solidão, povoada de um estridente chiar de cigarras, isolava-a ainda mais do contato do mundo.

E as tardes cálidas caíam num largo esplendor estival, douradas de luz, embaladas da *berceuse* das fontes, derramando molezas de sesta, espreguiçamentos lânguidos, lassidões doces e soníferas dos nervos. O ar abrasado era imóvel e as águas faiscavam como a lâmina de um espelho ferida de sol. Na sombra das goteiras as pombas arrulhavam idílios castos de casais apaixonados.

Eu sentia as sugestões latentes dos largos silêncios, cheios de recolhimento e de solenidades. A perspectiva do mundo afastava-se, [270] apagava-se à distância num horizonte longínquo, afogado em brumas e nevoeiros, e eu refugiava-me no meu sonho, embalado no gozo falaz de furtar-me à realidade e de partir para bem longe, numa terra dourada e fantástica em que o meu ideal pousara num bivaque estrelado sobre o qual se levantava a tenda pálida de um crescente. Mas os atritos da existência despertavam-me dos meus arroubamentos e a minha alma exilada descia de novo do sonho estrelário para o qual se alara em busca de um instante de repouso e de tréguas aos sentimentos que travavam luta no meu coração. Passeava minha inquietação, procurando aplacar-me, em longas excursões pelos bairros tranquilos que surgiam de improviso em planos deliciosos de

pintura, em linhas sugestivas de desenho, em composições e motivos de aquarela.

E eu gozava das impressões virginais das paisagens, contemplando-as com olhos enternecidos, que me davam não a visão da natureza tal qual ela é, mas tal qual se me mostrava sob a feição particular de minha sensibilidade. Ora prendia-me a vista um velho trecho de rua arruinada, com casebres fúnebres, de paredes ulceradas e telhados engalanados de heras, surgindo a espaços dentre muros esboroados de pedra solta e dentre copas sombrias de laranjeiras; ora, ao desembocar duma viela deserta, topava de súbito, sob uma linha de árvores, marginando estradas em declive de terras cultiváveis, um trecho d'água bucólica, espelhando o céu vespéral, pincelado de toques ligeiros e vapores azulados, e no último plano um horizonte cheio de múrmuras melancolias, de meias-tintas esbatidas num poente saudoso.

Às vezes, de volta às excursões incertas, botava-me para a casa de padre Ângelo, bem pousada num canto do arrabalde, sorrindo na brancura das suas paredes, com janelas de arco, sem caixilhos. Encolhia-se na sua pobreza, recuando para dentro dos muros num silêncio monástico que um cacarejar de galinhas cortava e às vezes também um mugido amplo, melancólico, pacífico, que saía do estábulo, como [271] uma súplica. Sobre os muros desenhavam-se as copas dos intermináveis cafeeiros; e um cheiro a jasmims e sassafrases!...

Era de uma extrema pobreza a casa do sexagenário, que havia renunciado a todos os quinhões de prazer. E vinha estender-me as alvas mãos de prelado, sorrindo pelos olhos que conservavam uma expressão fundamental de radiosa candura na transparente cristalinidade do olhar. O meu ceticismo sentia-se tomado de simpatia e respeito por aquele humílimo

sacerdote, tão sensível às desgraças alheias, tão simples nos seus mais belos atos de caridade, tão simpático na sua humildade clemente, tão suave na sua simplicidade benfazeja, e tão puro, tão doce, tão inverossímil, que a sua cabecinha de algodão em rama parecia surgir dos nevoeiros de um sonho místico para traduzir em fato um consolador exemplo que dignifica e enaltece a espécie humana!

Eu amava-o. Para mim era um cismático aquele que eu chamava o “filósofo humanitário”, que via apenas no mundo o lugar de expiação, “o vale de lágrimas” e ainda uma ilusão efêmera através da qual seus olhos místicos descobriam uma balsâmica verdade imutável.

A sua companhia acalmava-me e eu ficava a cismar, se ele pudesse adivinhar tudo o que se passava dentro em mim, que surpresa não dilataria os seus olhos, adoçados de bondades celestes!

E não podia demorar-me no presbitério; esforçava para subtrair-me à atmosfera dos *Rosais*, de onde fugia em sortidas desordenadas. Mas como se ali estivesse um ponto de atração constante, eu girava insensivelmente na mesma órbita, sentindo que alguma coisa me faltava, que punha-me numa perene inquietação. Eu bem sabia que aquela atração estava na mulher amada, de que eu me achava separado por uma barreira invencível.

Os meus receios aumentavam, embora verificasse que Flora soubera opor sem afetação uma certa reserva na sua conduta e nas suas palavras.

[272] Cheguei a imaginar que representasse uma farsa comigo; odiei-a; odiei a sua virtude! Quis convencer-me de que era uma mulher loureira e vulgar. Dia a dia, porém, a minha paixão recomeçava.

E na conversa de ambos nós, as coisas mais frívolas desfiavam longamente numa parlação animada, mas tranquila, em que os nossos

verdadeiros sentimentos se dissimulavam num jogo hábil e calculado de palavras. Apesar desta conduta prudente, como nós nos compreendíamos e nos adivinhávamos às vezes! Muito embora o propósito que ambos sustentávamos, havia para nós um particular encanto naqueles colóquios fúteis em que nos ouvíamos e nos deliciávamos, sob a máscara de uma perfeita impassibilidade aparente.

E o isolamento em que vivíamos, o silêncio da casa, a ausência de Carlos, as repetidas retiradas do padre Ângelo multiplicavam, sem que o quiséssemos, tais encontros e davam maior incremento à paixão, apesar de todos os nossos estratagemas.

Não obstante lutarmos contra os sentimentos que nos avassalavam, cada hora que decorria aumentava o encanto em que vivíamos; e as apreensões, os propósitos, todos os inocentes artifícios honestos, tudo ia se desfazendo sob o atrativo falaz e irresistível da paixão que nos dominava naquela vivenda isolada e risonha, cujo jardim abria-se numa eclosão de flores, como o lugar edênico em que o primeiro par pecou pela primeira vez.

Quase sempre Flora inventava um pequeno trabalho feminino e gracioso e eu tinha um prazer que se não traduz contemplando-a nos seus misteres delicados, floreteando uma agulha, andando com a sua graça luminosa, ou tricotando, curvada sobre o trabalho. A sua pequena cabeça, de uma castidade fecunda, tinha um relevo adorável, toda cercada de luz; os olhos magníficos, de uma expressão acariciadora, eram cheios de mistérios; a boca era desenhada num pálido cor-de-rosa; e uma graça entontecedora irradiava de toda a sua suave figura. [273] Quantas vezes eu assim enlevado na contemplação daquela mulher não senti ímpetos de ajoelhar-lhe aos pés, de beijá-la, de acarinhá-la ou brutalizá-la nas energias selváticas de uma

paixão imoderada? Dominava-me, porém; uma tristeza imensa melancolizava o prazer que esta contemplação me dava; nos olhares em que a envolvia já não havia castidade; eu sentia bem claramente os frêmitos da carne e o pecado começava pelo pensamento com uma tirania implacável!

As imagens voluptuosas vinham-me a contragosto; eu reconstruía pela imaginação toda a forma da mulher amada, devassava todo o segredo de sua carne, habituando-me aos poucos com aquelas imagens que involuntariamente se desenhavam na minha mente. Porque eu já me sentia incapaz de lutar com o próprio pensamento para intimá-lo a parar; de modo que a sugestão do pecado aparecia-me sob diversas formas.

O que me era mais doloroso era adivinhar a luta que Flora sustentava contra si mesma, revelando a sua paixão involuntariamente em cada gesto, em cada ato. Um momento houve em que eu quase cheguei a capitular no combate entre o dever e a paixão. Para que lutar mais, se a luta era desigual num terreno falso?

## VI

Uma noite, recolhi-me ao meu aposento, mais do que nunca dominado pela influência perturbadora da mulher amada, após uma prolongada palestra em que nos entretivemos à luz velada de um lampião.

Ficaram-me indeléveis atitudes lânguidas de delicioso abandono, que punham em evidência a graça esbelta e florentina do seu torso, a pureza modelar das formas enxutas, a linha feminina do talhe, fazendo adivinhar a correção anatômica do corpo. E a sua figura era [274] tão leve, tão alada, que

parecia prestes a todo o instante a desatar um passo aéreo de gracioso minuete.

O que mais perturbava era o recato dos trechos pudicamente dissimulados do colo espumante de rendas, em que se adivinham duas florações de carne abotoando nos bicos distantes dos seios. Sobre a cabeça em que uma trança escassa se enroscava impetuosamente, caíam os bandós; os supercílios alados levantaram-se em desafio no ângulo do nariz em traços enérgicos de nanquim, pondo fermatas sobre a expressão permanente, impenetrável e fascinadora dos olhos. Nunca eu senti tão intensa a sugestão voluptuosa.

Durante horas medi a passo febril o meu aposento. Recapitulava a história recente de uma paixão condenada ao sacrifício, muito embora sentisse toda a sua grandeza e todo o anseio de uma rara ternura; ao meu afeto opunha-se a barreira invencível de uma poderosa energia que me impunha um doloroso sacrifício pessoal, uma sobre-humana renúncia de que o meu coração saía sangrando de torturas. Acerba ironia da sorte que me levava a amar exatamente a mulher para a qual era um crime levantar os olhos! E não tinha forças para sufocar um sentimento mais forte do que a minha vontade, insubordinado aos ditames da razão.

Se Flora fosse livre, como tudo mudaria e como eu poderia fazê-la feliz! Bem poderia fugir com ela, isolar-me do mundo e viver do meu amor, muito embora o mundo nos amaldiçoasse; mas Carlos? Que diria ele, que pensaria ele, que faria ele? Só a perspectiva da desgraça do amigo me fizera demover de um tal pensamento. Estava decidido que me resignaria bravamente ao sacrifício, até que um dia o tempo curasse o delicioso mal que me exaltava e pungia.

Preso de uma insônia cruel, desci ao jardim, deserto àquela hora adiantada da noite. Foi então que reparei na beleza incomparável das estrelas, aflorando dos brocados do céu. No silêncio da noite, [275] a queixa da fonte era de uma fina, nostálgica e múrmura melancolia. O luar abria tules brancas sobre a areia, adormecia no esplendor cristalino do tanque, punha um polvilhamento de geadas nos tufos sombrios das roseiras e colmava de neve o alto da vivenda em repouso. Sentia-se a ação latente do luar sobre a natureza, como se ele fosse a alma brumosa que povoasse a solidão. Nada era impermeável à mistificação cabalística dos seus fluidos que iluminavam as fontes, imobilizavam as árvores, desabrochando as papoulas e acendendo os olhos das estrelas.

Eu errei ao acaso e meus passos morriam abafados nas aleias. E, parando diante de uma roseira, recordei-me de que fora ali que pela primeira vez sofri a impressão peregrina dos olhares enigmáticos de Flora. A alguns passos, estava o caramanchão, um pequeno pavilhão de quinta, povoado de flores e de recordações. A imagem dela surgia ali também, na recordação de uma tarde primaveral, ressonante de cavatinas de aves e perfumada de flores abertas; Flora lá se achava naquele dia numa atitude radiosa de deusa pagã, ostentando a linha soberba e divina do seu porte feminino. A face corava de matizes carminadas e a boca desenhava-se num forte colorido sensual de papoula aberta, em que dir-se-ia estar prestes a ressoar a música de um beijo.

E nos seus olhos negros, vibrantes, enérgicos e expressivos velavam-se os abismos da paixão, divisavam-se apenas os traços fugitivos de uma confissão recôndita. Em torno dela, a mesma atmosfera inexplicável de

misterioso atrativo, de poderosa sedução feminina, um perfume capitoso de mulher formosa e fecunda.

“Se ela estivesse lá!”, pensei eu. A hipótese era insensata; mas o pensamento voltava com a tirania de uma obsessão, *sugerindo-me a presença dela*.

Sentia um alvoroço nas palpitações insólitas do coração e foi a passo rápido e discreto que penetrei no caramanchão. E estaquei, [276] varado de surpresa, julgando-me vítima de uma alucinação por sugestão do desejo.

Era ela! Era ela, que reprimiu um grito de terror. Levantou-se subitamente. A minha surpresa era tal, que eu continuava imóvel à entrada do pavilhão, sem poder dar crédito ao testemunho dos sentidos. Ao mesmo tempo, comecei a sentir uma perversa, uma diabólica alegria pela aventura em que somente o acaso acabava de envolver-me. Que inspiração providencial ali me havia conduzido?

Flora, que se apoiara palpitando sobre um balaústre, fez um movimento para sair. Compreendi naquele instante que, sob o pretexto de uma explicação inadiável, eu não devia perder o ensejo que o acaso me proporcionava.

— Flora! — murmurei comovido, num tom de voz tão extinto, que já era uma confidência e estabelecia uma tácita cumplicidade entre nós. Estávamos ambos de pé, diante um do outro.

No pavilhão havia — lembro-me bem — uma atmosfera difusa, lunar, cheia de aromas capitosos; em torno, o jardim se estendia numa solidão paradisíaca, sem um rumor, mergulhado num recolhimento de sono sobre o qual se desdobrava a extasiação do luar; a hora avançada da noite tinha cumplicidade, flagrantes e intenções criminosas.

E a serpente do pecado insinuava perfídias nas emanações insidiosas do perfume.

Eu adiantei-me para ela quase de joelhos; Flora deu um passo para a porta. Detive-a imperiosamente.

— Não, por Deus! Não te vás, sem que me hajas ouvido e sem que me hajas perdoado!

Na veemência desta súplica, eu consegui apertar as duas mãos que me fugiam e, transmitindo-lhes o meu ardor e a minha vontade, continuei com uma exaltação crescente, em que todas as cordas da paixão começaram a vibrar numa energia indomável.

[277] — Perdoa-me, porque já não sei o que faço e o que sinto! Oh! Sim! É preciso que me ouças! Não digas que não... Não me fujas, que te não quero mal. Se soubesses quanta coisa queria dizer-te neste momento! Pelo muito que tenho sofrido, por piedade! Oh! Fica! Fica!...

O acento de minha voz ia aos poucos subindo na gama da ternura, adquirindo um ritmo nobre. Na obscuridade do pavilhão, Flora aparecia-me velada de uma brancura láctea e espectral, em que os olhos somente concentravam toda a surpreendente expressão fisionômica.

A sua vontade extinguia-se como a de um hipnótico, sob a emoção que lhe produzia principalmente a vibração ritmada de minha voz em que se delineava um esboço melódico imperceptível, cuja sugestão vinha, não tanto da significação das palavras, mas da música da voz, do infinito cromatismo do timbre, que encontravam na disposição de sua alma uma repercussão simpática naquele momento.

Eu prossegui, dominando, enfim, as insurreições do crepúsculo daquela vontade revel, com uma abundância de palavras de que não posso

recordar-me com precisão, sem saber distinguir o que eu pensava, o que eu sentia e o que eu lhe disse:

— Sim, tu ficarás para que na piedade de tua alma ache um eco de simpatia este segredo, que é o meu tesouro e o meu tormento! É tanta coisa que me sobe à boca para dizer-te neste instante, que chego a parecer-te insensato! Insensato, sim! Que importa? Fica e escuta. Deixa que a minha prece te implore de joelhos para que ouças esta tristíssima história. Eu venho de uma áspera viagem pela via-sacra de um martírio, através do labirinto escuro em que minha alma tateava aflita, debatendo-se na nostalgia do teu beijo e na ânsia do teu afeto! Tu, só tu, eras o viático que eu vinha acompanhando no êxodo daquela peregrinação sombria que ligava o meu destino ao teu... Eu tinha a alma cheia de tua imagem, porque te amo, porque te amava e porque nos amamos, ouves? Nos *amamos*...

[278] Flora parecia desfalecida na sombra; súbito, repeliu-me com as mãos e murmurou com uma voz trêmula de lágrimas:

— Cale-se, cale-se!

— Por que hei de eu calar um segredo que transborda? Por que hei de selar com uma mordança a boca, quando a tortura do silêncio já me exauriu as forças? Há uma coisa que paira mais alto do que todas as nossas misérias e do que todas as angústias — é o nosso amor! E por que havemos de apunhalá-lo, quando é o único bem que me resta, a única felicidade que me coube nesta desbotada existência improfícua? Esqueçamos tudo; partiremos as cadeias que nos torturam e nos prendem a uma realidade dolorosa; fugiremos no bergantim do sonho para o país de ouro e de sol da mais dourada quimera... Porventura não sentirás tu também este eterno anseio para se subir às maiores alturas de uma felicidade que se entrevê e

se aspira bem longe do contato grosseiro das coisas humanas? Cumpre desprezar o mundo, tanto quanto ele nos desprezará amanhã... Amanhã! Mas para que encarar o futuro, quando o momento presente é o de mais abundante satisfação de minha vida, quando, enfim, consigo apanhar a asa do sonho que eternamente me fugia, transpor a muralha impalpável que eternamente nos separava? Amanhã será apenas a velhice gelada para o amor, com o arrependimento tardio talvez de não termos esgotado a taça do prazer gozado!

Flora interrompeu-me com um soluço dolorido, com uma súplica humilde e vencida:

– Por piedade!

– E por que não hei de eu também invocar a tua piedade? Tu estremeces ainda? Deus! Não foi um acaso providencial que te pôs nos meus braços? Quem me ensinou o caminho e guiou os passos para onde estavas? Olha para a sombra que nos protege, para o aroma que nos inebria, para o silêncio que nos rodeia; tudo tem uma conjuração [279] comum para que as nossas almas se enlacem no supremo abraço para o qual a natureza as impele. Escuta... Não ouves essa voz que vem do luar cantando o epitáfio de nossos esponsais? É a benção da natureza! É o luar, é o luar que está cantando! É o luar que está cantando sob a paz da noite luminosa de onde desceu agora o raio de estuante felicidade que resplandece na Páscoa estelária de nossas almas; é uma aleluia que desce do céu e palpita em minha alma, como um carrilhão sonoro de evoés luminosos! Escuta ainda... Acaso eu me engano, ou tu ouves também a voz que vem fluidicamente cantando à distância? E daqui a instantes, essa voz se extinguirá, quando a aurora espectral desfizer o encantamento destes horizontes. Penetremos a tenda

levantada do sonho! Oh! Se eu pudesse aniquilar a clepsidra do tempo e dizer à desfilada do momento que foge – “Para”, perpetuaria a comunhão de nossas almas, para que ela se eternizasse indelevelmente através do espaço, e ficasse palpitando no esplendor puro e lapidário das estrelas imortais! Que um momento só de ventura possa resgatar toda a provação passada! Olha bem para mim... Escuta, escuta, oh! Meu amor! Meu amor! Meu amor!...

Eu sentia que as mãos, que se retiravam, haviam-se abandonado aos poucos, frias e inertes; os braços tinham-nas acompanhado e após ele um corpo de sonâmbula, para cuja vontade se fez noite no espírito; a boca, que se furtava à emissão do beijo, já estava tão próxima que eu sentia o hálito que ainda corria de um fio de vida.

A cabeça de Flora caiu pesadamente no meu ombro, banhada de uma palidez da morte.

Naquele instante, no meu espírito esboçou-se palidamente a noção desmaiada do triunfo brutal da Seleção, aos reclamos irrevogáveis da Espécie que faz do amor o princípio elementar de uma ação dissolvente do indivíduo. Um estremecimento percorreu o corpo desmaiado de Flora; uma tinta luarenta punha uma palidez de ressuscitada [280] na sua face impenetrável, em que a expressão fisionômica, como os olhos se apagassem, astros extintos, tinha se adensado no mistério implacável do traço amargo da boca cerrada no momento em que a irracional energia da paixão sufocava todos os derradeiros protestos, enlaçando os braços dos que se amavam num amplexo redentor em que se apagavam todas as tristezas, todos os sobressaltos, todas as angústias da existência miserável!

Fora, a noite resplandecia, sem sobressaltos, numa grande calma estrelada que caía do céu como um sonho beato de tules líquidas sobre o repouso da natureza.

E eu sentia-me morrer inefavelmente...



Enfim! Aplacado o primeiro alvoroço da sensualidade, foi com uma enervante revolta, com um desolado desgosto, que constatei, numa palpação de pavor, a verdade dolorosa do fato consumado.

Aos transportes veementes do amor, sucedeu uma crise profunda, de inconsolável tristeza, de mágoa verdadeira; árido, profundamente irritado nas dores verdadeiras, quanto espontâneo nas fictícias, não sei por que se embotou a minha sensibilidade aos impulsos verdadeiros do sentimento. Após a vertigem que acompanha o eclipse das faculdades lúcidas, senti-me fulminado diante daquele abominável desmoronamento moral, que me perturbava como o espetáculo de uma catástrofe. Após algumas horas de irritação e de um sofrimento crescente, tentei debalde parodiar em burlesca os meus sentimentos; mas não sei que instintivo presságio dramatizava singularmente aquela dolorosa situação e eu adivinhava que seria profundamente cínico profanar o esto de bons sentimentos, cujo fundo eu conservava como uma flor preciosa e delicada.

Cerrava-se-me o coração numa mortalha de frios presságios, de angustiosos desfalecimentos, à simples hipótese de que aquela traição [281] ressaltasse um dia, numa revelação fatal de verdade, aos olhos doces e leiais do meu amigo, brutalmente ferido nas cordas mais sensíveis do seu coração,

quando lhe infligisse um iníquo infortúnio, cujas consequências estremeço de lembrar, tal a insólita vibração dos meus nervos...

Que relevo monstruoso não teria um ato irreparável aos olhos do homem confiante e profundamente sofredor, a cujo calvário eu juntei mais um travo de fel, indiferente à majestade de seu infortúnio? Ele, que não compreendia desfalecimentos de caráter, as fatalidades deterministas de uma origem obscura que subordinam as decisões mais espontâneas e aparentemente mais livres à influência das causas exteriores, dos predicados originários, e das forças alheias ao *eu* querente e pensante! Desprezível incapacidade que me faquirizava para as reações numa atonia de todas as energias, resignada a todas as situações deprimentes!

É uma recordação acridoce a daquela noite, em que vi pender para mim, como um lírio ceifado, a bela cabeça de minha vítima, ouvindo ainda os seus soluços, de uma tristeza imensa repassados; e foi naquele instante mesmo que pungiu-me o primeiro espinho da expiação. Lembro-me perfeitamente de como eu a vi então, ferida de uma palidez sobrenatural de morte, em que pesava uma nuvem de tristeza; a linha da boca era amarga e os olhos fechados pareciam anunciar que ela morreria daquela síncope fatal. Suas mãos eram frias e um tremor convulsivo agitava-a por instantes. Senti que aquela imagem de morte, associada à imagem voluptuosa, interpôs uma barreira impalpável entre as nossas almas na comunhão dos seus desejos e dos seus sonhos; é ainda assim que a minha memória representa esta mulher dolorosa, branca como o luar que nos espreitava lá fora dentre a exalação perfumada dos rosais floridos. Parecia-me dessas virgens fantásticas de baladas sinistras, que têm uma palidez de sonho e as feições mal desenhadas e vagas dos fantasmas.

[282] Somente a respiração anunciava que ela continuava a viver. E era tão frágil, tão leve, tão sutil, que eu poderia carregá-la nos meus braços, como quem leva a palpitação luminosa de um fogo fátuo. Ela amava-me, a infeliz! Ela amava-me, bem o sabia; mas queria ela que aquele amor imaculado realizasse os desejos inconfessáveis de sua carne? Entregou-se ela voluntariamente, espontaneamente, ou não terei eu porventura abusado de um só minuto de fraqueza para vencê-la e para dominá-la nos braços a que um instinto deu força brutal? Brutal, sim; brutal foi o arremesso a uma presa, que já se não defendia, e naquele momento não poderei tornar-me responsável pela vertigem que despertou em mim todo o fundo bestial da minha natureza, acometida de um furor sexual irresistível.

Ela debatia-se numa resistência silenciosa e tenaz.

Porventura poderei esquecer-me da alocução apaixonada com que sobretudo perturbei todas as suas energias? Não sei eu que nada nos perturba mais do que as palavras de um homem apaixonado? E confesso que, no meio dos meus impulsos espontâneos, eu comecei a compreender o valor desta arma e procurei tirar o proveito de todo o artifício literário de minhas palavras que não eram senão a hipérbole do próprio sentimento.

Como tudo isto é triste, e, não obstante, profundamente verdadeiro! Sentia-me, entretanto, dominado por uma paixão irresistível que arrastou-me a uma ação indigna. Serei porventura diferente dos outros homens? Seriam outros insensíveis e capazes de dominar até o concurso de fatalidades que me levaram à satisfação animal do meu instinto? Os homens é que criaram artifícios e anomalias contra as leis naturais que reagem, criando situações deprimentes como aquela em que achei? E o que mais me aterrava era o receio de prosseguir, atenta à impossibilidade de furtar-me

às tentações ambientes, fugindo para longe, exilando-me para uma outra parte em que encontrasse [283] de novo a tranquilidade, a paz que encontrei nos primeiros dias de minha vilegiatura nos *Rosais*. Partir para nunca mais voltar era a minha deliberação, porque seria horrível, seria monstruoso se aquilo, enfim, recomeçasse...

Se eu não houvesse a contragosto diferido aquela situação, certamente não teria chegado àquele resultado, ao opróbrio de uma situação que humilhava o meu caráter, que me aviltava aos meus próprios olhos.

Aproveitando de um momento em que tive a nítida noção de minha culpa, sem procurar justificativas no fatalismo cômodo do meu destino, recorri às sugestões de todos os honrados propósitos com que queria pautar a minha conduta, arrancar-me a uma abjeta indignidade, de antemão prevista e friamente executada. Procurei varrer do espírito as perturbadoras emoções: arejar minha alma de princípios salutareis e pensamentos nobres; expungir da minha carne a centelha da luxúria que havia ateado fogo à minha sensualidade adormecida; imergir numa ablução que me limpasse das minhas torpezas e bestiais misérias, de modo que pudesse identificar-me com a serenidade risonha da natureza. Embora o destino pudesse porventura baldar os meus mais sãos projetos, devo confessar que eu era candidamente sincero, quando decidi-me a vencer a passividade do meu caráter e a inércia do meu querer, este deletério defeito que sempre atraçou os meus melhores desígnios. À ingênua vaidade, ao frívolo encanto de me saber amado, eu opunha a noção da minha própria honra, as nobres inspirações do dever mais elementar e o prestigioso ascendente da mais cordial e expansiva amizade que me ligava ao homem a quem eu mais

devia e que tinha por mim uma imaculada e nunca desmentida ternura. Poderia eu esquecer o que devia à inesgotável generosidade de um amigo que, além do acolhimento fraternal do coração, pusera ao serviço de minha causa o seu nome, [284] a sua influência, a sua bolsa? Quando a prematura orfandade veio colher-me ainda adolescente, a meio da carreira encetada, não foi ele quem guiou a minha aterrada inexperiência, quem acalentou a minha dor inconsolável, quem me fez compartilhar o seu conforto, generosamente oferecido com a mais discreta e a mais delicada simpatia? E quando mais tarde fiz a minha experiência social, não foi ainda ele quem com uma solicitude verdadeiramente fraternal iniciou-me na vida, alargou o círculo de minhas relações, recomendou-me à benevolência dos próceres? E, devo dizê-lo, procedia com uma tal discrição que parecia antes receber um favor, obrigando-me a aceitar as finezas de sua amizade, de sorte que não me constrangia e muito menos humilhava — antes invocava os mais delicados artifícios para vencer a sutilidade dos meus escrúpulos. Não fora a absoluta sinceridade que me impus, como uma pena, a confissão destas linhas, e nunca eu insistiria nestas questões de dinheiro, tão repugnantes, tão mesquinhas, e que, aliás, constituem a face mais importante da vida positiva, tanto elas se prendem agora às nossas mais altas e nobres aspirações. Insurja-se embora a hipocrisia convencional contra esta verdade; mas o que é incontestável é que, nesta época de agitação mercantil, o dinheiro alargou de tal modo a influência de sua órbita, invadiu brutalmente domínios tão remotos, que até na nossa vida afetiva ele tem uma ação peremptória e, às mais das vezes, deletéria. Ele é ainda agora a melhor pedra de toque para se fixar a têmpera de um caráter. Ainda a esta prova resistiu a amizade de Carlos; e, como por vezes eu insistisse para

resgatar uma dívida cuja soma eu mesmo ignorava, ele atalhou com um gesto de repulsão:

– Oh! Não me fales nisso, sob pretexto algum!

E em seguida para justificar-me:

– Queres que eu suponha que não fosses capaz de fazer-me a mesma coisa?

[285] Não obstante, o que hoje mais me incomoda são aqueles favores de dinheiro; fazem-me peso não sei se à consciência ou se ao orgulho; verga-me não sei que remorso; me oprime não sei que humilhação... Que termo de comparação há, no entanto, entre semelhantes favores e a franqueza, a ternura, a dedicação a que minha amizade se havia habituado a ser hóspede?

Recorri a todo o reconhecimento que devia a Carlos para não persistir na ignomínia que me desonrava, desonrando-o. Era na embriaguez do movimento, na fadiga do esforço que eu procurava o repouso para a minha alma atribulada. Já não era somente de dia que eu me exilava dos *Rosais*, errando à aventura pelos bairros solitários, pelas vizinhanças dos campos, provocando reparos maliciosos à curiosidade local; à noite, como a minha excitação fosse irreconciliável com o sono, escutando as horas com impaciência, saía para a ronda noturna, vagueando perdido numa tumultuária revivescência da paixão. E sob aquela doida obsessão, eu tinha passos desordenados de ébrio, fragmentos de diálogos interiores sublinhados a gestos inconscientes, que provocavam espantos dos últimos noctâmbulos que eu encontrava a horas mortas na cidade quase deserta, quando os últimos lampiões agonizavam, pondo manchas sanguinolentas às esquinas. Tão alheado me achava, que muitas vezes surpreendi-me em

vielhas tortuosas e desconhecidas, sítios lôbregos e sinistros, que, vistos através da noite, causavam arrepios, a horas criminosas, quando a viação parava, todo o movimento se extinguia nas negridões das ruas inquietantes. A solidão era mais pesada, o frio, mais intenso; a garoa passava, arrepiando as árvores; dos quintais próximos cantava-me ao ouvido o fresco sussurro das fontes; e o canto dos galos à porfia punha alarmas de pavor no silêncio trágico da noite, repetindo-se para os longes adormecidos. Indiferente ao frio e à noite, eu sentia o inconfessável desejo desperto, espicaçando-me, martirizando-me tiranicamente; [286] meu pensamento, vencendo a sinceridade dos meus projetos, estava nos Rosais, acorrentado à imagem adorada de Flora; em toda a parte eu encontrava uma analogia, um contraste, uma recordação em que havia reminiscências de sua imagem. Apesar de todo o meu esforço, não lograva abrir largas intermitências de esquecimento e repouso; o mal agravava-se de novo e eu ouvia de súbito a galopada bestial dos mais sórdidos desejos, ganindo uma esfaimada volúpia, mais e mais estreitando um assédio em torno à minha angústia. Eu prosseguia na estonteada peregrinação, e mais de uma vez o dilúculo da manhã vinha, pondo claridades matinais no céu, quando eu me recolhia, extenuado, vencido pela fadiga, num desespero convulsivo a que um sono de poucas horas vinha pôr um bálsamo passageiro, quando não me despenhava nos tratos de assombrosos pesadelos.

## VII

Após uma última entrevista no caramanchão, eu voltei à vivenda, agitado por sentimentos diversos. Eu tinha um reconhecimento profundo

por Flora e um repelente desgosto de mim mesmo. A reincidência no crime afastava quaisquer atenuantes de ocasião que eu pudesse invocar para minorar a gravidade da minha conduta. Ao mesmo tempo, das fibras de minha carne elevava-se um murmúrio de contentamento, um hino plácido de repouso beatífico e de apetite satisfeito...

Não obstante, ao sair do caramanchão, invadiu-me um receio imenso de ser espionado; o desgosto de minha culpa não era tanto de havê-la cometido, mas de ser conhecida dos outros!

Soaram três horas quando cheguei à vivenda. A casa silenciosa parecia povoada de sombras. Os pombos silenciaram. Uma larga faixa [287] de sombra caía do telhado, sobre as roseiras da varanda que haviam adormecido numa sesta encantada. Galguei rapidamente os degraus da escada e o meu primeiro passo soou na sala com uma repercussão inusitada, alarmando o aposento deserto e taciturno. Uma nuvem de moscas levantou-se, zumbindo, numa claridade morna e doentia. Recebi a impressão de uma casa desabitada, cujos inquilinos tivessem se ausentado de muito tempo, abandonando-a à solidão que rondava à sua porta e adormecera o seu interior, extinguindo os derradeiros ecos de vida para não perturbar a paz das recordações mortas e lembranças apagadas. Uma tristeza espectral caía do alto das paredes sobre aquele lar extinto, como se sua alma casta e branca tivesse se dispersado nas espirais de fumo de sua chaminé. Ao clamor do meu passo a casa repercutiu num eco de protesto e de alarmes, as sombras assustadas exalaram-se nas paredes e o silêncio recaiu de novo mais profundo, mais largo, estendendo-se pela casa toda. Eu tinha medo, esgazeado os olhos pelos ângulos dos móveis, pelas linhas das paredes consternadas; dir-se-ia que um luto pesado as cobria de um crepe de

saudades, de uma névoa de lágrimas, chorando a ausência de alguma coisa muito doce e rara, casta e perfumada, que tivesse expirado e partido para não voltar nunca mais, deixando apenas esparsa naquela atmosfera, como um perfume penetrante, a alma aromada de sua pureza espiritual, que se foi para sempre amortalhada num féretro pequenino de anjo descontente...

E todas as coisas estavam a olhar para mim com uma doce piedade materna, em que havia recriminações e clemência, lágrimas e perdões. Aquele teto, aquelas paredes, aqueles móveis afeiçoaram-se-me; ligaram-se indissolúvelmente à minha existência; eram-me familiares. Pareciam-me outros tantos seres que me compreendiam e amavam, gozando comigo das mesmas alegrias, sofrendo dos mesmos pesares.

[288] Dirigi-me para a alcova a passo rápido, quando vi uma sombra que deslizava por detrás dela, num ângulo da parede. Voltei-me com uma palpitação de terror para a velha criada da casa que vinha saindo da alcova. Cuidei ver nela um movimento agressivo e a impressão foi tão nítida, que recuei com receio de uma violência. Percebendo talvez a minha impressão, a velha ama tinha parado, mergulhada no mistério dos seus olhos apagados, numa atitude simples e natural. Eu tive-lhe medo; a consciência de minha culpa enchia-me de terrores e sobressaltos. Que queria a Brígida? Por que estava ali? Teria vindo espreitar-me?

O meu exagerado terror sugeriu-me a hipótese de uma vingança cruel.

Interpelei-a:

— Que faz aí, mulher?

— Vinha saber se o senhor precisava de alguma coisa, e, como não o encontrasse, julguei que estivesse incomodado...

Eu cuidei ver uma intenção de ironia nestas palavras e respondi irritado:

— Não tenho nada e nem preciso de coisa alguma! Podia escusar de assustar-me inutilmente. Deixe-me!

E segui para a alcova.

Não sei por que instintivamente eu senti-me varado pelas costas por um olhar de ódio. Voltei-me rapidamente e apanhei desmascarada aquela criatura, a quem eu votava uma secreta, mas invencível antipatia, uma verdadeira aversão. Certa de não ser observada, sua fisionomia decompôs-se violentamente numa visagem medonha, torcida de crispações ferozes, que se acentuavam ao brilho criminoso de seus olhos cruéis. Todo o fundo bárbaro de seu se, remontado à existência selvagem de seus avós, ficara intacto e inacessível às influências da cultura e do meio em que vivia, dissimulando-se apenas [289] nas suas ações exteriores. Desde a primeira vez que a vi, um instinto inexplicável advertiu-me da presença de um inimigo, de uma hostilidade permanente ocultando-se hipocritamente sob as pálpebras caídas numa humildade fingida, que disfarçava a verdadeira natureza dos seus sentimentos. Todos os elogios de Carlos, tecidos à fidelidade da ama, deixaram-me frio e impassível; continuei a ser indiferente àquela criatura passiva, de posição muito humilde para que eu me preocupasse com ela. Eu não sabia ainda que influência dominante devia ter no meu destino aquela insignificante mulher.

Somente mais tarde é que pude conhecer a têmpera de caráter e fazer um pouco de luz naquela alma, eternamente velada. Naquele dia ela despertou bruscamente a minha atenção pela maneira firme, atrevida e insolente com que sustentou o meu olhar. Comecei a estudá-la. Através da

profunda dissimulação dos seus sentimentos, um apenas transparecia a cada instante, dominando todos os atos de sua vida: era o seu devotamento absoluto e sem limites pelo seu filho adotivo, uma nobre e desinteressada renúncia em favor daquele que acalentara no seu seio e vira crescer entre seus braços, quando fora para eles da orfandade, tão cândido e tão inerme como o menino Jesus que muitas vezes lhe sorria dos retábulos sagrados. Carlos exercia sobre ela uma fascinação particular, como essa que exercemos sobre os animais domésticos de uma fidelidade a toda a prova.

Naquele afeto culminante a ama pusera os seus mais altos desejos e o seu mais elevado orgulho, sem visar recompensas, abdicando dos seus próprios desejos, com um desinteresse e com um ardor que apenas poderiam ser igualados pelo amor de uma verdadeira mãe. Um sorriso, um olhar ou uma palavra carinhosa era o maior prêmio que aspirava a sua humilde ambição, conformando-se com a sua posição na casa, posição de serva que se tolera como uma dependência da família e que mais se acentuava quando, após o casamento de Carlos, [290] se viu insensivelmente destituída da direção dos pequenos arranjos domésticos. Quisera amar a mulher de seu filho, como o amava a ele próprio; mas uma recôndita antipatia a separava de Flora, degenerando num monstruoso ciúme, que ela dissimulava num ódio taciturno, sentindo uma onda de fel envenenar-lhe a existência resumida no seu insaciável e desesperado amor de mãe. A Carlos perdoava tudo, a ingratidão e o abandono em que a deixava, presa de uma agonia secreta, evocando, em intermináveis silêncios povoados de reminiscências antigas, de histórias ouvidas e tradições extintas, a existência ancestral dos nômades, retumbando outrora no

estrépito das danças sagradas, na música tumultuosa dos borés estridentes e das inúbias marciais.

Jamais articulou uma palavra de recriminação ou de protesto; resignar-se ao seu abandono, sentindo-se feliz de viver ainda debaixo do mesmo teto, tendo ao alcance de seus olhos o objeto de sua adoração.

Tanto mais crescia por ele a sua ternura e o seu fanatismo, quanto maior era a sua aversão pela mulher que lhe roubara toda a afeição do seu filho. Tinha ciúmes, ciúmes monstruosos e irracionais. Com a inata sagacidade dos povos bárbaros e primitivos, a sua dissimulação prendia-se a uma admirável astúcia e perpétua desconfiança, que iniciaram-na nos misteriosos sentimentos que desabrocharam no coração de Flora. Seus pequenos olhos de mongoloide eram dois órgãos implacáveis de investigação feroz, de busca paciente, de pesquisa constante. Os instintos selvagens deram a essa faculdade um atilamento que raramente poderia ser igualado pelo homem culto. Ela foi aos poucos descortinando a nossa paixão. Até hoje eu ignoro que circunstâncias levaram-na ao conhecimento do nosso segredo. Espreitava-nos decerto, estabeleceu talvez um trabalho paciente de pesquisas, sondando os nossos olhares, sublinhando os nossos gestos, devassando os móveis e as gavetas com a felina sagacidade de [291] sua raça. Mais de uma vez ela surpreendeu-me ocupado no trabalho do manuscrito em que eu fazia a notação quase diária das minhas impressões; não lhe escapou decerto a precipitação e o cuidado com que eu o guardava à chave num móvel de cabeceira...

Da revelação fulminante daquele segredo nasceu o seu pensamento de vingança e de desforra; eu ainda ignorava os motivos pelos quais este sentimento tanto exaltou-a; aquele único instante em que apanhei de

improvisamente a sua fisionomia desarmada foi para mim uma revelação. A sua face bronzeada, a que a linha agressiva dos molares dava uma bestialidade feroz, afivelava sempre a máscara de uma constante impassibilidade; apenas, quando sentia-se só, é que se desarmava e então o sentimento da vingança punha-lhe nos olhos inauditos clarões de ferocidade e no sorriso uma pavorosa expressão de crueldade.

Todos os sentimentos hereditários, que atravessaram séculos e séculos na existência de uma raça bárbara e inculta, estavam adormecidos nas profundas camadas do seu ser. Bastava que o despertar de uma paixão os agitasse, para que se desse a regressão completa de sua vida sentimental à origem primitiva.

A sua sede de vingança decerto afigurava-se-lhe legítima, porquanto, segundo os preceitos austeros da moral e aos seus olhos de mulher do povo, o adultério era sempre um crime revoltante e imperdoável; e entre as mais elevadas virtudes, segundo a concepção dos povos selvagens, estavam o valor, a coragem, a vingança, como os predicados másculos e cardeais de caráter.

Na manhã seguinte, contra meus hábitos, eu dirigi-me para o gabinete de Carlos, aonde nunca ia só, por um delicado escrúpulo, visto como sabia que aquela peça de casa era contígua à alcova do casal, para a qual comunicava uma porta que, aliás, raramente se abria.

Eu ia penetrar furtivamente na alcova, quando ouvi passos, o ruído de uma porta que se abria com violência, uma troca de palavras rudes [292] que eu não podia perceber à distância em que ainda me achava. De repente no meio da altercação a voz da criada levantou-se áspera, irada, vibrante; por um movimento inconsciente corri até à porta, receando por Flora, pronto

para socorrê-la. O reposteiro caído permitia-me ver, sem ser percebido, o que se passava na alcova.

Flora estava deitada no leito; em frente dela a cabocla, de pé, terrível, não podia conter-se; o seu ódio selvagem, reprimido pelo esforço da dissimulação, explodia numa incandescência de palavras agressivas, inflamando-lhe a boca de apóstrofes plebeias e bravias, relampejando-lhe nos olhos em tempestades convulsivas de fúrias assustadoras e escancelando-lhe os lábios num ricto bestial e feroz, que acentuava a violência da maxila.

Assim desmascarada, a sua fisionomia irada tinha uma expressão que infundia pavor.

— Oh! É demais! — repetia com uma voz que ia se inflamando — Mas é preciso que saiba. Não é pela senhora que descii a este sacrifício de todos os dias. É por *ele* apenas, por *ele* somente! Oh! Mas é demais, é demais!

Incandescia a boca num riso medonho, que descobria os seus dentes aguçados à navalha, por um processo bárbaro, pouco comum e somente praticado em pessoas do povo.

Eu ouvia-a sem compreender o que motivara aquela explosão súbita; confesso que tive medo dos seus olhos, da sua boca, dos seus gestos. Sempre a receara; mas nunca a supusera capaz de uma tal audácia.

A cabocla prosseguiu, animando-se furiosamente:

— Quem será mais perversa: a mulher que se consagra à felicidade de seu filho ou a mulher que o avilta, que o desonra e que o infama?

Flora, aterrada, tinha apertado as mãos com angústia; sentou-se no leito e os seus cabelos desprenderam-se pelos ombros esculturais. [293] As pupilas tinham-se dilatado extraordinariamente e a linha da boca acentuava

o traço de amargura precoce. A cabocla inexorável avançou para ela com uma terrível expressão de triunfo e, sem se compadecer da angústia daquela mulher, prosseguiu implacável, tão perto dela, que seus olhos deveriam hipnotizá-la. A cólera assobiava nas suas palavras.

— Compreendeu agora? E a senhora roubou-me o filho, roubou-me o seu afeto, para quê?! Para desgraçá-lo, como os ciganos roubam as crianças para martirizá-las! A senhora sofre? Não importa! Também eu tenho sofrido muito! É justo! E agora rouba meu filho, ladra! Ladra! Ladra!

Estas últimas palavras foram ditas com uma tal violência, inspiradas numa cólera tão desordenada, que Flora desfaleceu, caindo pesadamente sobre os travesseiros. Os dentes ficaram cerrados, os olhos desvairados e havia uma expressão de pavor doído naquela pobre face angustiada em que as lágrimas haviam rolado devagar.

E era ainda mais suave e mais formosa aquela beleza miserável em desmaio, branca, tão branca como o linho dos lençóis que a cobriam.

O aniquilamento da morte parecera pesar sobre seu belo corpo angustiado e frágil, cuja culpa era não ter podido escapar às implacáveis exigências da espécie, sob os mais graciosos dos artifícios ilusórios do amor.

Por entre o meu espanto, a minha revolta, o meu terror, eu sentia uma profunda compaixão por Flora, que eu via chorar, resvalando no precipício a que a minha loucura a arrastara. Doía-me profundamente o seu sofrimento. Oh! Como eu desejei naquele momento transpor o frágil obstáculo que nos separava e verter-lhe no coração alanceado todo o bálsamo do meu afeto! Como eu desejei castigar a insolência da mulher que brutalmente a ultrajara; eu tinha ódio àquela mulher, [294] um ódio de raça,

profundo; tinha ímpetos sanguinários de despedaçá-la, rasgar-lhe as entranhas fumegantes, como um canibal!

Mas pude refletir a tempo de não cometer uma lastimável imprudência, traindo a minha presença, irrompendo de improviso pela alcova.

Fiquei, esperando numa angústia; ao primeiro movimento agressivo da criada, eu penetrava na alcova.

Brígida lançou a Flora um olhar de desprezo. A criatura covarde sofria agora; era justo que se debatesse nas garras do sofrimento; começava ali o seu castigo e a sua expiação! E retirou-se satisfeita da vingança.

Aquela cena bestial abalou-me profundamente; a revelação da criada era fulminante; cambaleei como ferido por uma pancada no crânio. A delicadeza de minha situação esboçou-se como o espetáculo de um navio soçobrando aos olhos de um náufrago. Era preciso conjurar o perigo; cumpria fugir; urgia salvar a frágil criatura que arrastava na minha queda. Já não me detinha o receio de um escândalo; se a criada obstasse os meus desejos, cairia sobre ela como um raio.

De súbito, por uma impulsão que me levava muito adiante de minhas reflexões e projetos, achei-me dentro da alcova.

Flora voltava do desmaio. Lançou-me um olhar atônito e desvairado, torcendo as mãos numa angústia imensa.

— Oh! Meu Deus! Meu Deus! — soluçou ela.

Por precaução lembrei-me de fechar a porta por onde a criada havia partido. Somente, então, Flora pareceu dar pela minha presença.

— Que fazes? — perguntou.

Dirigi-me resolutamente para ela e abracei-a com violência.

— Não, não, Mário! Por Deus!

Ela relutava, furtando-se ao abraço.

— Escuta-me, — disse-lhe — preciso falar-te imediatamente.

**[295]** — Estás louco, Mário! Estás louco!

— Mas preciso falar-te...

— Sim, sim, meu amigo; mas aqui não, agora não te posso ouvir...

Pudicamente havia arrastado as colchas até o pescoço, sentando-se no leito; nos seus olhos desenhava-me uma infinita angústia. Ela não compreendia nem a razão nem o intuito de minha presença na alcova.

— Não estou louco; eu presenciei, eu sei tudo...

— Oh! — exclamou ela, escondendo nas mãos o rosto em que se desenhara uma onda de rubor.

— Sim, sei tudo: e já não posso me conter. Venho salvar-me e venho salvar-te! Tu compreendes que a nossa situação não se pode prolongar mais, desde que a ignóbil criatura penetrou no nosso segredo. Como essa mulher nos odeia!... Tu não podes imaginar o ímpeto de cólera que agora mesmo sublevou-me contra o teu algoz, nem podes avaliar o dó materno que me inspiras numa infinita tristeza, minha doce amiga, pobre e infeliz amor meu!

Sentei-me ao seu lado, bem junto dela. Flora chorava; parecia esmagada pelo peso das injúrias recentes e pela brutalidade do opróbrio.

— Deus, Deus! — murmurou entre lágrimas — Merecerei eu maior castigo?

— Não te aflijas, minha amiga — disse-lhe eu, tentando consolá-la.

Eu pensava: o castigo pressupõe uma falta e ela havia cometido essa falta! Grande Deus! Por maior que fosse o seu pecado, eu não a julgava

culpada; parecia-me que alguma coisa a devia justificar aos olhos dos outros como a meus próprios olhos. Ela era inocente, talvez. Que sei eu? Havia uma *coisa intangível*, como uma tentação obscura, uma coisa impulsiva e fatal no nosso crime. Mas o fato apresentava-se brutalmente ao meu espírito com o relevo pavoroso da verdade. Era horrível! E agora que estava consumado, no meio de todo o meu [296] tormento, aparecia-me um tormento ainda maior — a ameaça do castigo, a perspectiva da expiação! A hipótese de que Carlos pudesse conhecer a sua falta ainda não se tinha figurado nitidamente no meu espírito. Ela apresentou-se, medonha.

Toda a sua felicidade, o seu bem-estar, o conforto, os prazeres castos, as alegrias serenas do lar, todo o gozo legítimo da vida que lhe tinha sido assegurado, tudo isso podia agora desaparecer num abismo; e só lhe restariam os pesares, os remorsos, os opróbrios, as humilhações, um cortejo de misérias que fariam da vida uma cruz e do mundo um calvário! Revoltei-me contra esta sombria perspectiva. Como? Pois um instante de fraqueza, um dia mesmo que fosse de loucura poderia merecer este castigo formidável durante toda a existência? Aonde a justiça da expiação? Entre o minuto de uma falta e anos de castigo? Este castigo aterrava-nos! Ainda ontem Flora era feliz, ou quase feliz, gozava pelo menos da tranquilidade e das doçuras do lar; agora sentia abrir-se o vácuo de um futuro desconhecido e ameaçador.

— Escuta, meu amor. Precisamos agir; os momentos voam; urge aproveitá-los, se quisermos conjurar o perigo que nos ameaça. Ouve e responde-me.

Fiz-lhe uma série de perguntas e considerações tão precipitadas que elas ficaram sem resposta. Brígida sabia tudo, pois que acabava de confessá-

lo. Como pudera ela desvendar o nosso segredo? E por que motivo nos odiava tanto? Ela estava senhora do nosso segredo. Que iria fazer dele? Revelá-lo a Carlos? A ideia desta vingança parecia-me inverossímil e monstruosa. Não; Brígida não faria aquilo; ela amava muito a Carlos e seria preciso ignorar que ele amava muito a Flora, para que fosse fazer-lhe uma revelação que envenenaria toda a existência. Não podia conceber a razão e o intuito de uma tal vingança.

Flora, sucumbida, ouvia-me, com o rosto mergulhado nas mãos.

[297] — Por que te calas? — perguntei — Fala; não vês que o teu silêncio me atormenta?

Ela deixou escapar um gesto de terror.

— Criança! Que podes tu recear, quando me vês a teu lado, quando sabes que caminharia até à morte para salvar-te? Não acreditas no meu devotamento? Se, pois, te atormentas aqui, fugiremos para bem longe, num país em que a felicidade se abra para embalar o nosso amor. Sim! Sairemos para o sol, para a luz, para o céu, olhos nos olhos, mãos nas mãos, cantando um idílio maviosíssimo de aves emigradas, batendo as asas para horizontes afastados. O nosso ninho povoar-se-á de risos e de cânticos, numa grande festa primaveral, iluminada de auroras boreais intermináveis, com sussurros de águas, entre balseiras floridas. De manhã, quando a aurora apontar, esboçando o horizonte, subiremos para as montanhas por azinhagas flanqueadas de botões dourados, de boninas e ervas cheirosas, e lá do alto de alguma cúspide culminante tocaremos o céu, esquecendo a dor miserável que escabujar cá, embaixo, como um batráquio num charco pestilento. E hás de sorrir para mim, extasiada e feliz como uma divindade. Dize, pois não hás de sorrir?

Eu ia exaltando-me. O silêncio de Flora servia-me de estímulo, porque, longe de ver nele uma repulsa, exprimia para mim o consentimento que eu queria alcançar dela. Eu tinha deliberado subitamente fugir com ela, sem mais considerações pela afeição de Carlos, que eu via dissipar-se a qualquer hora; agia, de acordo com a única solução que a delicadeza da nossa aventura nos oferecia.

Tendo em vista apenas a satisfação egoísta dos meus desejos, eu pretendia praticar um ato cavalheiresco e uma ação generosa, salvando de uma catástrofe iminente a criatura que eu amava.

— Por que te calas? Pobre flor! Sofres talvez como eu sofro. Por que não havemos de esquecer esta realidade incômoda? É tão suave [298] amar e é tão fácil esquecer! E, desde que te amo, sinto um canário insólito cantar dentro de mim, regurgitando em hinos de alegria, de paz e de ternura. Como a saúde refloresce, não sei que erráticos perfumes fazem o delírio do olfato, não sei que prisma maravilhoso põe nas minhas pupilas a visão mirífica das coisas! Ando como um deus numa nuvem e vivo como na luz de um sonho; há momentos em que cuido ter asas e admiro-me de não adejar entre a palpitação das aves... Há um bando de coisas misteriosas e invisíveis pelo ar; a linha, o som, o perfume, até o silêncio são povoados de intenções, como o sono de sonhos. Dir-se-ia que vivo embriagado de visões adoráveis e de deliciosos delírios... Amo-te hoje como te amava ontem. Por que não havemos de ser felizes? Bem vês os perigos que nos rodeiam, o precipício que aqui se cava. Há algures terras felizes, terras de ouro e de sol, com lagos imóveis, claros como espelhos voltados para o céu; há ilhas que surgem do oceano como oásis de verduras perenes. Fugiremos para lá, iremos ocultar os nossos amores nalgum ninho ignorado e tudo em derredor de nós

irradiará numa alegria tranquila, numa paz deliciosa de tardes serenas e noites estreladas. Fugiremos, queres?

Flora ficou imóvel; na sua face passava uma nuvem de infinita tristeza, como se alguma coisa de caro se despedaçasse dentro dela.

— Obrigada, Mário, obrigada — disse ela profundamente comovida — Compreendo a generosidade da tua conduta; mas...

Interrompeu-se, muito pálida; fez um esforço doloroso.

— Mas eu não posso partir! — declarou.

— Estás louca? — interroguei, angustiado — Dize que te enganaste! Oh! Dize que te enganaste! Pois é possível que pudesses haver proferido uma frase tão cruel? É possível que te queiras iludir sobre as consequências que inevitavelmente há de criar a situação em que nos achamos? É possível que te acomodes à posição artificial em que estamos colocados debaixo do mesmo teto e que te habitues a esta atmosfera [299] moral asfixiante em que nos debatemos? Que outra solução podes tu encontrar que nos possa conciliar, sem prejuízo para o nosso amor? Tu te iludes, pobre alma! Oh! Dize! Dize que te enganaste, meu amor!...

Flora persistia no silêncio; esta conduta magoava-me.

— Como? Queres ainda prolongar este martírio em que me debato? Sentes então prazer em infligir-me a pior das torturas? Não me amas! Sim; causo-te asco, talvez. Desprezas-me? Se eu pudesse elevar-me aos teus olhos! Nem sei que mais deverei dizer-te para que possas compreender a grandeza desta paixão insensata, amarga, dolorosa, profunda, dominadora e indomável! Foges-me. Oh! Não me amas, não me amas! Para que mistificavas, então? Por que usaste de um artifício cruel? E eu incessantemente embriaguei-me neste pensamento, porque eu, sim! Eu te

amava, eu te amo com todos os frêmitos da vida, com toda a ânsia humana da paixão! Queres que ajoelhe, que me humilhe, que me roje a teus pés?

Ela fez um gesto negativo.

Eu levantei-me com um espanto doloroso; avancei de novo para ela e caí aos seus pés.

Flora chorava.

— Mas, dize de uma vez que não me amas, porque esta suspeita me atormenta! Dize, dize!

E de joelhos apertava-lhe as mãos abandonadas, atraindo-a à avidez do meu beijo.

— E então? E então? Por que não me respondes?

Ela levantou para mim os olhos cheios de pranto.

— Oh! Mário! Não me atormentes! Por que dizes que não te amo? Eu aqui estou! Já não te pertença? Que maior prova de afeição poderás exigir de mim do que esta angústia em que me debato? Não é por amor de ti que calquei o meu orgulho aos pés, que sofro agora a pior das torturas?

**[300]** Como ela era formosa, debatendo-se naquela angústia e indo ao encontro do meu afeto! Como as suas palavras calaram-me no fundo d'alma!

— Pois bem — disse eu. — Por que não pões termo a esse martírio? Por que não fugiremos imediatamente?

— Cala-te! Ouve! — interrompeu-me ela como louca — Não me digas nunca mais que não te amo! Essa injustiça dói-me, punge-me mais do que os meus sofrimentos. Pois, poderias acreditar que eu me entregasse a um homem, por um capricho de mulher insensata, sem que fosse a vítima de um drama doloroso? A tua suspeita ofende-me! E agora que te beijo, agora que

me entrego aos teus braços, agora que sou tua escrava, dize que não te amo!  
Dize, anda! Dize, dize, dize!

Atirou-se aos meus braços.

— Tens razão, minha amiga; perdoa-me. Já não sei o que venho de dizer-te. Perdoa-me... Mas, se é bem verdade que me amas, só vejo uma solução para o nosso amor: Partamos!

— Nunca! — disse ela com insólita violência.

Eu levantei-me, varado de surpresa.

— Meu Deus, meu Deus! Vai-te, vai-te! Se me amas, não insistas neste ponto doloroso e nem me atormentes, mais! Se soubesses como me fazes sofrer!...

E obstinou-se naquele impenetrável mistério.

Lá fora o dia continuava a levantar-se triunfalmente numa pomposa solenidade de ritos bárbaros; a rosa mística do sol floria no céu, como um hostiário sagrado; fanfarras gloriosas estridiam num hino augusto; e a Vida, como uma divindade abstrata, palpitava nos seus símbolos imortais como ídolos impassíveis e solenes de um Pagode colossal.

## VIII

[301] Nos *Rosais*, pesava uma sufocante atmosfera de presságios: nos aposentos silenciosos, cujas persianas foram cerradas, havia uma claridade lívida e espectral, em que os objetos tomavam contornos desolados de luto; na grande tristeza do ambiente a vida parecia exalar-se como uma luz numa atmosfera rarefeita e os grandes rumores do dia, lá fora, não punham intermitências no silêncio abafado que descia, envolto nos sudários das

sombras do alto do ângulo das paredes. Na sala de jantar, ouviam-se distintamente os zumbidos das moscas, voando à luz mortiça e crepuscular que penetrava pelas janelas na agonia da tarde.

O relógio plangia desoladamente, medindo a marcha arrastada e interminável do tempo que parecia comprazer-se em prolongar as largas horas de melancolia.

O estado de Flora se agravara com sofrimentos físicos, cujos sintomas coincidiram com o regresso de Carlos.

Sobreviera-lhe uma fraqueza que a prostrava no leito, os nervos lassos, num profundo desfalecimento. A sua face havia ligeiramente descorado num desmaio de flor doente; o nariz delicado afilava-se; sob as arcadas superciliares, os olhos febris afundavam num círculo de sombras; os cabelos formavam uma coroa em torno daquela cabeça pálida, cingida pelo martírio. Nada mais doloroso do que a expressão amarga da boca, outrora florida de sorrisos, arquejando numa sede que não se desalterava. Uma angústia inexprimível parecia exalar-se daquela criatura; a sua vida, porém, condensava-se obstinadamente nos olhos, em que a energia vital, rebelde e pertinaz, desafiava o sofrimento.

Carlos a contemplava com ansiedade; constrangia-me a penetrar na alcova da doente; obstinava-se a falar-me, consultando-me, [302] martirizando-me. A sua ternura crescera pela formosa criatura, que era o seu enlevo, e deixava-se ficar silenciosamente, junto ao leito, cheio de apreensões, sem ousar mais interpelá-la.

Ela já havia ponderado:

— Não te aflijas, Carlos. Não é nada... Sinto apenas uma absoluta necessidade de repousar. Amanhã estarei boa, verás. Deixa-me, pois, e não me interrogues...

Carlos obedecera, sem, contudo, arredar-se da alcova, fazendo-se ele mesmo o enfermeiro e proporcionando-lhe os mais humildes cuidados com uma solicitude amorosa e inquieta. Olhava para a sua figura, modelada sob as dobras dos lençóis, e sentia uma imensa compaixão pela mulher tão formosa que a doença chumbava assim a um leito de sofrimentos; a palidez do rosto inquietava-o mais do que tudo e, quando tocava-lhe nos pés ou nas mãos, sentia-os gelados. Tinha meiguices de mulher enamorada para a acalentar, ameigando-lhe com as mãos os cabelos desatados ou aflorando com as pontas dos dedos as partes doloridas da sua cabeça.

Rondava em derredor do leito, com os olhos inquietos, pisando nas pontas dos pés, evitando os móveis, cerrando as janelas, abafando todos os rumores. De uma feita, surpreendeu-a com os olhos cheios de lágrimas. Teve um sobressalto. Por que chorava ela? Eu estremeci. Debruçou-se para ver melhor.

— Como? Estás chorando? Dize, dize: que tens tu?

— Não é nada — assegurou ela.

Ele recriminou-a com doçura. Que ingratidão! Por que não lhe confiava o motivo dos seus sofrimentos? Por que se obstinava em calar-se?

— Vamos, bem vês que me afliges. Dize: que tens?

Flora viu-o tão penalizado que teve receio de despertar-lhe suspeitas. Se ele pudesse adivinhar o que mais a afligia! E eu sentia uma [303] opressão singular, adivinhando a ameaça de um perigo iminente. A vingança da ama aterrava-me!

— Perdoa-me, Carlos. Eu não sei bem o que digo.

Perdoar? Que tinha ele a perdoar-lhe?

— Não me penalizaste, acredita. Olha, sossega, que eu te estou velando.

Apertava-lhe a mão devagar.

— Sim, sim. E deixa-me repousar.

Ele respeitava o seu desejo. Não a perturbava, não lhe dirigia a palavra, obedecendo aos seus menores gestos.

Mas este silêncio a que se impunha era a sua maior tortura, tanto mais que ele ia verificando que Flora não dormia, conservando na sombra os olhos muito fixos e muito abertos.

Flora sofria; ele o sabia, mas tinha razões para atribuir o seu sofrimento a causas meramente físicas.

Aquele olhar, porém, fixo, inalterável, misterioso, acompanhando um pensamento longínquo, numa abstração visível, incomodava-nos. Em que pensava ela? O seu tormento, confessou-me Carlos, consistia em não poder falar-lhe a toda a hora, a todo o instante, para reanimá-la, para dar-lhe coragem e tranquilidade. Apesar de tudo, tinha medo de que morresse, e sentia uma efusão de ternura por ela a esta ideia pressaga. Jamais ela lhe parecera tão preciosa como no momento em que a morte podia arrebatá-la para sempre dos seus braços, e recriminava-se do tê-lo deixado, de não ter sido mais solícito e mais cuidadoso de sua saúde. Vivia só por ela e para ela e nesta concentração do seu afeto esquecera a importuna insistência com que eu lhe havia anunciado a minha partida um tanto bruscamente... Receava que um acidente súbito pudesse pôr em risco a vida de Flora, embora nenhum sintoma grave justificasse seus receios. Eu fugia, às vezes,

daquela alcova em que me achava [304] poleado numa horrível tortura, sentindo que ao meu constrangimento se juntava o de Flora; a cada momento, eu receava atraíçoar-me; mortificava-me a falsidade da minha situação; pressentimentos sinistros tocavam a rebato no íntimo de minha alma; chegava a ter temores insensatos. Eu receava que Carlos mesmo, subjugando-me pela fascinação irresistível do seu olhar, sondasse a minha hipocrisia, varasse a minha dissimulação, arrancando-me o segredo fumegante do meu ciúme! Começava a sentir uma invencível aversão por ele. A princípio, constrangi-me, não podia dominar-me; traía-me; ao depois, um cinismo espontâneo rebufava o meu rosto de uma calma e sorridente candura; mentia com um inalterável descaro e achava quase prazer em engendrar estratagemas e artifícios para assegurar o jogo da minha dissimulação; habituei-me bem depressa ao embuste e acomodei-me à vileza da minha conduta, que eu procurava justificar pela iminência do perigo e pela gravidade da situação. A criada aterrava-me; eu tentava evitá-la por todos os meios, esquivava-me da sua presença; pensei que ela silenciase sobre o que havia descoberto por amor de Carlos; ao mesmo tempo, receava que, de novo, uma onda de ódio sublevasse-a, impelindo-a para a vingança. Flagelado a todo o instante pelas mais cruéis apreensões, só pensava em partir, conjurando, assim, o perigo que ameaçava-me; pungia-me, então, desordenadamente, o remorso de abandonar a minha vítima ao seu próprio destino, à sua fraqueza, à fúria irracional da mulher selvagem.

E era eu que então me entregava a um trabalho paciente de pesquisas, de indagações, sondando todos os olhares e gestos, espreitando os aposentos, espionando miseravelmente com um terror covarde; a cada

instante esperava ver Carlos, ferido pela revelação do ultraje, cruel e terrível na defesa de sua honra; e a mim só me restava deixar matar-me!

[305] À tarde, já não podia conter-me. Pé ante pé, vilãmente, fui escutar e ver à porta da sua alcova, no seu gabinete de trabalho... Para minha expiação, devo confessar esta ignóbil vileza!

Flora parecia comovida e a atitude de Carlos nada denunciava de ameaçador.

Estava sentado a seus pés, apertando-lhe as mãozinhas alvas em que as veias teciam uma rede azulada.

Tinham-se aberto as janelas e uma alegria nova parecia penetrar com a luz no aposento. E, de emboscada, examinando Flora sob aquela luz virginal, como me pareceu formosa sob aquele aspecto lânguido que a moléstia lhe havia dado!

O afilamento ligeiro do rosto imprimira-lhe um cunho de adolescente enfermo, de anjo dolorido. Os cabelos tornaram-se mais pretos e mais aveludados, com reflexos finos; os braços afloravam dos punhos largos do vestido e os pezinhos tinham um encanto chinês sobre o tapete de desenho oriental. Sentindo-se melhor, deixara o leito e estava assentada numa poltrona ao pé da janela.

Como para celebrar o acontecimento, Carlos colocou ao lado, sobre o toucador, um vaso coberto de rosas magníficas. Um aroma intenso começou a evolar-se na luz da alcova que a janela aberta arejava, fazendo palpitar as cortinas brancas do leito.

— Vês estas bonitas rosas? — perguntara-lhe Carlos, fazendo um fascículo banhar-se na réstia do sol — São lindas, lindas! Lembras-te?

Antigamente, tinhas umas gulodices galantes; gostava de comê-las. Era tão gracioso! Debicava-las pétala a pétala como um passarinho.

Serenado pelo tom tranquilo de suas palavras, eu retirei-me do meu esconderijo compreendendo a indignidade que cometia, espreitando de emboscada o interior de uma alcova, onde a minha presença não era sabida.

Todavia, devo dizê-lo para vergonha minha, já não era só o temor de Carlos que me empolgava; uma curiosidade magna, mórbida, [306] abjeta persistia-me na vileza de espionar, para espreitar a conduta de Flora. O ciúme aguilhoou-me então.

Eu detestava Carlos! Tinha-lhe asco.

Voltei de novo à porta. Carlos, plácido, dizia:

— Claro que aquilo não podia fazer-te mal. Não é verdade? Uma flor deve constituir uma alimentação suave aos estômagos delicados e paladares exigentes! Ora, os figos, por exemplo; que mal fazem os figos?

Carlos tinha composto um buquê, combinando o efeito das cores; e colocando à altura dos olhos, exclamou:

— Mas é uma sinfonia do vermelho, vês? Uma sinfonia, por que não? As cores não são símbolos vulgares empregados para representarem coisas abstratas. Candura — branco; verde — esperança, azul — firmeza... Já um poeta decadente descobriu uma relação entre as cores e os elementos constitutivos das palavras. Entretanto, a analogia é mais imediata entre as sete cores do prisma e as sete notas de uma escala, não é verdade?

“Eu vejo no vermelho a nota dos clarins triunfais, trompas gloriosas, vibrando na púrpura romana dos césaes vencedores em coros retumbantes de entradas em triunfo. Branco: harpas e guzlas, violinos e bandolins, cantando suavissimamente os hinos imaculados na Bem-Aventura nas

naves místicas do céu cristão, entre as almas cândidas dos justos e entre as alvas túnicas dos eleitos. O azul evoca o céu e o mar; deve ser profundo e grave, como as vozes mais solenes, mais sonoras e mais vastas de um órgão. O verde... É verdade: queres tu comer esta sinfonia?"

Carlos havia colocado as flores junto à face de Flora; e de repente, esta ergueu-se, muito pálida, e correu para a janela, sacudida por náuseas.

— Que é isto? — perguntou Carlos, surpreendido.

Apalpava-lhe as mãos, as fontes.

[307] — Então? Tens alguma coisa?

E aplicou-lhe ao nariz um frasquinho de sais, que ela repeliu brandamente.

— Já passou — disse, desmaiando.

Carlos, porém, continuava alarmado, sustentando-a nos braços.

— Para o leito, não é?

— Não, não. Aqui mesmo.

E recostou-se de novo na cadeira, pálida como uma ressuscitada.

— Que é que sentiste?

— Não te aflijas. Não sei... O perfume daquelas flores causou-me náuseas... É esquisito!

— E por que não me disseste?

Arremessou-as pela janela.

— Agora, que sentes?

— Não sinto nada. Não te atormentes em balde, Carlos. Vê. Já me sinto boa... Senta-te aqui ao pé de mim. Tu dizias alguma coisa que me distraía. Continua. Bem vêes que já não te imponho silêncio.

Um pensamento causou-me um calafrio de terror: se ela estivesse grávida!

— É exato — dizia Carlos — Mas já não sentes coisa alguma? — insistiu.

— Nada — respondeu Flora.

— Verdade, verdade?

Ela afirmou com um débil aceno de cabeça.

— Sim, sim. — E estendeu-lhe as mãos, que ele beijou. — Obrigada, obrigada — disse ela.

— Por quê? Que tens tu que agradecer-me? Muito mais devo-te eu. Agora estou satisfeito, visto que te sentes bem. Tu bem o sabes; quando te vejo sofrer, é uma angústia estar calado e inerte. Restituíste-me a palavra e sinto que renasces agora. Sinto que renasces para minha felicidade. Sinto que renasces, que és minha *de novo*...

[308] Flora estremeceu; nos seus olhos passou a sombra de uma angústia e de um remorso; pareceu-me que sua pálpebra estava a represar uma lágrima insistente. Carlos prosseguiu:

— Tu não imaginas quanto me afligi durante estes dois dias; a todo momento afigurava-se-me que ias morrer e que a asa da morte espanejava em torno de tua cabeça. Tinhas um aspecto tão abatido e tão sofredor! No teu delírio, parecia-me que ias enlouquecer, tais as coisas incoerentes que proferias...

Flora estremeceu tão sensivelmente que Carlos interrompeu-se apreensivo.

— Estás sentindo alguma coisa? Dize. Pareceu que as tuas mãos tremiam. Estás tão diferente, pobre amiga!

— Não; tu te enganas — respondeu ela com esforço — Não sinto nada; devo estar muito fraca, apenas. Por que me achas, pois, diferente?

Carlos esteve a contemplando durante segundos, prendendo-lhe as mãos; o seu olhar umedecia-se de compaixão.

— Diferente, talvez; não sei se exprimo bem o meu pensamento. Mas há em ti, mesmo doente, um renovamento que te transfigura a meus olhos, como se sobre a tua cabeça tivesse caído uma bênção do céu; irradias uma graça nova e delicada; parece que te surgiram duas asas. Não sei bem exprimir-te o que penso; o que é bem verdade é que sinto a influência do teu encanto e o meu afeto parece nascido de ontem. A ausência destes poucos dias, os meus receios, a graça que em ti refloresce, tudo deve ter concorrido para este resultado.

Ouvindo-o, eu estava debatendo numa tortura; a hipocrisia pesava-me como um remorso e a consciência de minha traição aniquilava-me. Começava a lastimá-lo, a sentir comiseração por ele; mas uma onda de ódio e de ciúme sufocou logo a minha piedade.

Apertando as mãos de Flora, ele prosseguiu:

[309] — Se pudesses saber o quanto te quero neste momento!... Oh! Como eu desejara que fosses feliz! Dize: és feliz?

— Sim, sim — afirmou ela com uma voz quase extinta.

— Sentes-te bem agora?

— Sim, sim.

— Por que não olhas para mim? Dir-se-ia que te abstrais num solilóquio? Incomodo-te?

— Não — acenou ela languidamente com a cabeça.

— Ficarei então ao pé de ti. E te agradeço o momento de felicidade que me proporcionas. Na minha existência desbotada, toda a felicidade que me cabe vem de ti. Sinto-me desvanecido de haver-te encontrado e te possuído. Lembro-me como se fosse neste instante ainda. Foi aqui neste aposento que te vi penetrar envolta numa nuvem branca; um véu te cobria o rosto e a cabeça e parecias surgir de uma espuma para os meus braços que te esperavam. Oh! Tu não te esqueceste decerto! Sim; tu deves ainda lembrar-te...

A sua voz desceu a um tom confidencial, falando-lhe junto à face, para dizer-lhe ao ouvido um segredo conjugal.

Um ligeiro rubor coloriu ao rosto da doente.

Ela repeliu-o com brandura.

— Não me atordoas assim; fazes mal. Estou tão fatigada!

— Perdoa-me — suplicou ele, beijando-lhe as mãos. — Mas não posso calar-me ao pé de ti; deixa que te fale da nossa felicidade, que tantos invejariam. Tu tens sido tão boa para mim!

Estas palavras foram ditas com tanta sinceridade que Flora agoniada debruçou-se sobre os seus ombros, abandonando-se ao enternecimento que a ia dominando.

— Oh! Carlos. Carlos! Não me fales assim! Quando poderei eu merecer-te?

Ela arquejava ansiada; a sua voz traía lágrimas.

**[310]** — Que loucura! Então, que é isso? Não te aflijas, Flora.

E fê-la sentar-se docemente na cadeira.

— Perdoa-me; eu devia compreender que estás doente. Não vás tu chorar. Não vês que me sinto alegre? Ouve cá, não queria enternecer-te.

Ela palpitava na cadeira.

— Queres que te dê água? Pobre flor! Como estremece! Vamos, sossega.

Beijou-lhe os cabelos de mansinho, e continuou, sorrindo:

— Mudemos de assunto. Falemos de coisas alegres, não é verdade? É preciso que te faças galante. Sorri para mim.

De súbito, ela começou de fato a rir um riso tão pungente, tão doloroso, que parecia sufocá-la. Lágrimas abundantes caíam-lhe dos olhos e o riso convulsivo prorrompia com uma violência, que pareciam gritos de dor.

— Flora! — bradou-lhe Carlos, desatinado, apertando-lhe os pulsos.

Ela ria, torcendo-se toda, com uma dor manifesta, como arrastada por uma rajada de loucura; a risada parecia um cristal fino que se despedaçava. Carlos, atônito e fora de si, enlaçou-a violentamente nos braços para sufocar aquela crise de riso nevrótica que assombrava.

— Flora! Flora! — bradou ele numa angústia imensa, sacudindo-a como uma criança a quem falta o ar. Ela abandonou-se desfalecida aos seus braços.

## IX

Eu velava pela noite adiante, presa de uma cruel agitação. Quando dispunha os meus papéis, verifiquei com surpresa que uma fraude subtraíra da gaveta os meus documentos, simples notas das minhas [311] impressões que continham, contudo, confidências delicadas e profundamente comprometedoras! Um terror súbito se apoderou de mim... Quem teria

subtraído aqueles papéis? Brígida? Era analfabeta. Procurei em vão atenuar a gravidade deste incidente; a minha ansiedade crescia, porque o furto de papéis tão inúteis denunciava uma intenção misteriosa e um móvel secreto. Flora? Sim; a curiosidade feminina levava-a à indelicadeza de penetrar por um subterfúgio na sinceridade de minhas intenções e na profundidade da minha paixão; quisera ler a minha confissão íntima e não tivera tempo talvez de restituir aquele documento, se é que a vaidade feminina não quisesse conservá-los. Era esta a única explicação razoável que encontrei para tranquilizar-me; mas a consciência da minha culpa, agravada por tal incidente, inquietava-me, tirava-me a paz do espírito, roubava-me o sono.

As horas escoavam-se lentamente, na solidão interminável daquela noite singularmente silenciosa e extraordinária.

Eu me achava sob a opressão de uma estranha angústia, perseguido de ideias sinistras, vagamente irritado pela agonia daquela vigília que parecia não acabar nunca. Esperava confusamente uma coisa *que devia se dar*. Enervado até a madrugada, a pouco e pouco, sem que o sentisse, aquela exaltação constante foi se apagando como por um esgotamento de sensibilidade, conservando-me por momentos numa espécie de apatia idiota. Esta trégua não era, porém, tranquila e estava sob a impressão de uma ameaça patente. Não dormia. Deitado, eu conservava os olhos abertos, perscrutando as penumbras do quarto em que as sombras se refugiaram. Vencido pela fadiga, sentia-me mergulhado numa inconsciência que fazia-me esquecer tudo, como se a embriaguez do álcool tivesse mergulhado numa inexplicável indiferença todas as recordações de poucas horas, abrindo uma lacuna entre o presente e o passado; parecia-me que era outro homem, que [312] nada que se ligasse aos acontecimentos anteriores me

dizia respeito. Era como se tivesse adormecido durante algumas horas e despertasse estonteado, sem coragem para nenhuma espécie de atividade.

Entretanto, esperava com um vago pavor que o dia despontasse para dissipar as apreensões sombrias daquela noite.

Ao menor rumor, eu estremecia, meus ouvidos tinham uma acuidade assustadora; os nervos óticos, fatigados pela incisão da luz e pela fixidez do olhar, tinham ilusões extravagantes de alucinados.

Num visionismo singular, eu via por momentos olhos que pestanejavam nas sombras, fosforescências que se exalavam em fogos fátuos, esboçando lineamentos fantásticos pelas sombras, pelas paredes.

Entretanto, o quarto era tranquilo; tudo estava adormecido e sereno; lá fora, a noite passava lentamente sem o menor rumor; dentro, o silêncio era mais profundo; e a vela que ia se consumindo, à mesa, pela noite adiante, levantava a sua chama inalterável e serena, como uma fé que se levanta para o alto.

Às vezes, um sopro gelado, que julgar-se-ia escapar-se de um sepulcro, vinha agitar a chama, que estremecia; e as sombras, como uma ronda spectral de balada sinistra, dançavam esfarrapando desenhos macabros nas paredes, figuras desvairadas e epiléticas de bruxas e duendes, sinais cabalísticos. E a chama reerguia-se direita, exangue, mas firme.

Eu tinha os olhos fitos na porta, como se alguma coisa terrível os fascinasse para ali... Ao mesmo tempo, uma deliciosa lassidão estendia-me os membros, adormecia-me os nervos, pesando-me nas pálpebras, apanhando-me a lucidez da consciência.

Em torno de mim, como que se iam desdobrando véus tenuíssimos, sussurrando um frufu de tules rasgadas e de asas invisíveis. De ronda aos meus olhos esvoaçavam palpitações espirituais de pequenos gnomos, adejando em nimbos de sonhos, num frêmito [313] acariciador de asas inquietas, abertas em leque, como luminosos crescentes de lua.

A vela começou a bruxulear numa claridade lívida de *punch* que desfalecia em síncope e desmaios, debatendo-se no círculo das sombras que corvejavam de roda num assédio audaz à chama que morria. E tudo começou a mover-se, a deformar-se sob aquela luz difusa e agonizante que ia esmorçando como um crepúsculo até as penumbras.

Eu me achava nesse estado intermediário entre o sonho e a vigília, mas singularmente agitado; sentia a necessidade de lutar contra uma vontade estranha de cuja influência conservo até hoje uma noção difusa; como que uma força alheia começava a circular em mim mesmo.

Entretanto, estou bem certo de que eu não dormia, porque, ao contrário, conservava-me atento, aguardando um incidente, cuja natureza não podia adivinhar, mas de cuja importância um pressentimento dava-me uma certeza absoluta; era como se alguém me houvesse marcado uma entrevista. Recordo-me de que por duas ou três vezes fui à janela, que eu abria e fechava, para consultar o céu em que as estrelas começavam a apagar-se, à aproximação da madrugada.

Da última vez, consultei o relógio, que marcava quatro horas e meia da manhã.

Bruscamente, eu fui como que despertado, embora não fizesse nenhum rumor; era como se ouvisse tocar a rebate um alarma interior e se sentisse invadir-me vivamente a álgida impressão de um pressentimento;

estava compenetrado de que alguma coisa espantosa, maligna e horrível se avizinhava de mim, mas que não penetrara ainda na alcova. Meus olhos voltaram-se imediatamente para a porta, do outro lado da qual eu compreendi que estava o *que quer* [314] *que fosse que eu não podia imaginar* sob uma forma definida, nem viva nem humana, uma coisa sobrenatural e terrível que me fascinava à distância e a cujo influxo eu sentia uma força poderosa irradiar em meus nervos, como uma fugidia mas constante corrente elétrica, fraca, entretanto, mas suficiente para transmitir-lhes não sei que vago torpor.

A sensação de aniquilamento que eu tive é indescritível; calculo que decorreu um minuto durante o qual eu estive anelante numa expectativa intensa, com a impressão viva de uma *presença espiritual* junto à porta do meu quarto.

Súbito, o rumor de um passo afastado soou, no silêncio. As sombras estremeceram e imobilizaram-se; a luz sustentou-se muito firme, fixa como um olhar.

E os passos surdos, lentos, penosos arrastaram-se funebrememente, como arrastando o sudário da morte... Houve um último momento de expectativa aguda, como se ali passasse um *frisson* de terror.

A porta abriu-se lentamente, *como se um sopro a recuasse em silêncio*. E na zona escura do aposento imediato desenhou-se a mancha flutuante de uma aparição tal como se emergisse de um desenho espírita — pálida, larvada, espectral.

Os passos *haviam cessado à porta*. E eu vi, na meia obscuridade que pusera no aposento uma claridade luarenta de *punch*, uma mancha esbranquiçada, de placas luminosas, uma como nebulosa ou um nevoeiro

lunar que se adensasse no contorno de uma forma humana, perfeitamente visível. Nunca, antes ou depois, eu fui sujeito a alucinações telepáticas de qualquer natureza, reconhecendo, então, que a aparição tinha a forma espectral que todos atribuem aos fenômenos desta espécie.

Entretanto, ela não me causara nenhum terror à entrada, mas apenas um movimento de surpresa, até que, voltando para a frente a [315] cabeça, que trazia decaída para um ombro — eu abafei um grito de horror, reconhecendo imediatamente a fisionomia de Carlos!

Ele não trazia o seu traje comum e eis porque o não reconheci desde logo; envolvia-o uma larga túnica, como as que envolvem as estátuas antigas, caindo-lhe em pregas irregulares em torno do corpo.

Se os fatos posteriores não tivessem confirmado a sua identidade, nem assim eu ter-me-ia enganado, porque a imagem de Carlos era de uma verdade surpreendente nos menores detalhes da escultura da cabeça. Envolvia-o um nevoeiro luminoso e transparente, numa tênue evaporação lunar, iluminada como um corpo opaco por uma luz de fósforo. E dos ombros até os pés, um véu luminoso envolvia o corpo, modelando-lhe vagamente a linha geral do contorno. A figura era espectralmente esboçada numa matéria radiante que parecia arder e exalar-se, deslizando sobre o sobrado, suspensa no vácuo, como nos fenômenos da levitação.

Adiantou-se até a mesa e lentamente, em um gesto, sem uma palavra, retrocedeu e desapareceu; ou antes dissipou-se num ângulo do aposento.

Eu tive um desfalecimento de terror. O que depois senti foi como um eclipse total de minhas faculdades. Estava certo de que não sonhava; antes eu tinha, ao contrário, o sentimento nítido de haver experimentado uma impressão mais viva do que outra qualquer sensação subjetiva anterior e

uma certeza de experimentar uma coisa muito diferente de um sonho. Logo que esta impressão dissipou-se, eu não tive consciência de despertar naquele instante; só depois que se deu a solução de continuidade de minha consciência.

Quanto tempo durou meu estado inerte? Não sei.

E de súbito, como que despertando, pus-me de pé, rapidamente, de um salto, como tocado por uma pilha elétrica.

[316] Meu ouvido tinha percebido uma vibração longínqua de voz humana, um grito, uma palavra, talvez! Tive o sentimento de uma desgraça imediata; os segundos que se seguiram foram de uma angústia de morte; nunca os momentos de minha vida tiveram uma tal aceleração; toda a minha vida ficou presa àqueles segundos aflitivos, durante os quais esperei a *coisa fatal*.

Estremeci, porque ouvi um segundo grito nítido, doloroso, horrível... Agora não havia ilusão possível e nada poderia traduzir a comoção que me agitou até as mais profundas raízes da minha alma. O relâmpago que atravessou-me o cérebro iluminou uma imagem de uma nitidez tremenda. Abri uma janela. Era dia. Chegavam-me aos ouvidos vozes angustiadas, choros, gritos...

Vesti-me rapidamente e saí, tropeçando nos móveis; da janela eu havia visto um ajuntamento insólito nos fundos do jardim; duas mulheres carregavam nos braços qualquer coisa. Ao chegar ao jardim, acotovelando os curiosos do grupo, ouvi uma voz grave que dizia:

— São seis horas; deve ter morrido às quatro e meia da madrugada... Está bem morto. Nada mais resta a fazer. Cuidem agora da senhora, que teve uma síncope.

Era o médico.

Eu cambaleei; a luz afundava-se-me nos olhos. Ampararam-me; eu deixei-me segurar no primeiro momento da emoção; depois desembaracei-me dos braços que me detinham, varei o grupo de circunstantes e vi no meio do círculo Carlos estendido na areia, debaixo do velho cipreste que abria sobre ele a sua fronde hospitaleira e impassível. Compreendi tudo. Carlos suicidara-se!

Lancei-me por terra sobre o cadáver; prosternei-me junto à minha vítima; levantei-o pelos ombros e enlacei-me a ele violentamente, num abraço comovido que a morte gelava para sempre! Beije-o nas faces repetidas vezes sem ter consciência das pessoas presentes, [317] apalpei o peito e os braços com uma mão febril e incerta, como quem tateia pelo escuro. Era horrível!

Uma bala varou-lhe o crânio.

Entretanto, eu não chorava; parecia-me ter febre; meus movimentos eram rápidos, bruscos, desordenados; toda a dor humana na sua maior intensidade estrangulou-me num soluço. Ao redor de mim havia um silêncio comovido.

— Carlos, Carlos! — Chamei com uma voz doce e feminina, em que a minha dor vibrou na mais branda e harmoniosa das carícias humanas.

Todos viram-me olhar bem de frente os olhos ainda abertos do amigo, em cuja face os cantos da boca ensanguentados arqueavam-se numa linha amarga, porque nos seus olhos, muito grandes e leais, apenas se desenhava como um véu o fumo tênue de um sonho esmaecido, em que se refletia nos mistérios da morte a imagem quimérica e florida do jardim simbólico.

Eu era sincero; nunca fui mais inconsciente e espontâneo nas ações. A dor humana, bruta, intensa e esmagadora como um tributo imutável, avassalara o meu coração e dominava-me em absoluto; todo o universo se resumiu naquele instante à minha própria dor. Eu nunca mais, nunca mais! deveria esquecer a expressão daquele derradeiro olhar que cuidar-se-ia voltar-se para dentro, expressão da infinita bondade e da resignação secular daquele amigo, o mais leal, o mais bondoso e o mais infeliz que através da morte parecia dourado de uma beleza sobrenatural!

Arrancaram-me dali; entreguei-me docemente como um sonâmbulo; nada ouvia; não compreendia o que diziam-me.

A dor fulminara-me.

Vi apenas, como numa ficção de teatro, um vulto epilético de mulher desvairada arrastar-se num passo de desgraça e de loucura, bravia e selvagem, num cenário de tragédia em que o desenho do cipreste tinha um pavoroso relevo de verdade.

**[318]** Aquela imagem transfigurada, soberba, sobrenatural era a de uma mãe varonil, uivando a sanha revoltada de uma leoa ferida, a face contraída num assombro de bronze convulsionado, enchendo o silêncio consternado com o também bestial dos seus gritos, e tão sincera diante da surpresa da catástrofe que não dissimulava a revolta de sua indomável dor animal explodindo em rugidos de besta-fera numa epopeia de blasfêmia e de sarcasmo! E parecia maior, formidável e spectral, com uma cabeça desgrenhada de Medusa santificada por um resplendor de martírio, estendendo braços desvairados para o seu bem extinto, insurgindo-se contra os açoites do destino, às dentadas, aos saltos, com rugidos de desespero numa agonia impotente de dor inconsolável, bestial, irracional,

feroz — e, contudo, tão verdadeira e tão sincera, tão humana que a piedade religiosamente se movia ante a solene grandeza e a trágica majestade daquele infortúnio... Era a Brígida!...

Voltando ao meu quarto, eu caminhava ao acaso, embrutecido pela intensidade de minhas emoções; passado aquele torpor, meus olhos pousavam com assombro sobre a mesa. O *manuscrito achava-se lá...* Recordei-me do pesadelo noturno. Não teria sido um pesadelo ou uma alucinação? Estremeci, escondendo as mãos no rosto. A realidade parecia-me uma ficção; dir-se-ia que continuava a sonhar, tão singular era tudo aquilo. Tinha receios de enlouquecer. Capitulando perante a medonha verdade, recaía de novo naquela crise terrível em que os meus sofrimentos atingiam a maior intensidade; eles dominavam de tal maneira, que cessara aquela terrível lucidez de consciência e o meu pensamento inquieto tinha uma rapidez elétrica e desordenada, incapaz de fixar-se [em] um só ponto. Era uma anarquia interior, uma revolução íntima em que as impressões de momento se baralhavam [319] com impressões remotas da infância, farrapos de lembranças sentimentais, recordações de leitura, uma ânsia de dormir, de repousar, morrer, uma dor que não me dava lágrimas e que me constrangia a garganta numa tortura tão dolorosa que a morte seria para mim um bálsamo precioso e consolador.

A noção nítida da realidade voltou de novo; todas [as] imagens do meu pensamento, rápidas e fugitivas como as de um cinetoscópio se fixaram aos poucos numa só imagem da morte.

Carlos aparecia morto, fulminado pela irreparável desgraça. A verdade apareceu aos meus olhos com um relevo tremendo; medi com horror a consequência daquele fato; senti-me pequenino e covarde para dominar a

grandeza da emoção; todo o universo de novo reduziu-se àquele momento único. E eu sentia-me estalar e enlouquecer de dor! Tive horror de tudo, da vida, do céu, da terra, dos homens, da natureza inteira e principalmente daquela casa que era o meu patíbulo e um lugar de expiações e torturas. Levantei-me.

Padre Ângelo estava ao meu lado; chorava; ele compreendeu também decerto a minha dor e num instante dois homens tão diferentes, mas que se amavam de um modo tão espontâneo e sincero, acharam-se abraçados, um nos braços do outro, confraternizados num mesmo sentimento e atingidos pelo mesmo infortúnio.

Foi padre Ângelo quem rompeu o silêncio ao cabo de um minuto de comoção que embargava a voz a ambos nós:

— É uma irreparável desgraça, não é exato? Eu devia vir imediatamente trazer o meu consolo e prestar os meus serviços... Mas que quer? Antes de tudo, sou homem também, e à fraqueza humana se junta a fraqueza dos meus sessenta anos! Não pude conseguir dominar-me nesses primeiros momentos em que a notícia me colheu. É [320] uma dor egoísta, bem sei, que não dá tranquilidade aos outros que sofrem; contudo, eu precisava adquirir coragem e orar. Como vê, já não me surpreendo, porque sei tudo...

Eu estremeci. Quê! A angústia que se desenhava no meu semblante fora tal, que padre Ângelo sobressaltou-se.

Já ele esquecia as suas próprias dores para cuidar de uma dor alheia.

— O senhor sabe tudo?

— Infelizmente; que Carlos é morto. Deus meu! Haverá mais alguma coisa?

Eu hesitava; padre Ângelo ignorava ainda o meu segredo; devia confessá-lo?

Eu tinha *uma necessidade absoluta de falar, de confessar tudo* a alguém naquela onda tumultuária de dor que me enlouquecia se não falasse.

O Tio-Padre insistiu:

— Fale, fale!

— Não, não — disse eu rapidamente; e com uma precipitação insólita, comecei a fazer aquela confissão, contra a qual lutava, *reconhecendo-me, porém, impotente para calar-me*. A desgraça é uma só e irremediável; mas há através da aparência dos fatos uma desgraça ainda maior e ainda mais irremediável! Como hei eu de dizer-lhe tudo que de tumultuário e de doloroso eu sinto?

Não sei como tenho ainda coragem para suportar este golpe, opondo uma heroica resistência ao tufão de desgraça que passou pela minha alma, sem varrer-lhe a razão. Nunca pensei que fosse tamanha a capacidade humana para a dor. Nestas poucas horas, pareceu-me ter vivido dez anos de suplícios, de castigos, ai de mim! Bem-merecidos!

Padre Ângelo revelava a sua piedade pela dor humana, cujo ai dolorido levantava-se junto dele. Abraçou-me ternamente.

**[321]** — Tranquilize-se, meu amigo — instou ele, surpreendido, sem compreender ainda, receando pelas minhas faculdades.

— Sim — continuei, numa exaltação ascendente. — Sim, sou duplamente miserável e infame, para maior castigo do meu orgulho, deste orgulho que é o meu maior defeito, porque gerou as piores qualidades do meu ser, entre as quais eu verifico agora este egoísmo abjeto que somente via no mundo a satisfação dos meus próprios desejos e o império dos meus

caprichos, os mais insensatos, os mais vis, os mais desastrados! Que importa que eu não pudesse prever todas as consequências de um ato e deter a marcha fatal da corrente das coisas? Nem por isso me sinto menos revoltado e sombrio, ainda mesmo que eu tivesse a certeza de ser um instrumento inconsciente de um destino implacável!

— Mas tranquilize-se, meu amigo; bem vê que assim não nos podemos compreender.

— Tem razão. Sim; estes momentos são preciosos para nós ambos. Não é a confissão de um crente a um sacerdote que lhe vou fazer; mas ao amigo, ao pai... Desculpe-me se o atormento. Estou tão perturbado!

— Pois, sim. Mas não se ajoelhe; sente-se; sente-se.

Sentei-me e comecei a narrar concisamente toda a minha culpa, sem omitir circunstância alguma. Eu contei a minha amizade a Carlos e exaltei-me neste sentimento, falando dele com uma comoção que me embargava a voz.

Era mais que um amigo, era um irmão querido.

Os últimos acontecimentos ainda mais me exaltavam naquela amizade envenenada e ferida da morte pela minha traição. Amava-o então com um fanatismo exaltado em que doía-me o remorso de ter-lhe sido desleal; e havia como que uma consolação amarga em evocar cenas da infância e da boa camaradagem do passado. Descrevi [322] as suas impressões depois de minha vinda aos Rosais, as previsões funestas, as apreensões aterradoras e a fatalidade de circunstâncias que me prenderam ali contra a vontade — uma vontade desfalecida e frágil, que não sabia querer e obrar. Por um escrúpulo delicado eu fazia-me, porém, o único culpado, distribuindo a Flora um papel de vítima dos seus sentidos e do assalto de um libertino.

A noite do caramanchão, aquela noite de um luar erótico, cuja recordação deixava um rastro luminoso no meu espírito, foi narrada minuciosamente, mas a traços incisivos e rápidos como que revolve uma ferida dolorosa. De cabeça pendida entre as mãos, olhos vagamente fitos no chão, eu evocava das entranhas da terra a visão doce e mortal de Flora, caindo nos meus braços, num delíquio de morte. E, de repente, parei, porque padre Ângelo soluçava:

— Flora, minha pobre filha!

Eu vi aquele velho estoico e doce sucumbido ao peso daquela confissão; o seu grito doloroso trouxe-me uma revelação cruel; levantei-me fora de mim, acabrunhado, atirando os braços para o céu.

— Oh! Como sou desgraçado! Que insensato! Nesta angústia que me enlouquece esquecia-me dos laços que a prendem àquela infeliz criatura, a doce vítima de minha infame paixão. O senhor bem vê que não poderá mais haver consolação para mim! Que fatal destino é o meu, que torna desgraçados todos os que eu amo e que se aproximam de mim!... Nunca me vi tão insensato e inquieto em toda a minha vida; cuido que enlouqueci deveras! O senhor bem vê que não há perdão para mim e, ainda que houvesse, não poderia perdoar-me. Vou-me embora, o senhor é um santo e não saberia expelir-me da sua presença!

A minha intenção era sincera; eu sentia-me miserável aniquilado. E depois, levantando os olhos para aquele sexagenário, não cuidei ver-lhe nos olhos uma exprobração fugitiva pela dor que [323] também eu lhe infligia? Não vi naquela atitude abatida de um homem santificado por uma existência de caridade o resultado ainda de minha culpa?

Mas padre Ângelo arrastou-me docemente, enxugando os olhos, entre soluços.

— Tranquelize-se, meu filho. Bem vejo que se ilude na maneira por que interpreta as minhas lágrimas. Que quer? Sou um velho e um velho é quase uma criança, a quem se deve perdoar as fraquezas. Olhe bem para mim; bem vê que já não choro mais... E, se chorei, é porque suspeito que eu também tenha culpa nisto; não se surpreenda... Mas há pouco, quando falava-me de Flora, a pupila dos meus olhos, eu me interrogo e tremo de verificar, se eu não fui demasiadamente pressuroso em casá-la, sem ouvir bem os sentimentos do seu coração. Meu Deus! Um ato nosso às vezes tem uma tal responsabilidade...

Eu ouvia-o, assombrado e sucumbido.

Depois, forçando-me a sentar, prosseguiu:

— Expliquei-lhe isto para o senhor não traduzir a mal as minhas palavras, as minhas lágrimas. Vejo que ainda tem o que dizer-me. Fale! Eu o escuto, como um seu irmão ou como um pai, se me permite.

Eu narrei rapidamente o desfecho daquele drama.

— Agora, — concluí — o senhor compreende esta tortura que me flagela e devasta. Não sei dizer-lhe o que senti, quando fui encontrá-lo morto no jardim! Tinha-o nos meus braços, já frio, na imobilidade da morte. Vejo-o ainda, pobre amigo! Com o seu olhar de compaixão e de dor. Oh! Padre, padre!... Era tão belo assim, tão extraordinário, tão superior, que eu nunca o amei tanto, nunca estremeci mais do que na hora em que ele caiu nos meus braços, vítima de minha deslealdade! Então só a morte parece-me um bálsamo eficaz e misericordioso, uma solução digna e nobre! Mas eu tenho horror à morte; [324] é uma repulsão instintiva, inevitável. O suicídio

aterra-me; afigura-se-me uma covardia; entretanto, ele seria talvez uma expiação! A minha perturbação me impede de refletir serenamente. Que devo fazer para redimir esta culpa? Vêm-me ideias insensatas. A justiça, o claustro, que sei eu? Seja o que for; diga-me que devo fazer para tranquilizar-me, para reparar o mal?... Se ele é irreparável! Como me atormento e como sofro! Oh! Muito, muito! E agora não me abandone nem me despreze, agora que conhece toda a extensão do meu crime. Não procurei atenuá-lo aos seus olhos; confessei-o com uma absoluta sinceridade, porque assim era preciso.

Padre Ângelo meditava, chorando.

Eu estava sacudido por soluços atrozes, mas não chorava nem podia chorar.

Calei-me quase desfalecido, junto à mesa, e as pernas iam vergando devagar.

Foi também devagar que vi o padre levantar-se gravemente, numa atitude que não devia apagar-se mais de minha memória.

Eram sessenta anos que se levantavam sob o peso de uma comoção profunda, que ia se aplacando aos poucos naquela natureza afetiva e sensível que o hábito e a índole afeiçoaram a uma calma bondosa diante dos espetáculos mais agitados e crises mais agudas.

Até as próprias dores pareciam sistematizar-se naquela natureza de homem clemente.

Eu vi-o cercado de uma auréola divina e sobrenatural; uma transfiguração súbita se operava também no ingênuo padre camponês e ele tinha uma atitude augusta, em que irradiava toda a sua inextinguível bondade. Os seus olhos tinham a candura da infância e a clemência de uma

velhice benfazeja. Parecia levantar-se numa apoteose mística e o seu sorriso tinha qualquer coisa de intraduzível e celeste. E foi com um acento comovido que ele falou:

[325] — Escutei-o com o interesse que o seu infortúnio me inspira. Pois bem! Por mais dolorosa que seja a parte que me cabe na sua confissão, eu não vejo nela senão o microcosmo da vida, a luta de uma alma atribulada, que se debate e que sofre, e este espetáculo aumenta a minha piedade por todos nós... Sim, por todos nós! O senhor supõe-me santo; antes o fora, e ai de mim! Quem o será? Ainda há pouco, ouvi as palavras com que o senhor expôs a marcha insensata de uma paixão condenável, que escarneceu dos seus esforços e triunfou de sua vontade. Se eu fora um santo, não poderia compreender uma tal capitulação, nem poderia sentir uma simpatia pela sua história, não porque justifique um sentimento criminoso, senão porque o esto abundante e apaixonado de suas palavras penetrou os escaninhos de uma alma engelhada em quarenta anos de penitência. Que poder têm as suas palavras para despertar do fundo remoto de meio século de renúncia e de olvido a recordação que ainda vive das primeiras palpitações do meu coração de adolescente? Bem vê que chegamos a um momento em que nossas almas se encontram. Falo-lhe com o coração nas mãos. E não lhe dissimulo que o sacerdote poderá renunciar a todas as vaidades da vida, nem por isto no fundo de sua alma deixarão de vibrar às vezes as cordas adormecidas em que a ilusão da mocidade ensaiou o primeiro hino de amor! Quem sabe se naquela idade, sem a experiência e a calma que é o único troféu que ganhamos com os anos no combate da vida, quem sabe se, vítima de uma paixão idêntica, eu não poderia ser arrastado, como o senhor, a uma conduta mais lamentável? Basta encararmos as nossas próprias fraquezas

para que sejamos indulgentes para com as fragilidades alheias. Por isto é que a caridade, pois que a tolerância é apenas uma forma daquela virtude, só é exercida satisfatoriamente pelos infelizes e deserdados da sorte. Aqueles, a que a fatalidade ainda que uma só vez na vida [326] feriu, é que sabem interessar-se pelos outros, vibrando com as suas dores, identificando-se com o infortúnio. Elas repercutem dolorosamente dentro deles, evocando sofrimentos idênticos, que uma simpatia enternecida liga na solidariedade moral da desgraça e da miséria humanas. A felicidade, posto que passageira e momentânea, é quase sempre egoísta, e o espetáculo da miséria a desconcerta e constrange, quando ela placidamente goza o quinhão de ventura que lhe toca. Repare que nunca se fazem esmolas nos dias de bodas, mas nos de enterros... O senhor lembrou a justiça e o claustro, duas formas da penitência. Da justiça, eu nada entendo; sei apenas que entre ela e a minha vai um abismo insondável. A minha profissão e a minha experiência abriram-me largos horizontes, em que certas revelações puseram uma luz decisiva no meu espírito. Diante do espetáculo pungente de dor humana, eu tenho meditado num alto ideal de justiça, de que a justiça humana se aproximará apenas no dia em que ela conseguir conciliar o código da moral com os códigos da honra, da religião e da natureza. Penso que há uma justiça que emana de mais alto. O senhor pergunta se pode alcançar o perdão? Deus meu! Por que se duvida ainda da tua clemência?

“É fundamental pensamento da evangelização cristã:

“Devemos condenar o erro e perdoar os que erram.’ Que pena eu poderia impor-lhe senão a do arrependimento e da contrição? A sua situação é análoga à da mulher pecadora condenada à lapidação farisaica... O claustro... Nas naturezas impressionáveis e sensitivas, perturbadas nas

grandes crises morais, este pensamento acode romanescamente. Isto faz pensar de como devera ser o caráter da missão sacerdotal – essencialmente humana, de caridade tangível. Não tendo passado pelas provas dos sofrimentos comuns, ignorante das paixões, o sacerdote é um mau diretor espiritual; o claustro é uma muralha chinesa de impassibilidade. Como compreender a amargura [327] das lágrimas sem havê-las derramado? Que bálsamos traz a Trapa às chagas de um coração? Compreendi a sua intenção, que é um belo sintoma; todo homem pode exercer melhor que os claustros o amor e a caridade. O sr. ainda há pouco me dizia ter o coração árido; a fé é uma flor que germina naturalmente de uma semente; nada poderá facilitar ou impedir um tal fenômeno; mas a caridade pode ser exercida por todos e pode se constituir o objetivo da vida. Para a sua conduta lembro-lhe duas virtudes: resignação e bondade. É uma doutrina estoica, inspirada neste pensamento de Sakyamuni: ‘A verdadeira sabedoria consiste na percepção do nada de todas as coisas e no desejo de tornar-se nada, de ser aniquilado de um sopro, de penetrar no nirvana.’ À primeira vista, parece materialista este pensamento, mas, refletindo melhor, compreendi que ele se aproxima muito do próprio pensamento da Igreja. Rogo que me releve o tom doutrinário com que lhe falo; amanhã, quando se tiver dissipado a emoção do momento, não se ria por conselhos amigáveis de um homem rude, fechado no horizonte restrito de suas ideias. Lembre-se de que é um dever meu consolá-lo... Há outras almas ainda a pensar. Vou concluir; falei-lhe com toda a sinceridade a que o sr. tem direito; nem me era lícito manter restrição de consciência. Há sempre meio de reparar o mal; persistir nele é que seria uma imperdoável fraqueza. O suicídio afigurou-se-lhe uma reparação; basta, porém, refletir um só instante, para verificar que ele

apenas aumentaria a desgraça, sem nada reparar; ainda era o seu egoísmo que o enganava; o seu suicídio seria apenas a liberdade do castigo. É preciso opor aos ataques do destino uma serenidade estoica, dolorosa, quando se habituou a ver no objetivo da vida a satisfação dos prazeres desejados, isto é, a felicidade. Viva e sofra. O sofrimento é, às vezes, uma graça. A vida é um combate que se fere. Viver é lutar.”

A esta última frase eu estremei.

[328] Oh! Como me pareceram desmaiadas e mesquinhas agora todas as palavras do sacerdote, ao lado daquela frase recapituladora a lapidária, frase palpitante, e viva como um músculo, frase concisa e sintética como uma fórmula flagrante e exata da Vida!

Padre Ângelo retirou-se e, de súbito, examinando o fatal manuscrito que se achava sobre a mesa, deparou-se-me uma carta que me era dirigida.

Estava lacrada e trazia o sinete de Carlos. Abri-a com sofreguidão. A impressão que ela me produziu é uma destas coisas inacessíveis à palavra. Meu organismo não podia suportar tantos choques sucessivos. Adoeci gravemente.

*Meu amigo.*

*Permite que ainda te dê este doce título, e pela derradeira vez, quem te escreve à beira da sepultura. Oh! Tu não podes imaginar que esto de ternura faz palpitar o meu coração ao traçar aquelas duas palavras, tão simples, aliás, e que encerram, entretanto, um dos sentimentos mais puros e, com certeza, o mais desinteressado de todos os que ocuparam o meu coração durante a vida inteira, e que eu, acredito, vou levar extreme para além da morte.*

*A intenção dominante que resolveu-me a escrever-te esta carta é exatamente esta — a de conservar essa amizade que durante tantos anos*

constituiu o lado bom pelo qual as nossas almas sempre se encontraram, enternecidas. É este o último pedido que te suplica do derradeiro momento o amigo moribundo. Continua a amar-me, como eu te amo ainda, como eu vos amo. E desde já te peço que não vejas nesta carta e na maneira por que a escrevo uma ironia cruel ou uma intenção monstruosa, inverossímil num momento tão solene e tão trágico como este em que estou me despedindo da vida. Em outro documento por mim escrito e assinado para produzir efeitos legais, encontrarás ainda a afirmação dos intuitos que agora ditam minha [329] conduta; retirando apenas para os pobres do Tio-Padre a parte que de direito lhes cabe, constituo meus herdeiros a ti e a Flora, com a condição, que ali não se acha explícita, de que legitimareis o vosso afeto pelo casamento. Não te surpreenda esta condição que não imponho, mas que exijo da tua probidade e do teu afeto por mim e por ela; tu me conheces, tanto quanto é possível uma alma alheia penetrar no país desconhecido e misterioso de outra alma, porque cada um de nós tem em si mesmo um universo interior, cujas regiões ficam as mais das vezes impenetráveis às pesquisas psicológicas, como certas regiões hiperbóreas às expedições dos navegantes; conheces, porém, o meu absoluto fanatismo pela verdade, o meu horror à dissimulação ou à mentira.

Pois bem; o meu derradeiro voto é pela tua felicidade e pela daquela meiga e doce criatura que eu inconscientemente fiz sofrer todas as torturas da paixão, tornando-a desgraçada, quando a minha mais alta aspiração seria pela sua completa ventura e inteira felicidade! Eu devotaria a minha vida inteira, fardo pesadíssimo, para alcançar este ideal de minha alma e, cuidando fazê-la feliz, eu conservava preciosamente esta vida que é para mim a pior tortura e a mais cruel grilheta que chumbava à expiação da existência!

Foi um acaso providencial, vejo-o agora, que veio colocar sob os meus olhos o manuscrito em que diariamente traçaste a tua vida nos Rosais.

Eu confesso e não dissimulo que minha primeira impressão foi de um assombro doloroso... Que negligência ou que intenção veio trazer aquela revelação para a mesa do gabinete, ignoro; cuidei a princípio que fosse um trabalho meramente literário, a que te houvesse entregado às escondidas, para proporcionar-me a surpresa da primeira leitura. Passada a primeira impressão de espanto, sublevou-me uma cólera profunda; por momentos, fui feroz e sanguinário; em todo este [330] drama doloroso eu só via uma farsa ignóbil, em que me fora distribuído o papel de ínfimo farsista; o sentimento de revolta da minha honra ultrajada sugeria-me a efusão do sangue como único meio de lavar a injúria. Deu-se em mim não sei que retrocesso atávico; selvagem, dominava a paixão mais perigosa, a de meu ódio que dava-me forças para esmagar tudo o que obstasse a minha passagem para a vindita. Outras fossem as circunstâncias do momento e a esta hora eu seria um criminoso! O acaso, porém, às mais das vezes é quem determina as nossas ações aparentemente as mais espontâneas.

Em virtude do abalo sofrido ou por outro qualquer motivo, eu senti-me paralítico, incapaz de um movimento, sem que o cérebro deixasse de trabalhar. A extrema lassidão dos nervos operou decerto como sedativo benéfico, porquanto desviou-me os pensamentos e os sentimentos para um curso bem diverso. Circunstância providencial que me livrou do inenarrável remorso de matar-te e de assassinar a mais bondosa, a mais infeliz e a mais terna das mulheres!

Li de novo e com a maior calma que me era possível os trechos do manuscrito em que pintavas a marcha invencível da paixão, que se te

*afigurava monstruosa, e lastimei-te, pobre amigo! Tive dó de ti, nobre espírito! que os mais belos sentimentos martirizaram numa luta formidável entre as leis naturais e as leis da convenção humana! Por que julgavas monstruosa a tua paixão? Porque a não podias confessar à face dos homens e das leis do país. Entretanto, apesar de toda a tua admirável energia nesta luta tremenda, a natureza, mais forte, triunfou dos teus nobres propósitos, inflexível nos seus reclamos, implacável nos seus princípios. Não há meio de melhor julgarmos os atos alheios, do que invertermos a nossa posição pela do delinquente; e não sei se, rodeado das mesmas circunstâncias, eu não capitularia também, com o coração duplamente esmagado pela luta. Como eu vos compreendi, então! Como eu vos deplorei! E, sobretudo, como eu vos amei!*

**[331]** *Não posso dizer-te nos estreitos limites desta carta todo o drama que tem sido para mim esta noite. Se eu vivesse mais dez anos, parece-me, não teria vivido tanto. E depois de uma noite inteira de vigília, recapitulando toda a minha vida, coordenando tudo o que os livros e a experiência me ensinaram, e eu compreendi então toda a extensão e importância dessa filosofia humilde do Tio-Padre! É a filosofia dos pequeninos, dos miseráveis e dos desgraçados — única que os pode satisfazer e mitigar por instante a sede de paz dos seus corações enfermos e inquietos. Vem de longe, bem o sei, a sugestão daquele espírito sobre o meu; embora eu admire toda a sua grandeza moral, confesso-me incapaz de seguir-lhe as pegadas e de imitar-lhe o exemplo de renúncia a toda a felicidade, porque a renúncia só é meritória quando envolve o sofrimento. Eu não posso sofrer; amava a vida por amor somente daqueles aos quais dela me parecera necessária. Já estás compreendendo e adivinhando aonde vou chegar. O suicídio é isso mesmo; é uma ideia com a qual me familiarizei de há muito para dar um golpe decisivo no destino, toda a vez que*

*ele interviesse no caminho da minha felicidade, e para dar uma solução pronta a qualquer emergência difícil em que me achasse pela vida adiante. Não te confessei isto tantas vezes? Recordá-te de que uma vez eu te contei a profunda impressão que me causou em criança a morte do avô; eu o estremecia e só mais tarde soube que fora um motivo de honra que o levara àquele extremo de desespero. Nunca me esqueci da atitude em que a família foi encontrá-lo no leito, com a sua cabeça serenamente repousando no travesseiro e uma larga mancha de sangue na região do coração. Era extraordinariamente belo o avô e naquela atitude a sua velhice pareceu adquirir maior majestade, os seus cabelos brancos punham-lhe uma auréola de deus tranquilo e soberano!*

*Uma vez, para experimentar se eu teria a mesma coragem, apenas, tomei uma arma que apus ao peito nu para ter a sensação da [332] frialdade do aço; sustentei com firmeza a arma naquela posição, entretanto, senti como que uma mão que paternalmente me auxiliava, e, com uma crisperação nervosa, puxei o gatilho. Somente após o estalido seco das molas dei fé daquele ato que te asseguro absolutamente involuntário... Ainda, então, eu lembrava-me do avô. Não estranharás, pois, que o suicídio me parecesse a solução natural; e é com o mais frio cálculo, com a mais pensada premeditação que porei termo à amargura da vida, alojando no coração uma bala numa apóstrofe de explosiva revolta. Enganam-se ou procuram enganar-se os que veem no suicídio um ato de loucura; ele pode ser também como no meu caso, o resultado de maturada reflexão.*

*A vida era para mim um fardo que suportava por amor dos outros; esta razão deixou de ser, ela pode mesmo ser um obstáculo à felicidade dos que amo; portanto — mato-me.*

*Estará louco quem assim raciocina?*

Cumpra-me ainda desde já afastar qualquer sombra de pesar que o meu suicídio porventura te possa trazer: não me mato para fazer a tua felicidade e a de Flora; também não sou levado a este ato pelo desgosto que porventura pudesse causar-me a revelação do vosso amor. Não, mil vezes não! Mato-me pela necessidade absoluta, imprescindível, inadiável, que tenho de morrer; a vida é uma propriedade minha; ninguém, em boa lógica, poderá disputar-me o direito de fazer dela o uso que me aprouver, tanto mais que nenhuma das existências pelas quais sou responsável sofrerá com isto a não ser o pesar de me perderem para sempre. Se eu tivesse filhos, por exemplo, outra seria a minha conduta, ainda que renunciando a comunhão do lar — o que seria agora absolutamente impossível para mim.

Cuidarás que, ainda mesmo que eu tivesse o maior apego à vida, a nossa situação seria insustentável; e terias razão em assim pensar, figurada semelhante hipótese que não é o meu caso; ainda assim, outras [333] soluções, que não a do suicídio, oferecer-me-iam meios de sair com dignidade e com honra de um terreno melindrosíssimo. Eu poderia socorrer-me do divórcio, da separação tácita, das viagens e ainda de outros recursos. Insisto neste ponto para dissipar quaisquer escrúpulos que possam se levantar na tua consciência acerca dos motivos que determinaram a minha conduta. Ela não envolve nem um ato de desespero, nem de sacrifício ou renúncia; o meu suicídio é como uma viagem adiada muitas vezes, aguardando uma circunstância favorável que concorresse para realizá-la.

Ao escrever-te esta carta de despedida, cujo segredo te pertence, eu quereria que tu e ela conservásseis de mim a imagem de um amigo que se vai, cheio de reconhecimento pela felicidade que vos deveu e que no momento da despedida não acha palavras que possam traduzir toda a gratidão e ternura

que vós lhe inspirais, pela parte doce no quinhão da vida que deveu ao vosso afeto e à vossa bondade.

Eu seria injusto se vos julgasse de outra forma; porque nenhum de vós me mentiu, nenhum de vós me enganou; tu e ela é que fostes o ludíbrio da fatalidade mais absurda que escarneceu de todas as vossas nobres energias, conjurando contra a vossa tranquilidade. Recomponho o drama moral de que vós sois os protagonistas e compreendo agora a luta em que andastes empenhados e em que sucumbistes; se há alguém que padeceu no decurso de toda esta tristíssima história, não fui eu – fostes vós; e se por acaso um amor defeso merece e reclama um castigo, vós já tivestes e sofrestes a mais iníqua punição.

Do fundo d'alma eu vos peço que me perdoeis a parte que involuntariamente eu tomei na tortura que padeceste; também eu fui culpado, porque não soube adivinhar o que se passava em vossas almas, porque não soube conjurar o perigo que nos ameaçava. E no fundo da minha consciência eu reconheço que não tinha o direito de exigir de [334] minha mulher um sacrifício maior do que o que já lhe havia imposto a minha incapacidade de amar tal como os outros homens; eu te falei um dia desta anomalia estranha que foi o meu pior martírio.

E eis a razão principal da minha conduta. Sois livres, sois moços; deveis e podeis amar-vos com todos os transportes da paixão, e eu abençoarei do fundo d'alma essa união – desde que tu saibas compreender o valor da joia que confio ao teu carinho, desde que saibas amar aquela mulher, como merece tão doce e terna criatura.

Dizer que não a amo seria uma falsidade revoltante; mas há tanto tempo habituei-me a ver nela uma filha ou uma irmã, que compreenderás a natureza

*desinteressada do meu afeto por ela. Demais, quando nos sabemos à beira da sepultura por um decreto irrevogável, na verdade encaramos o mundo por um aspecto bem diferente! Quanto a mim, o que sinto por vós é uma imensa ternura pelo muito que me amastes, pelo bem que fizestes...*

*Sê bom, sê clemente, sê carinhoso para com Flora; ama-a, como eu não soube ou não pude amá-la, e tem para com ela os cuidados que reclama uma flor delicada e mimosa. Morrerei pensando em vós com tristeza e com doçura, tristeza porque a nossa situação impõe a necessidade desta separação, e doçura pelo muito que vos continuo a querer e a abençoar.*

*Ainda agora, não pude furtar-me a um ato de fraqueza; fui à alcova onde Flora dormia serenamente. Como era formosa assim! Como eu tive ímpetos de beijá-la, de despertá-la, e dizer-lhe — ‘Sei tudo! Mas eu te perdoo! Partamos para bem longe e esqueçamos o passado! Seremos felizes nalgum continente abençoado! Desperta, e vem!’ Reconheci o quanto era insensato, e parti, chorando, daquela alcova que era para mim um ninho das mais gratas recordações! Chorei muito, chorei copiosamente e senti-me serenado, tranquilo, direi quase feliz...*

**[335]** *Vou concluir esta carta que alonguei mais do que me era possível; antes de concluí-la, devo de novo pedir-vos, a ti e a Flora, que não conserveis de mim senão a lembrança de um amigo querido que se finou e que presidirá em espírito à vossa felicidade, fazendo votos para ela. O segredo de tudo o que se passou ficará sepultado comigo; para o público, a explicação dos meus antigos padecimentos físicos, que são notórios, será suficiente para dissipar qualquer suspeita ou comentário maligno.*

*Para isso deixo uma declaração escrita.*

*Adeus, meu amigo! Eu conto que nem tu nem Flora vos esqueceréis de quem vos amou e de quem agora mais do que nunca vos ama com o mais puro, o mais desinteressado e humano afeto. Adeus! O meu desejo é ainda que este sentimento possa perpetuamente falar-vos bem no fundo da alma e dizer-vos todo o bem que vos quero.*

*Carlos.*

## X

Um mês depois, após a convalescença duma febre cerebral que me pusera entre a vida e a morte em casa de padre Ângelo, depois de ouvi-lo e sob o seu consentimento, deliberei ir aos Rosais na véspera de minha partida.

Aquela visita era o mais penoso sacrifício que podia ter me exigido a amizade de Carlos; porém, eu tinha deliberado respeitar a todo o transe a sua última vontade, expressa na carta que me dirigira nos últimos momentos de sua vida.

À tarde, penetrava eu no jardim dos Rosais. Que estranha comoção me dominou! Surpreendia-me sobretudo a radical metamorfose do jardim, se bem que nada tivesse sido alterado. Mas as roseiras estavam [336] despidas de flores; somente aqui e além floria alguma rosa de todo o ano, muito pálida e medrosa assomando entre os galhos das roseiras quase despidas de folhas. Os pombos haviam emigrado do telhado; o repuxo chorava uma monodia soturna; e somente o cipreste vicejava, impassível e sereno, como um juiz que fosse julgar-me.

No vestíbulo, bati duas vezes sem resultado. Começava a impacientarme porque experimentava um infinito mal-estar; parecia-me que ia desfalecer ou chorar. Tudo ao redor de mim tinha um aspecto hostil, devastado e sinistro, como se por ali passasse um vento de desolação e desgraça. O silêncio da chácara infundia-me pavor: parecia que tudo me acusava de um crime. A imagem de Carlos surgia em toda parte, como um remorso, e eu lembrava o contraste daquela singular visita com o dia da minha chegada àquele jardim que se me afigurara um sítio paradisíaco. Que extraordinária mudança! Dir-se-ia que se operara ali um mau sortilégio, tirando os véus de ilusão que outrora fascinaram os meus olhos na contemplação daquele sítio.

Ia bater pela terceira vez, quando a porta abriu-se — e eu achei-me diante de Flora...

Apesar de haver-lhe eu anunciado a minha visita por intermédio de Tio-Padre, a sua comoção foi tão profunda que ela ficou um instante interdita, sem poder proferir uma palavra; não obstante eu já me achar preparado para aquele encontro, o meu abalo foi igualmente profundo. A mesma comoção nos embargava a voz e os movimentos.

Contudo, pude dominar-me e cortejei-a respeitosamente.

Ela correspondeu com um aceno de cabeça e com um gesto designou-me o salão.

Também eu verifiquei que nela se havia operado uma profunda transformação; trajava luto fechado; nem uma joia, nem uma renda. O rosto cavado era singularmente pálido; os olhos fundos haviam adquirido um brilho misterioso; acentuara-se o vinco dos cantos da boca.

[337] Ela foi abrir mais uma janela e veio sentar-se silenciosamente. No acolhimento que me fez não havia nem intimidade nem arrogância; a sua atitude era de tristeza resignada, de dignidade sofredora. De súbito, um soluço mal reprimido rebentou-lhe do seio e ela pôs-se a chorar, escondendo o rosto nas mãos. Eu tive uma imensa piedade por ela; todavia, procurei conter-me dentro dos limites da mais estrita polidez, tal como eu já havia preconcebido para aquela entrevista.

Vacilava apenas no tratamento cerimonioso que eu julguei dever dar-lhe numa situação tão grave e melindrosa para nós ambos, porque eu previ que um tratamento familiar deveria necessariamente escandalizá-la, nas disposições de espírito em que eu mais ou menos sabia que deveria encontrá-la. Rompi desassombadamente o silêncio que se tornava intolerável.

— Peço-lhe perdão; eu compreendo que a minha presença deva-lhe causar um certo constrangimento, nem ousou dissimular que eu mesmo me sinto comovido... Mas eu não podia deixar de infligir-lhe mais essa provação e de cumprir um dever, doloroso embora, já que não me é dado partir sem ouvi-la primeiramente.

Flora havia enxugado as lágrimas e, muito grave, a fronte abatida no seio fitava silenciosamente o lenço que tinha nas mãos, listado de larga tarja de luto. Pungiam-me os mais acerbos remorsos de vê-la naquela dolorosa situação. Como ela chorava e como eu sofria em vendo-a chorar!

Eu prossegui:

— Porque eu não podia tomar uma deliberação sem ouvi-la primeiramente sobre um assunto grave, que lhe afeta, e também sem haver pedido perdão pelo infortúnio de eu fui causa, involuntária embora, e que

trouxe o luto a esta casa, que eu desejava ver perpetuamente iluminada de felicidade.

Flora fez apenas um quase imperceptível gesto de assentimento.

**[338]** Eu prossegui:

— Não me traz aqui, porém, o intuito de rememorar fatos, que somente concorreram para aumentar o seu desgosto e o meu. Agora o mal está feito; trata-se apenas de repará-lo tanto quanto possível. Trago-lhe uma carta de uma pessoa querida que lhe diz respeito muito de perto; mas, antes de lê-la, devo preparar o seu espírito para revelações importantes que talvez a surpreenderão como já me surpreenderam. Rogo-lhe toda a calma para que possamos chegar sem incidentes ao fim principal de minha visita. Peço-lhe permissão para lê-la agora; como vê pela letra e pelo sinete, a carta é de Carlos...

Pela primeira vez, Flora encarou-me; nos seus olhos desenhava-se uma imensa surpresa, porque ela ignorava, como todos, a existência daquele documento.

A um gesto de Flora, eu comecei a ler a carta; ela estava profundamente comovida e forçava-me por vezes a interromper a leitura. Todavia, não disse uma só palavra; apenas, com gestos, insistia para que eu prosseguisse.

Eu prosseguia, de tal maneira comovido, que não podia dominar o frêmito de minha voz, se bem que não ligasse precisamente o sentimento daquelas palavras que eu quase sabia de cor, à força de ler aquela carta.

A minha comoção provinha das circunstâncias especiais em que nos achávamos, das recordações que aquela casa despertava-me, da presença da mulher amada que eu revia, após uma ausência cruciante, e sobretudo

das consequências que deveriam decorrer daquela entrevista, decisiva para o resto de minha vida.

Meu coração palpitava com inusitada violência e eu sentia vertigens ao encarar de frente aquela situação, na qual se jogava a nossa felicidade.

[339] Mais de uma vez tive de interromper a leitura, tão lancinante era a impressão que ela causava à pobre criatura que me ouvia, ai de mim! com a mais acerba tristeza.

Ao concluir, pensei que ela ia morrer, tamanha era a sua palidez; sobreveio-lhe uma crise de choro convulsivo, que enternecia até as mais profundas raízes do meu ser.

— Tranquelize-se — disse ela, após alguns instantes, notando a minha agonia. — Não vale nada; rogo-lhe esperar alguns instantes; já lhe falo.

As frases saíam-lhe destacadas por soluços. Era um espetáculo pungente! Eu sentia-me revoltado pela atitude artificial que as conveniências nos impunham; meu desejo era ajoelhar aos seus pés e chorar com ela, suplicando-lhe o meu perdão.

Mas verificava que qualquer intimidade me era defesa; Flora impunha-se agora a não sei que respeito religioso, a não sei que enternecido acatamento que me colocava à distância que medeia entre a genuflexão e o objeto de um culto. Afigurava-se-me que não estávamos sós e que além das nossas consciências *havia ainda uma testemunha latente* que estava julgando os nossos menores gestos e mais simples palavras.

Além disso, Flora já não era a mulher familiar, a amante que caiu desmaiada nos meus braços; o encontro das nossas almas, embora apaixonadas, estava interceptado como que por um véu glacial que obstava a sua aproximação e o seu enlace. A impressão que eu tinha dela era a da

presença inesperada de uma mulher amada de que nos separamos há muitos anos e que encontramos, já vizinhos à velhice, quando constatamos com desespero que a revivescência da paixão toca nas neves geladas das derradeiras ilusões.

A pouco e pouco, Flora acalmou-se; a crise de lágrimas passou; o seu semblante dolorido readquiriu a fatigada serenidade de uma doce e resignada tristeza; encarou-me com bondade e, por seu turno, me dirigiu a palavra:

**[340]** — Peço-lhe que me releve a fraqueza de minhas lágrimas. Deus sabe com que esforço ainda agora eu consegui reprimi-las. E agradeço-lhe a delicadeza com que me preparou para receber o choque destas revelações fulminantes; porque não só eu ignorava o conteúdo dessa carta como a sua existência. Dir-se-ia um sonho tudo isto! Todos os dias, quando desperto, pergunto a mim mesma se continuo a ser a vítima de um pesadelo!

Ela imprimia à tristeza de suas palavras uma serena majestade. Nunca eu a vi nem mais digna nem mais triste!

— Eu poderia pedir-lhe um prazo para responder-lhe acerca do que me diz respeito nessa carta; porém, tenho meditado muito, para que ainda sofra vacilações no partido a tomar. Estamos numa situação em que se impõe de parte a parte a máxima franqueza. Antes de responder-lhe, rogo-lhe dizer-me qual a deliberação que o senhor traz assentada a este respeito?

— Antes de tudo, — declarei — cumpre-me dizer-lhe que eu não podia tomar uma deliberação antes de ouvi-la, desde que ela interessa a duas partes. Quanto ao que me toca individualmente, não lhe venho propor uma reparação pelo casamento e muito menos sujeitar-me a um sacrifício simplesmente por exigência de um amigo. Esta entrevista é talvez

precipitada; provoquei-a, porém, porque preciso desde já saber qual a minha conduta a seguir no seu próprio interesse. Apesar do seu luto e das condições especialíssimas em que nos achamos, permita-me dizer-lhe que continuo a amá-la inalteravelmente e que a minha afeição sofreu tão somente as modificações que circunstâncias extraordinárias deveriam causar-lhe.

— Obrigada — disse-me ela. — O senhor não desmente o conceito que me merece: as suas últimas palavras, não obstante vagas, aproximam-se tanto do meu modo de pensar, que têm para mim a maior transparência.

**[341]** — Mas não compreendo... — ia eu protestando.

Ela interrompeu-me vivamente:

— Compreenderá incontinenti. Lembro-lhe que eu exijo toda a sua franqueza para ter o direito de fazê-lo também. Já lhe disse, eu ignorava absolutamente a existência desta carta, que justifica plenamente a necessidade da entrevista solicitada; mas o projeto que nela levanta a generosidade de Carlos já se me tinha afigurado ao espírito. Porém, acha que ele resolveria agora o problema de nossa felicidade? Acha que ele poderia satisfazer as nossas aspirações? Se, porventura, se legitimasse o amor que nos era defeso, não acha que aos maiores transportes da paixão, à mais estreita comunhão de nossas almas não havia de se interpor a recordação dessa catástrofe sinistra, não havia de separar-nos alguma coisa de glacial como o remorso de dois cúmplices, após a consumação de um crime? Eu compreendo a sinceridade de Carlos, como avalio a nobreza de sua conduta; mas se Carlos exigia esse enlace, é porque cuidava ver nele a nossa felicidade; e se o senhor está pronto para cumprir a sua vontade, é porque é um homem de honra.

— Perdão! — atalhei — Antes de tudo, já lhe declarei que continuo a amá-la!

Ela animou-se subitamente, exaltando-se de maneira surpreendente; seus grandes olhos tristes iluminaram-se de um fulgor soberbo.

— Sei que me ama. Mas porventura não o amo também? Oh! Sim! Amo-o! Amo-o como amo a Carlos, e exalto-me neste sentimento que me divide para um e para outro. Não estranhe esta duplicidade! Ela nada tem de extraordinária, como lhe parecerá à primeira vista. Quando a paixão impeliu-me para os seus braços, muitas vezes julgou-me singular; pois bem, é que eu dissimulava no fundo do coração este segredo que hoje posso confessar-lhe, tão grave é a nossa posição neste instante. Eu amava a Carlos, eu amo-o ainda quase como [342] amaria a um pai ou a um irmão idolatrado; admirava nele todas as qualidades que nobilitavam e que estão confirmadas nessa carta; nada poderia arrancar-me da sua companhia; e tempo houve em que eu amei-o de modo bem diverso, isto é, como eu amo ao senhor agora! Repilo esse enlace que me parece monstruoso, embora o ame. Não cometemos nós uma falta? Poderemos negá-lo? Esse casamento seria, pois, o prêmio da falta cometida, o coroamento da cumplicidade num mesmo delito! Carlos não tem direito de exigir-nos semelhante monstruosidade! Seria o nosso pior castigo!

Havia se levantado; o seu grande vestido negro, caindo-lhe em torno à figura em pregas majestosas, dava-lhe um nobre aspecto monacal, lembrando essas singulares imagens de rainhas que um grande infortúnio encaminhou para a vida ascética dos claustros. O luto pesado das suas vestes e de seus cabelos acentuava o contraste da sua palidez macerada, que evocava o cilício e as vigílias das sorores penitentes.

Seus olhos animavam-se; através das lágrimas que a espaços deslizavam pela sua face cavada, adquiriam um brilho intenso. Eu começava a sentir por ela uma veneração profunda, um fervor enternecido, idêntico ao sentimento cultural que os crentes experimentam pelas Madonas compassivas, feridas por sete espadas no coração.

Insensivelmente, curvando a cabeça nas mãos, eu surpreendi-me a soluçar.

— Eu vou lhe dirigir um apelo. Sei que a nossa situação transformou-se com a morte de Carlos; somos livres ambos; eu posso sem corar receber a corte de um homem; o senhor pode oferecer a sua mão à mulher que julgar digna dela. Amamo-nos, é verdade; mas cometemos uma falta, atraçoamos um coração nobilíssimo e um caráter sem mácula.

“É justo que expiemos tão grande crime; e esse castigo que nos impomos será a nossa separação para sempre! Se, porventura, cedendo [343] à vontade de Carlos, que não a nossa própria vontade, realizássemos esse enlace, eu teria estremecimentos de horror, todas as vezes que suas mãos me tocassem, e o senhor jamais poderia confiar na mulher que traiu o seu melhor amigo... Não proteste; no fundo, seria rigorosamente justo. Ao contrário, se nos separarmos para sempre, teremos expiado a falta pelo castigo merecido; o senhor conservará de mim uma recordação doce, talvez, a de uma pobre mulher que teve um momento de fraqueza, mas que soube corrigir-se ainda, a tempo de conservar aos seus olhos alguma coisa do seu prestígio. Quanto a mim...”

Interrompeu-se, profundamente pálida e quase sufocada pelas palpitações das artérias.

— Quanto a mim, guardarei no fundo d'alma a imagem do homem que me ensinou a amar e que teria feito talvez a minha completa felicidade, se tivesse chegado mais cedo ao meio do meu caminho...

— Flora! — bradei, correndo para ampará-la, fora de mim.

Ela fez um esforço sobre si mesma; sentou-se e deteve-me com um gesto.

— Acalmemo-nos — disse ela, com um sorriso forçado. — Eu precisava de dizer-lhe tudo isso para terminarmos de uma vez a nossa situação deplorável. Esta entrevista já se tem prolongado muito e eu ainda não lhe disse tudo. Rogo-lhe não ver nos meus atos a conduta de uma mulher romântica e julgar mal da natureza da minha afeição para com o senhor. Abri-lhe a minha alma, porque dei-lhe o direito de ler nela como num livro aberto. Já lhe dei a maior prova de afeição que uma mulher de minha condição pode dar ao homem amado. Devo-lhe agora fazer uma revelação importante.

Um rubor súbito coloriu-lhe as faces desmaiadas; ela hesitava; por fim, disse:

— Vou ser mãe.

[344] Abalado pela notícia, eu levantei-me de um salto, dominado por uma impressão dolorosa e desagradável.

Ela levantou-se também e, com uma energia que eu até então não lhe conhecia, prosseguiu:

— Sim! O senhor já adivinhou que este filho é o produto de um amor ilegítimo. Não importa! É *meu* filho; criá-lo-ei! Educá-lo-ei! Mas, enquanto eu viver, enquanto eu existir, proíbo-lhe que fale a essa criança, que lhe toque, que a requeste! É o que eu queria suplicar-lhe — que não perturbe a

minha tranquilidade e que me deixe devotar-me exclusivamente ao amor dessa criança!... Bem vê, já não lhe proíbo; peço-lhe, rogo-lhe, suplico-lhe que se vá — Oh! Meu Deus! — Que se vá para sempre, para sempre...

Caiu de joelhos a meus pés, numa posição humilde, chorando, sufocada de lágrimas. E rojava-se pálida e suplicante, tão prostrada e tão abatida que fazia dó. Fi-la levantar-se docemente; tão comovidos nos achávamos que alguns segundos decorreram sem que pudéssemos falar.

Eu tomei uma resolução suprema; o exemplo daquela nobre e miserável criatura deu-me energias que me faleciam.

— Pois bem, Flora. Permita-me que a chame assim ainda uma vez. Seu nome soa assim tão bem! Dir-se-ia uma música divina. Oh! Não podê-la eu ouvir sempre!...

E tomando-lhe as mãos, carinhosamente.

— Pobre amor, pobre amor! — prossegui — Sossegue, tranquilize-se. Se, porventura, não me movesse os seus argumentos, bastavam as suas lágrimas para eu submeter-me aos seus desejos. Quem cuida, pois, que eu seja! E que direitos eu haveria de arrogar-me para ir de encontro à sua vontade? Que loucura! Bastava-me amá-la, como a amo e como a amarei sempre, para respeitar-lhe todos os desejos, muito embora eles importem na minha completa renúncia a toda a felicidade [345] na terra! Mas tenho eu direito à felicidade? Não, não! À delicadeza de sua conduta eleva-a ainda mais a meus olhos! Já que assim o quer, sepultaremos o nosso amor até que um dia a expiação da culpa nos torne dignos da felicidade longínqua que talvez ainda nos acene... Será uma doce consolação que talvez nos dê a paz almejada; também se ama pela renúncia do objeto amado e oxalá isto nos

encha de graças e redenções. Respeitarei absolutamente a sua vontade: partirei!

Ela levantou para mim os olhos em que brilhava um reconhecimento indizível.

Como eu me senti feliz naquele instante!

— Obrigada, obrigada!

Levantamo-nos. Nada mais podíamos nem devíamos dizer.

— Então... adeus!

Ela estendeu-me a mão.

— Adeus! — murmurou com uma voz extinta, em que eu vi expirar toda a minha felicidade.

Foi com o coração despedaçado que saí dos Rosais.

Numa igreja distante, soavam Trindades. O crepúsculo avançava. Uma grande paz caía do céu, onde as primeiras estrelas apontavam devagar.

Eu caminhava num passo vacilante, de ébrio.

À esquina, não me pude conter; voltei os olhos para trás; aquela rua afigurou-se-me o caminho de minha existência; e ao longe, como um sonho encantado que se dissipa para sempre, os Rosais afogavam-se e diluíam-se na tinta lenta e saudosa do crepúsculo.



## FICHA TÉCNICA

**Coordenação geral:** Júlio França e Oscar Nestarez

**Coordenação de pesquisa:** Daniel Augusto P. Silva

**Revisão textual:** André Azevedo de Alvarenga

**Preparação:** Malu Schocair

**Comunicação digital:** Rebeca Riga

**Design gráfico e redes:** Renata Luz e Ana Giulia Mussury

# Tênebra

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

